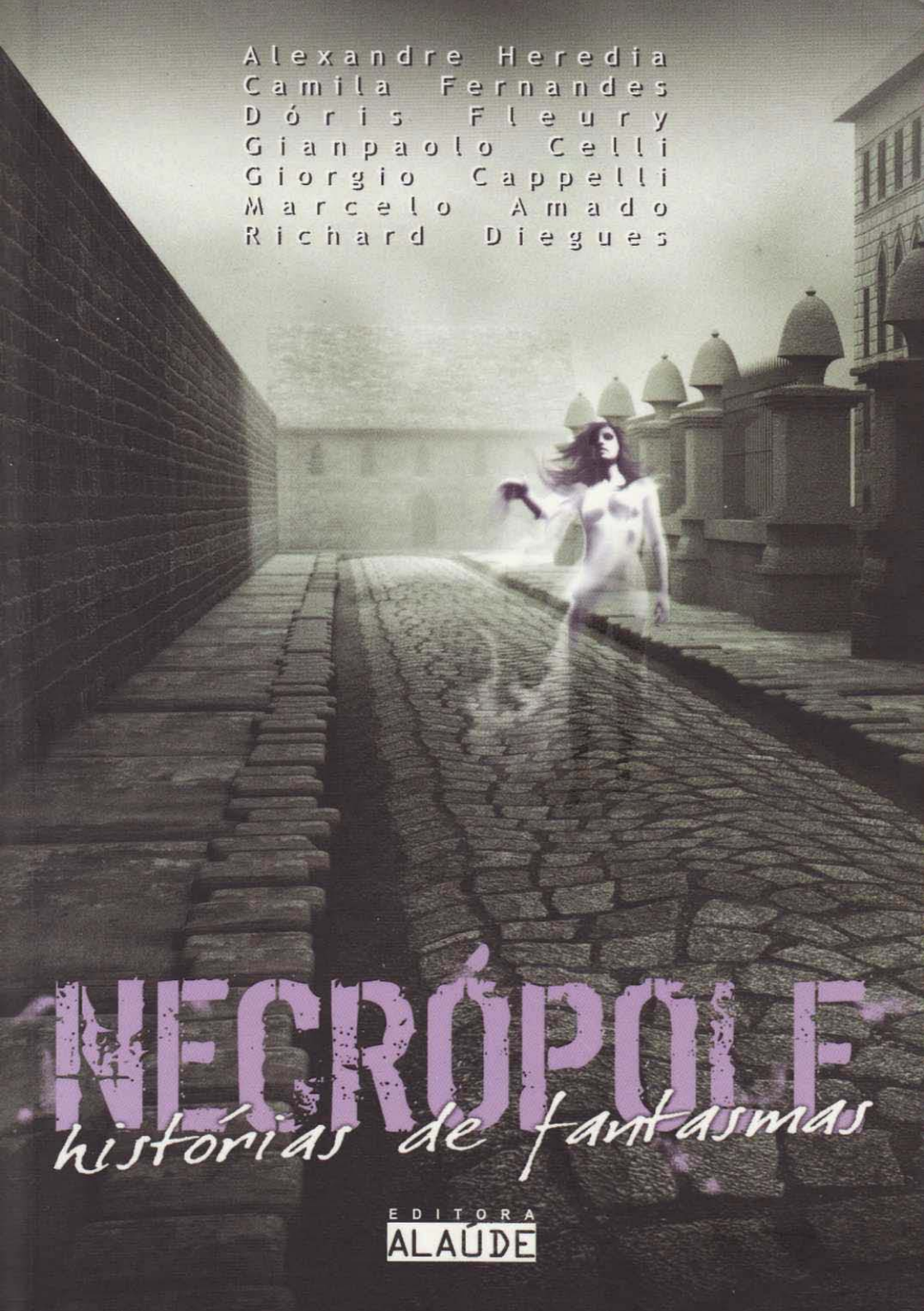


A woman with long dark hair is running down a long, narrow cobblestone street. The street is flanked by a high brick wall on the left and a building with domed roof elements on the right. The scene is dimly lit with a strong purple and blue color cast, giving it a spectral or 'ghostly' appearance. The woman is in the center of the frame, moving away from the viewer.

Alexandre Heredia
Camila Fernandes
Dóris Fleury
Gianpaolo Celli
Giorgio Cappelli
Marcelo Amado
Richard Diegues

NECRÓPOLE

histórias de fantasmas

EDITORA
ALAÚDE



Já nos primórdios da História, as tribos se reuniam à noite em volta da fogueira para confraternizar e contar histórias. Desde então, narrativas de casos misteriosos sempre foram muito populares. Mesmo hoje em dia, as culturas de todo o planeta ainda procuram explicar o inexplicável, sondando aquilo que mais nos repele e simultaneamente nos atrai: o desconhecido. E uma de suas personificações mais freqüentes é a morte.

Por séculos a ciência tem tentado explicar os fenômenos ditos sobrenaturais. O assunto pode parecer distante do seu dia-a-dia, mas pense: quem já não sentiu um calafrio súbito, detectou uma presença invisível ou teve a nítida sensação de estar sendo vigiado por formas que se moviam nas sombras? Qual de nós não tem um amigo, conhecido ou familiar que jura ter feito contato com o Além? Enfim, quem não tem histórias de fantasmas para contar?

Fantasmas... espíritos... assombrações. Há diversos nomes para aqueles que já partiram, mas se recusam a aceitar seu fim. Mas quais seriam as suas razões? Por que eles permanecem aqui, como ecos de um passado indesejado, chamando nossos nomes? Seria por amor ou ódio? Compaixão ou vingança?

As histórias deste livro talvez não contenham tais respostas. Mas certamente tornarão as perguntas bem mais intrigantes!

Aqui, você encontrará narrativas que abordam temas controversos, como violência, religião, crime e remorso. Em cada história, terá a impressão de estar ouvindo uma daquelas lendas urbanas que aconteceram com um conhecido seu. Ou mesmo, quem sabe, com você.

Necrópole: histórias de fantasmas é o segundo vo-

lume da coleção, surgindo como uma resposta ao sucesso de Necrópole: histórias de vampiros, que conquistou leitores ávidos por publicações nacionais de suspense, terror e fantasia.

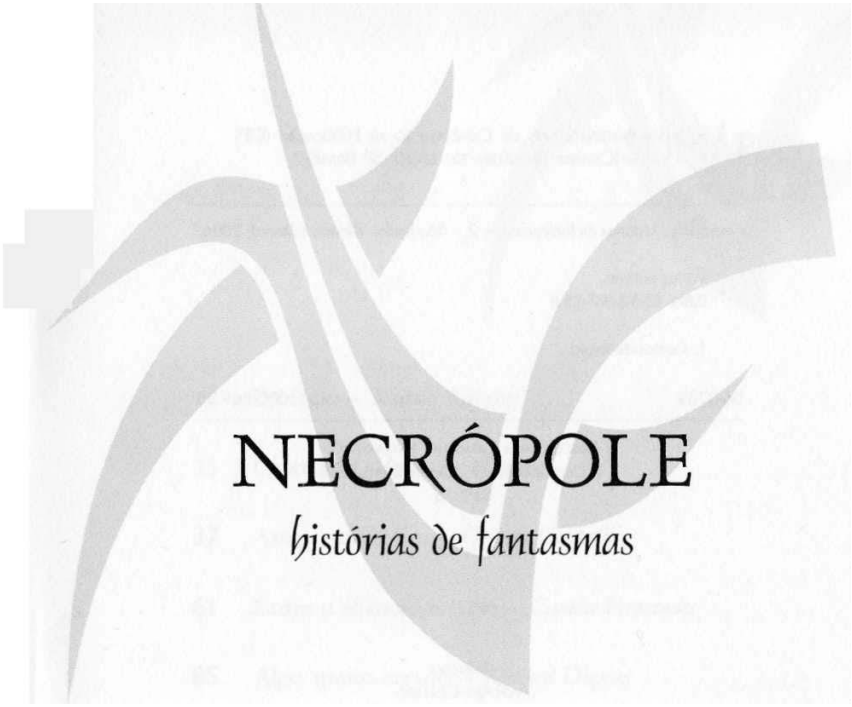
A coleção, inaugurada com Histórias de Vampiros, originou-se do NecroZine, periódico bimestral com contos de suspense e terror, distribuído em eventos culturais como forma de propagação desse gênero literário. Seus criadores — Alexandre Heredia, Camila Fernandes, Gianpaolo Celli, Giorgio Cappelli e Richard Diegues — recebem, neste volume, o reforço de dois talentosos convidados: Dóris Fleury e Marcelo Amado.

Como já acontecia nos contos publicados em NecroZine, na coleção Necrópole os elementos de suspense e terror são dosados com habilidade. O resultado são narrativas bem conduzidas e abordagens sutis. Daí essas histórias agradarem até mesmo aos leitores que não são fãs do gênero de terror.

Neste livro, eles serão envolvidos pelas tramas no ritmo violento de Alexandre, na aguda sutileza de Camila, na agilidade sarcástica de Dóris, na marcante acidez de Gian, na ironia bem-humorada de Giorgio, no mistério persistente de Marcelo e na profundidade psicológica de Richard.

Com este livro em mãos, você perceberá que Necrópole é mais do que uma simples coleção. Ela é fruto de uma proposta forte, de quem não apenas escreve literatura de terror e fantasia, mas faz questão de provocar arrepios de verdade!

Os Necroautores



NECRÓPOLE

histórias de fantasmas

Alexandre Heredia

Camila Fernandes

Dóris Fleury

Gianpaolo Celli

Giorgio Cappelli

Marcelo Amado Richard Diegues

EDITORA
ALAÚDE

Dados INTERNACIONAIS de CATALOGAÇÃO NA publicação (CIP)

(CÂMARA BRASILEIRA do LIVRO, SP BRASIL)

Necrópole: histórias de fantasmas, v. 2. — São Paulo: Alaúde Editorial, 2006.

Vários autores. ISBN 85-98497-35-5

1. Contos de terror.

06-0759 CDD-869. 35

Índice para catálogo sistemático: 1. Contos de terror: Literatura brasileira 869. 35

Editor

ANTONIO CESTARO

REVISÃO

CAMILA Fernandes E Giorgio CAPPELLI

CAPA

CAMILA Fernandes E DAVID Hoffmann

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

FABIANA Fernandes



SUMÁRIO

Prefácio — *Marcia Kupstas*

Catarse — *Alexandre Heredia*

Amigo até o fim — *Giorgio Cappelli*

Entre o silêncio e o pó — *Camila Fernandes*

Algo muito errado — *Richard Diegues*

Finja que não viu — *Dóris Fleury*

Jogo de reis... e damas — *Gianpaolo Celli*

O fotógrafo — *Marcelo Dias Amado*



PREFÁCIO

Sem dúvida, os autores e os editores da coleção *Necrópole* são corajosos. O gênero terror não é dos mais cultuados no Brasil — um editor me contou que é um dos poucos países no mundo em que Stephen King não é best-seller absoluto. Não existe aqui uma tradição literária do fantástico e do sobrenatural que remonte a outros séculos; o gênero adentra o lado escuro da alma, o que requer determinação... Mesmo assim, esses autores aventuraram-se a publicar suas histórias de fantasmas, indo contra a corrente em tantos aspectos.

E fizeram isso de modo contundente. Desenvolveram histórias que saem da esfera cotidiana, com personagens plausíveis em suas tarefas do dia-a-dia e que transcendem suas expectativas ao tropeçarem no sobrenatural... Isso mesmo, tropeçarem — com entidades maléficas, fantasmas ou lugares mal-assombrados.

O resultado é um livro corajoso e sedutor, em muitos aspectos. O estilo é elaborado, mostra bastante pesquisa e observação. “De todos os fantasmas que assombravam seus dias, o mais constante era o da solidão.” — *Entre o silêncio e o pó*; “A dúvida é um veneno saboroso e

instigante.” — *Algo muito errado*; “O cheiro do esgoto invadiu sua memória.” — *Catarse*. Estas são algumas frases pinçadas assim, ao acaso, e que seduzem o leitor.

Um leitor seduzido também pela força das personagens, gente muito estranha e intensa, que ora remete aos livros policiais da década de 30, ao estilo de Dashiell Hammet ou Raymond Chandler, ora aos penetrantes estudos da classe média vivenciando o sobrenatural, como o já citado King consegue tão bem retratar — mas com uma pesquisa particular de escritor que também é leitor curioso e sabe “beber das fontes”, recriando.

Neste volume da coleção, o medo vem em doses ainda maiores, pois Marcelo Amado e Dóris Fleury são os convidados especiais que, com seus contos, trazem mais diversidade à Necrópole.

Necrópole — histórias de fantasmas é um livro bem-vindo no mercado editorial. Apresenta gente audaciosa e determinada. Por isso, leitor, guarde o nome desses autores. E fique atento à produção futura de Alexandre Herédia, Camila Fernandes, Dóris Fleury, Gianpaolo Celli, Giorgio Cappelli, Marcelo Dias Amado e Richard Diegues. São escritores que vieram para ficar.

Marcia Kupstas

Autora de mais de 60 livros; entre eles, romances de terror como *O demônio do computador*, *Gurka* e *A maldição do silêncio*.

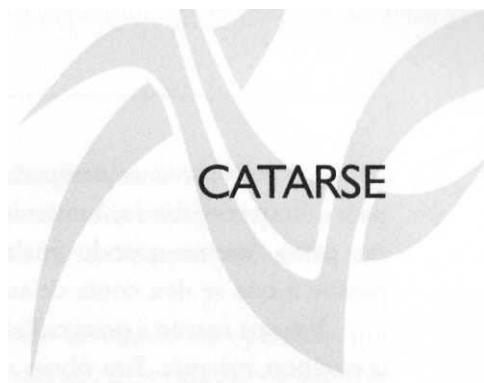


ALEXANDRE HEREDIA

TODO BOM ESCRITOR encontra sempre uma maneira de prender seus leitores. Alguns utilizam seus próprios medos e desejos, causando repulsa e compaixão em proporções equivalentes. Alexandre Heredia domina essas nuances e as usa como ponto de tensão em seus textos.

Violência e crueldade se fundem para apresentar a crua realidade da Necrópole, enquanto grudamos os olhos em seus textos e somos transportados para ambientes onde nada é inviolável.

Em *Catarse*, várias sensações perseguem Júnior. Nenhuma delas, contudo, é tão forte como a fobia. A história nos encaminha para uma visão perversa de uma cidade em que o respeito inexistente. Tudo isso numa trama macabra que se desvela numa vingança mais poderosa — e muito pior — do que a morte.



Não olhemos para trás com fúria, nem para frente com medo, mas ao redor com atenção.

James Thurber (1894-1961)

MAL TIVERA tempo de soltar um palavrão.

Em um instante todo o seu mundo virou uma sequência de flashes e estampidos, e ele sabia que o haviam encontrado. Qualquer esperança de escapar havia escorrido pelo ralo com aquela surpresa. Num momento ele afiava indolentemente sua faca em uma gasta pedra de amolar. No seguinte, rolava e fugia pelo chão imundo, desesperado por encontrar algum lugar para se abrigar. No auge da adrenalina, jogou-se dentro daquele velho e abandonado freezer industrial, batendo a porta em seguida com força exagerada. Balas atingiram e ricochetearam no metal pelo lado de fora, mas não a penetraram. Ouviu as risadas se aproximando e num gesto rápido sacou a faca e com um golpe violento expôs o mecanismo do trinco. Enfiou a ponta entre as engrenagens e bloqueou seu movimento

bem a tempo, pois logo em seguida eles chegaram e tentaram abrir a porta. Sentiu cada gota de suor escorrendo em sua testa e pescoço quando o mecanismo começou a balançar. Apertou com mais força a faca contra as engrenagens, até que ela se partiu no último quarto da lâmina, danificando irremediavelmente a tranca. Ninguém poderia entrar ou sair de lá. Ouviu os xingamentos e blasfêmias abafados do lado de fora, mas eles rapidamente foram substituídos por risadas de novo. Em seguida, ouviu ruídos de coisas sendo arrastadas e encostadas junto à porta e soube que não sairia tão cedo daquele lugar, mesmo se conseguisse por um milagre consertar a tranca avariada. Algum tempo depois as vozes desapareceram, abandonando-o por completo. Respirou fundo, tentando acalmar o coração agitado em seu peito. Apenas quando finalmente a tremedeira da adrenalina passou é que se deu conta de sua situação.

Em sua mente a palavra “idiota” teimava em se repetir numa constância irritante. Era óbvio que eles o seguiriam até o galpão da velha fábrica. O que ele tinha na cabeça? Era para lá que todos os que tinham alguma coisa a esconder ou de quem fugir iam, pois ficava distante o suficiente do centro, em uma região tão inóspita e abandonada que nem mesmo a polícia tinha coragem de se aproximar. Não entendia exatamente por que razão havia escolhido aquele lugar. Era como se uma voz em sua mente o conduzisse até lá. E com isso, acabou dando a eles exatamente o que queriam: um lugar discreto para uma execução sumária. De brinde, ainda ganharam uma lenta e agonizante tortura, enquanto ele ficava lá, preso e condenado a morrer de fome e sede, pois era certo que ninguém viria resgatá-lo.

No escuro, verificou o estado de sua faca. Estava torta e a ponta havia desaparecido, deixando a extremidade da lâmina quase completamente retangular. “Ótimo, maravilha!”, analisou com um sorriso amargo. Jogou-a com raiva no chão e passou a verificar o ferimento na perna. A calça de moletom estava empapada de sangue, mas o ferimento havia sido de raspão. Chegou a perfurar a pele e atravessar um músculo de sua coxa, mas nada fatal. Apenas havia perdido temporariamente o movimento da perna. Xingando em voz baixa, rasgou uma faixa do tecido da calça e improvisou um curativo, pois o sangue escorria lentamente pelo orifício calcinado em sua pele, e não pretendia morrer por causa de um ferimento tão ridículo.

Riu da própria sorte. Aquele não era o primeiro revés de sua curta e atribulada vida. “Lembre-se da batida na rua de baixo”, pensou, recordando-se do que até então fora o mais próximo da morte que ele jamais estivera. O cheiro do esgoto invadiu sua memória da mesma maneira que tinha feito com suas narinas naquela vez. Esgoto que foi ao mesmo tempo sua rota de fuga e a causa de uma infecção que quase o matou. Mas ele sobrevivera, mesmo indo contra todas as chances. Só precisava se acalmar e uma solução viria. Sempre vinha. Só não podia perder a cabeça.

A escuridão do compartimento arruinado não permitia que ele fizesse uma inspeção mais detalhada, mas cambaleou junto às paredes enferrujadas de modo a ao menos traçar o perímetro onde ele se encontrava. Seis passos de comprimento por quatro de largura. Do tamanho exato de um mausoléu improvisado, um depósito para sua futura carcaça.

Sacudiu a cabeça, tentando espantar aqueles pensamentos. Só por desencargo, tentou forçar novamente o trinco da porta hermética. Tentou uma, duas vezes, quase estourando uma veia em sua têmpora por causa do esforço, mas nem o trinco nem a porta se moveram um milímetro sequer. Finalmente, desabou no chão empoeirado. Não, aquela não seria sua saída. Os rapazes de Zé Bruxo, aliados à sua estupidez, haviam garantido isso. Que ironia! Conseguiram matá-lo sem sujeira, sem dor de cabeça. Só precisaram levar o cadáver em potencial para dentro de seu esquife e lacrá-lo lá dentro. Uma simples arapuca na qual ele tinha caído como um passarinho retardado.

Mas não iriam vencê-lo. Não daquela maneira tão banal. Ouviu seus tímpanos reverberarem com seus batimentos cardíacos e sua respiração forçada, e fechou os olhos. Esforçou-se para respirar fundo três vezes. Sem pânico, sem desespero. Era apenas mais um problema, igual a tantos outros. Na verdade, até melhor, pois quando conseguisse escapar estaria oficialmente morto para seus perseguidores e pronto para recomeçar tudo do zero. Estava farto daquela vida insana.

Ergueu-se com dificuldade. A perna doía como se estivesse em chamas, mas ele imediatamente depositou a dor no fundo do cérebro. Não era hora de se lamentar por causa de um ferimento tão pequeno. Já havia sobrevivido até a um pulmão perfurado por uma faca, durante a briga com Sardinha. Briga da qual, apesar do ferimento, ele saiu vitorioso. Não seria um mero tiro na coxa que o mataria. Apoiou-se na parede e rapidamente tateou-a. Procurou por algum tipo de duto de ventilação ou abertura. Amaldiçoou-se por ter abandonado a velha lanterna do lado de fora. Mas como poderia ter pensado naquilo durante o

tiroteio? Sacudiu a cabeça. Poderia divagar o quanto quisesse depois. Mas agora ele tinha que ser prático, arrumar um jeito de fugir daquele tumulto imundo e fedorento. Tateou freneticamente as paredes de metal, a ferrugem e a tinta velha desmanchando sob suas mãos ansiosas, até que finalmente seus dedos alcançaram uma grade. Quase chorou de alegria.

Mas a alegria foi imediatamente substituída pela frustração. A grade não possuía mais do que quinze centímetros de lado. Mesmo que conseguisse abrir a passagem, seria impossível atravessá-la. Em desespero, socou a parede e gritou até que suas mãos doessem. Caiu sentado novamente no chão, chorando e soluçando. Era o fim, eles tinham finalmente conseguido pegá-lo. Não havia escapatória, iria morrer naquele maldito freezer. E por quê? Por quê?



A primeira coisa que percebeu foi que o tempo passava de maneira diferente naquela solitária. Parecia que estava lá havia horas, mas uma breve olhada nos ponteiros luminescentes de seu relógio demonstrou que mal tinham se passado quarenta e cinco minutos. Tocou sua perna e constatou que o sangue nela ainda estava úmido. Não tinha conseguido estancar a hemorragia. Improvisou um torniquete, usando o cabo da faca como alavanca, e apertou até que a dor ficou quase insuportável. Recostou a cabeça na parede e espantou um calafrio. Mais um pouco e ele provavelmente entraria em choque. Sem forças para continuar lutando, fechou os olhos e permitiu que o cansaço vencesse. Precisava descansar, colocar a cabeça em

ordem. Só assim teria capacidade de sair daquela armadilha de uma vez por todas.

Despertou assustado algum tempo depois. Piscou os olhos para a escuridão até que sua mente se recordasse de sua atual situação e constatasse que tudo não havia passado de um sonho. Espreguiçou-se e, quando o fez, sentiu os pêlos de sua nuca se eriçarem, e aquilo o deixou assustado. Aprendera a confiar em seus instintos e sabia que aquele arrepio nunca significava coisa boa. Tocou a perna sem tirar os olhos da densa escuridão que o cercava. O sangue havia parado de escorrer e até mesmo a dor havia diminuído, apesar de ainda não conseguir mover o membro. Mas ao invés de ter os ânimos renovados, sentiu-se miserável, assustado como uma barata na mira de um chinelo. Sentia que já não estava mais sozinho naquele freezer, por mais maluca que parecesse aquela idéia. Lentamente ergueu-se, a perna ferida esticada. Seus olhos vasculhavam o negrume à sua frente rapidamente, em busca de algum sinal de reconhecimento. Suas pupilas estavam dilatadas o suficiente para que enxergasse o mínimo, mas mesmo assim não reconheceu absolutamente nada diferente.

“Que bobagem!”, pensou, esforçando-se em se acalmar. Não havia como entrar ou sair daquela caixa de metal. Se houvesse, ele queria ser o primeiro a descobrir. Olhou o relógio, mas não conseguiu ler as horas. Os ponteiros haviam se apagado graças à longa ausência de iluminação. Mas o ronco em seu estômago foi o suficiente para que ele descobrisse que havia dormido bastante tempo. Mancou novamente até a porta e, sem muita esperança, testou a maçaneta. Ainda nenhum movimento. Encostou o ouvido na superfície de metal e tentou ouvir algum ruí-

do no exterior. Talvez algum mendigo ou moleque se drogando estivesse por lá, mas não ouviu nada. Mesmo assim, esmurrou a porta algumas vezes e gritou por socorro. Nada, nem um ruído sequer. Frustrado, afastou-se da porta, sentando-se com as pernas cruzadas no chão sujo. Instintivamente, tirou do bolso da camisa um amarrotado maço de cigarros e imediatamente amaldiçoou-se por ser tão estúpido. Sacou o isqueiro de dentro do maço com uma risada quase histérica. Ele tinha uma fonte de luz, finalmente! Girou o faiscador duas vezes, sem que houvesse nenhuma chama, apenas fagulhas que iluminavam o ambiente por milisegundos. Sacudiu-o violentamente, xingando e resmungando, e tentou mais uma vez. Finalmente uma tímida labareda se ergueu.

— Puta que o pariu! — gritou, largando o isqueiro e jogando-se desajeitadamente para trás, caindo dolorosamente no chão cheio de poeira acumulada. Arrastou-se até a parede, e lá sua mente de imediato começou a negar o que tinha visto. Só podia ser sua imaginação pregando peças, uma ilusão de ótica, qualquer coisa. Mas lá no fundo ele sabia que conhecia aquele rosto que surgiu à sua frente, iluminado rapidamente pela chama fraca de seu isqueiro. E sabia de mais uma coisa: a dona daquele rosto já estava morta.



A meia hora seguinte ele passou tentando racionalizar a experiência. Mas por mais que elaborasse teorias e explicações, apenas a lembrança daqueles grandes olhos completamente negros mirando-o cadavericamente eram suficientes para que ele retornasse à explicação mais in-

concebível. Por meia hora não se moveu. Respirava irregularmente. Seus olhos perscrutavam a escuridão eterna daquele aposento, em busca de um movimento discreto, uma luz ínfima, qualquer coisa que acusasse a presença que ele tinha certeza estar lá, junto com ele. Chegou a apertar o estômago resmungão duas vezes, para que o barulho não a assustasse. Gotas de suor escorriam por sua testa, desviavam-se em suas sobranceiras e pingavam em seu peito. O nariz escorria, mas ele se recusava a fungar. Tudo que ele tinha era o silêncio absoluto de sua solitária.

Finalmente, retomou a serenidade e voltou a pensar com alguma clareza. Havia sido uma ilusão, uma alucinação impulsionada por sua atual situação desesperadora, pensou. Memórias retornando apenas para atazaná-lo. Precisava se livrar delas, manter o foco de sua mente em apenas uma coisa: sair dali. Todo o resto era secundário.

Lambeu os lábios secos e sentiu o gosto amargo da poeira de décadas de abandono. Amaldiçoou-se novamente por ter sido tão estúpido a ponto de achar que Zé Bruxo não iria procurá-lo lá. “Filho duma puta!”, praguejou em seu íntimo. Por três dias seus capangas o perseguiram, e por três dias ele conseguiu escapar. Por essa razão, tornou-se displicente, confiante demais. E agora estava lá, condenado a morrer no mesmo lugar que por um lapso de raciocínio achou que seria um bom esconderijo. Encurralado e condenado por causa de uma única besteira.

Mas como ele iria imaginar o que aconteceria? Se soubesse que terminaria com metade do morro em seu encalço, com certeza teria se afastado da casa muito antes. Mas certas coisas são irresistíveis, estão além de qualquer tentativa de fuga ou recusa. Era o que sua mãe sempre dizia: “Se você quer alguma coisa, vá lá e pegue! Não fique

esperando te darem”. E aonde aquilo tudo o havia levado? Abandonado para morrer na porcaria de um freezer abandonado. “Era nisso que você estava pensando, mãe?”

De repente um ruído leve de arrastar assaltou seus ouvidos. Seus olhos se arregalaram imediatamente, e ele sabia que não conseguiria ignorar aquela presença. Seu estômago congelou, suas entranhas se reviraram. Queria abrir a boca e falar alguma coisa, mas um caroço em sua garganta o impedia. Novamente, sentiu os pêlos de sua nuca se arrepiarem e o coração disparar. Vasculhou a escuridão freneticamente com os olhos, até que, em sua semi visão periférica, captou um par de brilhos tênues, lado a lado, tais quais pequenas jóias iluminadas pela lua. Piscou os olhos, de modo a lubrificá-los, e voltou-se para o local. E lá estavam aqueles brilhos. Oscilavam rapidamente entre o esbranquiçado e o avermelhado e flutuavam no fundo do pequeno aposento. Ficaram parados lá um instante, e em seguida passaram a migrar para o lado, e o ruído de arrastar os acompanhou. Era um ruído abafado, como se uma tira de carpete estivesse sendo arrastada pelo chão.

— Quem está aí? — perguntou, com um fio estrangulado de voz. Sua única resposta foi o súbito estagnar dos pequenos globos flutuantes. Os cabelos da nuca voltaram a se arrepiar e ele sentiu um suor frio escorrer por suas costas, mesmo o ambiente estando completamente seco. Piscou duas vezes, na esperança de que aqueles diminutos brilhos desaparecessem, mas sua tática não funcionou. Eles continuavam lá, como dois olhinhos observando-o, impassíveis a seu medo, ou talvez atraídos por ele. Temia descobrir de quem seriam aqueles olhos. Mesmo assim sua mente se recusava a aceitar que aquilo não

passava de alguma ilusão de ótica ou efeito natural, e não algo de outro mundo. Apesar disso, permaneceu parado, encarando os olhos que o encaravam.

Subitamente, sentiu uma leve brisa em seu ouvido. Apurou-o o suficiente para ouvir um sussurro baixo, sibilante, assustador, que penetrou em seu cérebro:

“Júnior!”

— Ah, merda! — gritou, jogando-se para o lado. Ouviu imediatamente um silvo assustador, vindo da direção dos pequenos olhos, que ecoou pelas paredes do recinto e, em seguida, sem que conseguisse perceber em que direção, os brilhos desapareceram. Seu corpo inteiro tremia. Era a segunda vez que aquele espírito, aquela presença, o assombrava, e agora ele tinha certeza de que não era obra de sua mente, pois ouviu claramente a voz de Rebeca chamando seu nome em seu ouvido.



Rebeca. Em última instância, foi a causadora daquilo tudo. A bruxa que o arrastou para aquele inferno, para aquela morte horrível e solitária. E que agora, na hora de sua maior agonia, retornava apenas para assombrá-lo. Sentiu-se cansado. Será que nem o direito a uma morte tranqüila ele teria? Será que tudo em sua vida precisava ser tão complicado?

Esfregou os olhos, espantando as lágrimas. “Sem viadagem, Júnior!”, pensou, repetindo o mantra de Zé Bruxo. Aquilo com certeza era sua mente transtornada lhe pregando peças. Rebeca estava morta e enterrada. Seria possível que seu espírito estivesse lá apenas para vê-lo morrer? Se fosse, ele se recusaria a dar a ela aquele prazer.

Iria sobreviver, iria sair de lá, nem que fosse apenas para provar a ela que podia.

— Está me ouvindo, Rebeca? — murmurou, ri-lhando os dentes. — Eu vou sair dessa, como saí de todas as outras. Fique por aí e confira!

Mas sua bravata era tão vazia quanto aquele freezer. Sem as ferramentas necessárias e sem alternativas de fuga, tudo o que lhe restava era sentar e aguardar que, por alguma obra do destino, alguém aparecesse para libertá-lo. E, enquanto isso, tinha apenas um par de olhos flutuantes, sua imaginação e um possível fantasma para lhe fazer companhia.



Pior que a fome e a sede era o tédio. Nunca conseguiu permanecer mais do que quinze minutos parado em algum lugar. Hiperativo, era do que o chamava sua professora do primário. E ele era, realmente. Odiava fazer suas lições. Preferia correr como um alucinado pelo pátio, mesmo que fosse sozinho, para o desespero das freiras. Colégio católico. No que sua mãe estava pensando? Talvez ela tivesse alguma esperança em seu futuro, caso fosse criado em uma escola com pretensos valores morais elevados. Apenas aprendeu o quão cruéis as crianças podem ser com o que não compreendem completamente ou com o que foge de seus padrões. Aprendeu muito cedo o significado de palavras como “preconceito” e “rejeição”. Não durou muito tempo até que as fofocas se tornassem altas demais para serem ignoradas e que ele fosse amavelmente convidado a se retirar.

Rebeca nunca compreendeu por que ele sempre se recordava com um misto de nostalgia e amargura de seus tempos de escola. Lembrou-se do dia em que perdeu a paciência e jogou a explicação em sua cara: “Você sempre foi uma putinha mimada, por mais que o merda do seu pai ainda teime em chamá-la de princesa. Nunca precisou lutar por respeito. Sempre teve tudo de mão beijada! Você nunca compreenderia.”

Um estalo na parede oposta à dele o tirou de seus devaneios. Foi um ruído seco, como o de um osso de galinha sendo partido ao meio. O som não ecoou nas paredes de metal, e aquilo foi o suficiente para alarmá-lo. No fundo, sabia que ela havia retornado, mas preferiu pensar se tratar de alguma coisa caindo ou se acomodando graças à mudança de temperatura de ter uma pessoa viva e respirando naquele lugar abandonado por todos. O estalo se repetiu, e aquilo o deixou estático. Mal respirava. Procurou pelos pequenos brilhos no fundo do freezer, mas não viu nada. Novo estalo, desta vez mais próximo, tanto que seu corpo inteiro se convulsionou de susto. Abriu a boca para perguntar quem estava ali, mas a voz não saiu. Pela visão periférica captou uma sombra se aproximando velozmente ao seu lado, e de repente ele não conseguia mais respirar. Era como se dedos invisíveis apertassem sua garganta, fechando sua traquéia e impedindo que o ar entrasse em seus pulmões. Esperneou, a dor do ferimento na coxa esquecida temporariamente, e tentou se livrar daquele aperto. Em meio aos pontos escuros e brilhantes que surgiam em sua vista, divisou na penumbra o rosto cadavérico de Rebeca mais uma vez. Os olhos desprovidos de sentimento miravam-no bem de frente. Tentou empurrá-la para longe, mas seus dedos atravessaram-na como se

fosse feita de ar. Quando estava perto de perder os sentidos, ouviu novamente os estalos, agora ritmados como se quisessem dizer alguma coisa. Imediatamente o aperto em seu pescoço afrouxou, e o ar entrou dolorosamente em seu peito. Aspirou-o sonoramente, tossindo e engasgando até que conseguisse restabelecer-se.

Mas o fato de continuar vivo já não era mais um consolo. Diferente do que imaginava, Rebeca era, sim, capaz de feri-lo. E aquilo, muito mais que a perspectiva de uma morte longa e sofrida em um freezer abandonado, era realmente assustador, pois contra um fantasma ele não teria nenhuma defesa ou alternativa de fuga.

Quando voltou a sentar-se, percebeu que os pequenos brilhos estavam lá de novo, parados em sua posição de vigília.



Nem tinha percebido que havia cochilado até ser despertado por um ruído familiar. Vozes! Vindas do lado de fora! Ergueu-se desajeitadamente e colou o ouvido na porta. Sim, definitivamente havia alguém lá fora. Não pensou duas vezes, e passou a berrar e esmurrar a porta, chamando-os. As vozes subitamente pararam. Gritou mais e mais, esmurrando a porta violentamente.

— Ei! Ei! Socorro!

De repente as vozes foram substituídas por risadas. Provavelmente eram os capangas de Zé Bruxo que retornaram apenas para verificar se ele ainda estava vivo. Sentiu o desespero tomar conta de seu corpo e esmurrou cada vez mais forte a porta, as lágrimas escorrendo de seu rosto. Implorou para que eles o tirassem de lá, mas seus pe-

didos apenas receberam mais risadas como resposta. Parou quando as mãos estavam tão doloridas que continuar seria impossível. Mesmo assim, continuou gritando até que sua voz desapareceu e foi substituída por soluços angustiados. Caiu novamente no chão, e lá permaneceu por um longo tempo, miserável e derrotado. Em seu desespero, ouviu passos se aproximando às suas costas, mas não se voltou, temendo o que poderia ver. Ao invés disso, continuou em sua posição, com o rosto colado à porta e as mãos machucadas na frente de seu corpo. Depois de um tempo, sentiu uma brisa lambê-lo o ouvido, e em seguida um sussurro quase inaudível reverberou por seu cérebro.

“Inútil...”



A faca arruinada repousava em sua mão. No estado em que ela se encontrava, seria impossível enfiá-la entre as costelas, acertar seu coração e dar a ele o alívio de uma morte rápida, mesmo que dolorosa. Um golpe. Um coração. A soma exata para o fim daquele sofrimento, sem fantasmas, sem conflitos de consciência, sem memórias amargas. Um golpe seco e estaria tudo terminado.

Mas aquela já não era uma opção. Testou com o polegar o gume afiado. Poderia simplesmente abrir os pulsos ou mesmo a garganta. Seria mais lento que o golpe no coração, mas igualmente eficaz. Dois cortes precisos e alguns minutos depois ele estaria morto, deitado sobre seu próprio sangue. Era uma opção viável e até mesmo compreensível em sua atual situação.

Então por que ele vacilava? Sabia que aquela era a solução mais óbvia, por que não a tomava? Por que adiava o inevitável daquela maneira, mesmo a esperança já estando completamente perdida?

No fundo, sabia muito bem o porquê, mas não queria admitir. Havia sido aquela a solução por que sua mãe optara, tantos anos atrás. A memória dela esparramada em sua cama na casa, no meio da noite, da poça de sangue que manchava o lençol, dos olhos arregalados e vazios de vida fitando-o. Ele, uma criança de pouco mais de seis anos. Ela, uma prostituta com sérios problemas mentais. Em um momento, era um exemplo de mãe. No seguinte, era uma alucinada em disparada pelos corredores da casa, freqüentemente nua e descabelada, arranhando-se e arrancando os cabelos, até que alguém a segurasse ou a esbofeteasse para que ela ficasse calma. Após a derradeira crise que resultou em seu suicídio, Júnior ficou sozinho no mundo, pois nunca soube quem realmente foi seu pai.

Não, não seguiria aqueles passos. Se era para morrer naquela caixa de metal, seria necessário muito mais do que uma faca em seus pulsos. Preferia sofrer com a fome e a sede do que tirar a própria vida como ela havia feito. Não daria aquela alegria a Zé Bruxo, ou a Rebeca.



Os pequenos olhos retornaram. Minúsculos brilhantes que o fitavam ininterruptamente, julgando-o, analisando-o com alguma lógica sobrenatural. Seriam aqueles olhos de alguma criatura viva? E se fosse, por qual buraco ela havia entrado? Ou será que estaria naquele lugar antes mesmo de a porta ser trancada e agora compartilhava de

seu destino funesto? Não teve coragem suficiente para averiguar aquela teoria, e os olhos permaneceram lá, fitando-o no que parecia uma fúria contida, impassíveis a suas dúvidas. Sabia que, mesmo que fosse algum bicho, não teria forças para alcançá-lo. E com certeza muito menos para matá-lo, comer sua carne e beber seu sangue. E por que faria aquilo? Para que adiar ainda mais seu sofrimento? O certo era que morreria ali. Gostaria de ser crente para rezar por um milagre, mas havia deixado de acreditar em soluções milagrosas desde o suicídio de sua mãe. Desde o dia em que passou a ser criado por Zé Bruxo e suas tolas superstições, com seus talismãs e patuás tilintando em seu pescoço. Desde o dia em que perdeu de vez qualquer resquício de inocência, quando foi brutalmente curado por um bêbado Zé Bruxo, com direito até a uma lição de moral deturpada: “Se é pra se foder, que seja logo aqui dentro. Aí tu não vai ter mais nada a perder!” Foi então que, junto com as risadas ébrias do maldito, finalmente percebeu que estava completamente por sua conta, que ninguém viria salvá-lo, que precisaria aprender a sobreviver, ou seria tragado por aquela maldita cidade imunda, aquele maldito cemitério fedorento habitado apenas por cadáveres ambulantes e amorais.

E, analisando friamente, era exatamente o que tinha acontecido.



Ela aparecia de vez em quando. Surgia das sombras, os olhos negros estampados na face cinzenta como uma massa de epóxi. Olhos mortos. Olhos sem nenhuma emoção. Eram apenas relances, mas ele sabia que ela estava ali

o tempo todo. Não perderia de maneira nenhuma sua morte, criatura insensível que era. No fundo, eram olhos vingativos, desejosos, ansiosos. Ele conseguia enxergar até mesmo uma certa alegria neles, mesmo que esta fosse fugidia e efêmera. “Não hoje”, pensava. “Não agora. Volte mais tarde, e quem sabe? Mas não agora. Ainda há força nesta carcaça.”

E ela desaparecia, tragada de volta às sombras de seus cabelos negros e encaracolados como cavacos de madeira queimados. E a tudo aquilo os pequenos olhos observavam, impassíveis.

De repente, ouviu as vozes outra vez. Alguém estava lá fora, perto da porta, conversando. Mas ele não se mexeu. Continuou ali, sentado no chão sujo de poeira. Não tinha mais forças para gritar ou mesmo esmurrar a porta. Sua boca se abriu e fechou algumas vezes, mas nenhum som audível saiu de sua garganta seca. As vozes continuaram por algum tempo, aproximaram-se e pararam por um instante. Retornaram logo em seguida, e ele imaginou terem chamado seu nome, mas não tinha mais certeza de nada. Depois de um tempo, desapareceram novamente.

E tudo que ele queria naquele momento era ainda ter lágrimas para poder chorar.



Depois da curra de Zé Bruxo, o gigolô passou a tratá-lo como um herdeiro de seu pequeno império de pecados. Mas aquilo não o impedia de, sempre que podia, humilhá-lo e rebaixá-lo. Sua piada predileta era seu nome. “Um filho de uma puta chamado Júnior!”, gritava, toda

vez que se lembrava, e ria abertamente aquele sorriso que tinha desde dentes podres e vãos de gengiva a um solitário e amassado dente de ouro. E todos riam com ele, até mesmo Júnior, pois sabia que se não o fizesse seria pior, e ele não queria dar ao gigolô mais motivos para espancamentos ou abusos.

Mas mesmo aquele medo não o impediu de ficar fascinado pelos olhos negros, pelos cabelos encaracolados e pela pele mulata de Rebeca, a filha legítima de Zé Bruxo, que foi criada na casa por muitas mães da vida. Viu-a crescer e florescer, sempre cercada de cuidados e de presentes caros. Uma cobra criada, uma menina mimada e cruel, que não tinha pudores em berrar e jogar na cara qualquer regalo que não a agradasse.

Júnior, que havia recém completado dezenove anos, não conseguiu evitar se apaixonar. Zé Bruxo nada percebeu a princípio. Apenas quando uma das garotas da casa o avisou de seus olhares maliciosos ele se deu conta do que estava acontecendo. De todas, aquela havia sido sua maior surra. O saldo foram duas costelas quebradas (e porcamente remendadas por Tonhão, leão de chácara da casa, que alegava ser treinado em primeiros socorros), um nariz torto e uma funda cicatriz em sua face esquerda, feita por uma navalha quase cega, que rasgou pele e músculos impiedosamente, deixando seu rosto deformado para sempre. “Isso é só um aviso”, disse Zé Bruxo em seu ouvido, após o espancamento. “Se eu te pegar se engraçando com minha princesa, corto tuas bolas e te faço engolir! Tá compreendido?”

Mas quem conseguia refrear os instintos de um jovem, mesmo sob ameaça de castração? Ainda que seu rosto carregasse uma permanente lembrança macabra, seu

coração permanecia intacto, e com uma única dona: Rebeca, dos cavacos negros e esvoaçantes, da pele brilhante e caramelada, dos grandes e brilhantes olhos cor de piche. Foi por ela que correu todos os riscos. E foi por causa dela que ele agora estava trancado naquele buraco.

“Valeu a pena?”, ouviu-a sussurrar em seu ouvido. Ele tentou rir, mas apenas conseguiu tossir.

—Valeu — disse, a voz saindo fraca e irritante como o som de unhas num quadro negro. — Cada instante. Cada segundo.

O silêncio retornou, mas ele sabia que ela permanecia lá, por isso continuou, esforçando-se o máximo que conseguia para se fazer ouvido.

— Quer saber por quê? Foi você quem planejou tudo desde o começo, sua putinha. Fui apenas mais um brinquedo seu. Você implorou por aquilo, e sabe muito bem disso. Seu pai deveria ter compreendido, mas ele estava cego pelo ódio — tossiu. — Você achava que ele te amava, mas Zé Bruxo não sabe o que é amor. Ele nunca te amou. Era apenas posse, território, como um bicho selvagem, entende? Você não passava de um símbolo a ser defendido. Mas você sabe disso, não sabe?

Parou de falar para recuperar o fôlego. Sua garganta parecia estar em carne viva, seca e dolorida. Cada golfada de ar parecia um gole de areia fina e escaldante. Esperou alguns instantes até que sua respiração voltasse ao normal e apurou os ouvidos. Esperava continuar aquele diálogo, por mais insano que parecesse. Ironicamente, talvez aquela fosse a única maneira de manter a própria sanidade.

— Eu nunca te amei de verdade, sabia? — disse, depois de não ouvir nada. Mas sabia que aquilo a feriria, por isso ignorou o incômodo na garganta e continuou. —

Nunca. Você era apenas mais uma puta, igualzinha à tua mãe. Eu comi a tua mãe, sabia? Foi uma merda, a pior trepada de minha vida.

Ouviu um rangido no fundo do freezer e olhou para a direção do ruído, já esperando ver os olhos brilhantes observando-o, mas eles não estavam lá. O rangido virou uma pequena contusão de sons indistintos, semelhante a uma pilha de coisas caindo pelo chão. De repente, ouviu algo zunindo perto de sua cabeça e espatifando-se na parede atrás dele. Sentiu as lascas da pedra que quase o atingiu ricochetearem na parede e o acertarem nas costas. Levantou os braços e protegeu o rosto no exato momento que outra pedra vinha em sua direção. Sentiu a carne das costas de sua mão se abrir com o impacto e o sangue jorrar pelo rasgo aberto. Mais uma pedra, desta vez em seu peito, fez com que ele perdesse o fôlego momentaneamente. Jogou-se de lado no chão, encolhendo-se todo. Mais pedras foram arremessadas, algumas atingindo suas pernas e braços, outras se espatifando ruidosamente na parede de metal. No meio do bombardeio, ouviu um silvo horrendo, semelhante a uma faca arranhando um cano de ferro, e então a chuva de pedras parou. Seus membros estavam doloridos e machucados, mas mesmo assim ele fez questão de olhar para o fundo do freezer e se certificar de que os pequenos olhos haviam retornado. Um grave e baixo rugido ecoava pelas paredes, e ele sabia que Rebeca havia ido embora. Chegou a pensar em agradecer à criatura por aquela intervenção, mas ao invés disso permaneceu lá, deitado e ferido.



Por um instante ele não estava mais naquele freezer. Por um segundo ele não estava urinando na mão em forma de cuia e bebendo o mijo quente apenas para matar aquela sede atroz. Por um momento ele estava de pé ao lado de sua mãe, na cozinha da casa, que retirava do forno uma travessa de biscoitos de mantecal, seus favoritos. Sempre que estava em suas fases tranquilas ela cozinhava para ele. Lembrou-se do cheiro adocicado invadindo suas narinas, da saliva preenchendo sua boca ainda repleta de dentes de leite. Lembrou-se também da ardência pungente em seus pequenos dedos ao desobedecer à mãe e tentar pegar um dos biscoitos antes que eles esfriassem. Bolhas de pele cheias d'água surgiram nas pontas de seus dedos assim que sua mãe os colocou embaixo da torneira. Mas, acima de tudo, lembrou-se das palavras aveludadas e dos olhos embaciados e meio estúpidos dela enquanto passava a fedorenta pomada de picrato nas queimaduras: “Não seja afobado”, disse ela, com a doçura típica de todas as mães quando querem dar alguma lição, mesmo as malucas. “Tudo tem sua hora de acontecer. Sempre que você for apressado, irá se queimar.”

“Aqui estou eu, mãe”, pensou ao retornar a seu claustro involuntário e ao gosto de urina ardendo em sua garganta. “Queimando em meu inferno particular, pois não consegui me controlar.”



— Rebeca! — ouviu-se gritando. — Rebeca! Não obtive resposta.

— Rebeca! Caralho, cadê você?

Subitamente os dois brilhos retornaram ao fundo do freezer. Mas não era aquilo que ele estava chamando, então arremessou algumas pedras em sua direção.

— O jantar não está servido ainda — disse com escárnio forçado. — Volte mais tarde!

Os olhos não se mexeram. Ele também não. Miravam-se. Aqueles olhos sobre ele o incomodavam, o irritavam. Olhos amarelados, impassíveis, cruéis, ansiosos. Decidiu que não queria mais vê-los, então cerrou os seus.

— Suma daqui! — gritou, sacudindo o braço debilmente. — Vá atazanar outro. Xô!

Mas a criatura continuou sua vigília. Não piscava, não se movia. Apenas permanecia ali, observando-o morrer. Um bicho paciente e sádico.

— Rebeca? REBECA!

Não obteve resposta, mas começou a racionalizar tudo o que havia experimentado até aquele momento. Era óbvio que Rebeca queria feri-lo. No mínimo enlouquecê-lo. E era óbvio também que ela de algum modo respeitava aquele par de olhos que teimavam em surgir de tempos em tempos. Por quê, ele ainda não havia conseguido compreender.

— O que você quer de mim? — perguntou para a criatura, que permaneceu imóvel. — O que eu te fiz para merecer esta tortura? Pelo amor de Deus, me diga! Essa dúvida está me enlouquecendo!

As pequenas estrelas gêmeas permaneceram no mesmo lugar, indiferentes a seus apelos, e ele finalmente compreendeu que aquilo devia ser uma testemunha de seu sofrimento. Um demônio que aguardava para recolher sua alma para o inferno quando chegasse a hora. E sabia também que era inútil tentar conversar com ele.

— Rebeca? REBECA?!



Faltava pouco, e ele tinha plena noção disto. Seu corpo prostrado no chão já não tinha forças nem mesmo para se mover. A boca já não possuía mais saliva, e sim uma gosma fedorenta e amarga como fel. Os dedos e membros começaram a se encurvar na medida em que seu corpo lentamente digerira os próprios tecidos adiposos. Sentia a pele do rosto repuxando-se. O estômago já não roncava mais. Seu abdômen era apenas um profundo vale abaixo de suas costelas. Suas narinas já haviam se acostumado ao cheiro de seus excrementos, e seus olhos embaçados já não demonstravam mais qualquer sinal de vida ou sanidade. Era uma múmia em preparação, um cadáver sendo ressecado aos poucos, lenta e dolorosamente.

Talvez ciente de que não havia mais ameaça por parte daquele ser moribundo, os pequenos olhos brilhantes finalmente se moveram, aproximando-se bastante, e agora estavam lá, há pouco mais de um palmo de distância de seu rosto. Júnior tentava desesperadamente compreender a forma da criatura na escuridão absoluta, mas era impossível.

— O que você quer? — disse então Júnior, a voz quase um silvo rouco. — O que você quer?

Em resposta os olhos apenas permaneceram ali, sem piscar ou demonstrar qualquer emoção. Olhos iguais aos de Rebeca, mas com pupilas enormes e dilatadas.

— Eu te mato, está me ouvindo? Antes de morrer, juro que te mato.

O som abafado de passos encheu o ambiente. Não havia necessidade de olhar, pois ele já sabia quem se aproximava. Viu seus pés descalços se aproximarem sem levantar um grão de poeira sequer, como se pisassem em um colchão de ar. Mesmo assim, ouvia os passos como se estivessem sendo dados diretamente no chão sujo. De repente Rebeca sentou-se atrás daqueles olhos.

“Lembre-se”, disse ela.

— Do que você está falando? — tossiu. — Lembrar do quê? “Lembre-se”, repetiu ela.

Queria se levantar e sacudir aquela história para fora de Rebeca, mas não tinha mais forças. Estava à mercê do destino e das palavras sem sentido de um fantasma delirante. A sensação de impotência era tão avassaladora que pela primeira vez desde que aquele pesadelo começou ele se arrependeu de não ter cortado os pulsos quando ainda tinha forças para tanto. Que se danassem os pudores e valores morais. Ele apenas queria terminar aquele sofrimento de uma vez por todas.

— Mate-me...

Mesmo sem ver, sentiu o sorriso simpático da garota sobre ele. E soube imediatamente que aquilo não fazia parte de seus planos. Fechou os olhos e imaginou ouvir a fantasma cantarolar baixinho uma canção de ninar, não sabia se para ele ou se para o par de olhos sem corpo que o observava. “Estou maluco”, concluiu. Aquilo não passava de um delírio induzido pela fome, uma alucinação pré-morte. Uma morte lenta e dolorosa, que teimava em não chegar, independente de já haver desistido de lutar contra ela. Não havia fantasmas ali, apenas ele e suas mente moribunda lhe pregando uma peça elaborada, uma pe-

gadinha, utilizando elementos mal resolvidos de sua vida apenas para confundi-lo.

E ele não morria.



Quando ouviu os primeiros ruídos vindos da porta, pensou se tratar de mais delírios. Apenas quando as batinhas se tornaram pancadas que reverberavam pelas paredes de metal ele se deu conta de que alguém estava tentando entrar no freezer. Mas não tinha forças nem para erguer as pálpebras. Sentiu cada golpe que uma marreta dava impiedosamente na tranca destruída do lado de fora. Os tímpanos pareciam gongos embutidos em sua cabeça. Mas estava feliz, estava satisfeito, iria sobreviver afinal de contas! Onde estava Rebeca naquele momento? Ela precisava estar lá para testemunhar seu triunfo, sua sobrevivência! Onde estava? Onde?

As batidas de repente pararam e foram substituídas por um zumbido agudo e penetrante. Estavam cortando a tranca avariada por fora com uma serra elétrica. Em pouco tempo eles, quem quer que fossem, estariam lá dentro. Precisava manter-se vivo por mais algum tempo. Só mais um pouco. Com um esforço hercúleo, abriu os olhos para vê-los assim que irrompessem pela porta. Em vez disso, vislumbrou os pés descalços de Rebeca à sua frente. Queria ter forças para rir dela, escarnecer de seu espírito, mas ela o olhava, completamente alheia a seus sentimentos.

“Lembre-se”, disse ela novamente, e agachou-se ao seu lado. Ele conseguiu enxergar sua calcinha cor-de-rosa rendada logo abaixo das pregas da saia curta. Não sabia que fantasmas usavam calcinhas, mas aquilo imediatamen-

te reavivou suas memórias. Seria aquilo o que ela queria dizer?

“Lembre-se.”

Levantou os olhos e pela primeira vez desde que entrara naquele freezer maldito conseguiu ver as feições de Rebeca com clareza. O rosto em forma de gota invertida, com o queixo meio pontudo e curvas delicadas. O nariz pequeno e arrebitado na ponta ligeiramente batatuda. Os olhos grandes e negros como piche. O cabelo encaracolado que escorria como uma cascata de betume por seus ombros e colo. Um rosto belo, mesmo com a aparência pálida típica dos cadáveres frescos. Uma blusinha de marinheiro cobria seu frágil e delicado corpo de menina de oito anos, exatamente como estava no dia em que morreu. “É isso que você quer que eu lembre, Rebeca?”, perguntou-se, em desespero. “Quer que eu me lembre de quando perdi o controle de meus instintos, quando me tornei menos que um bicho enraivecido e a estuprei sem pensar nas conseqüências? E de como a matei em seguida, cego e apavorado, temendo as represálias de seu pai? É isso?”

“Não”, disse ela rispidamente. Na porta uma pequena fresta de luz aparecia. “Os olhos...”

Lá fora um pedaço de metal repicou no chão. Em seguida um pé de cabra foi enfiado na fresta aberta.

Sua mente divagou. Sua mãe, a casa, sua primeira bicicleta, o sofá da sala que foi jogado fora depois que ele se cagou no estofado, sua bunda ardendo por não ter entregado a lição de casa, biscoitos de mantecal, carne moída com mostarda no pão, balas de goma, não sobe aí, menino!, não mexe!, não faz isso!, o que é isso, mãe?, é seu pipi, machuquei, beijinho sara, o que a mãe tem? Tô com medo!, tira o dedo do nariz!, quem é esse moço?, a televi-

são quebrou!, quanta gente, cadê a mamãe?, quero um cachorro, mamãe é alérgica, feliz natal!, um gatinho!

O gato! Vira-latas, com longos e bonitos pêlos acinzentados e olhos grandes e amarelos como jóias brilhantes. Sua mãe o tinha dado de presente pouco antes de se matar, e ele, após o funeral, numa crise incontida de raiva e frustração, prendeu-o dentro da caldeira desativada no porão da casa, apenas para tirar de sua vista qualquer coisa que o recordasse da mãe. O gato que passou dentro daquela prisão de metal dias e dias de sofrimento, até sucumbir de fome e sede. Encontraram-no mais de uma semana depois, duro e seco, com as pequenas patas dianteiras ensangüentadas pelas frustradas tentativas de se libertar. Lembrou-se da indiferença com que se deu conta da morte do bichano, da ausência de remorso por aquele sacrifício tão cruel.

“Era isso?”, pensou, desesperado. Não tinha nada a ver com Rebeca ou Zé Bruxo? Tudo aquilo havia sido orquestrado por um gato, o mesmo gato que sua mãe costumava chamar apenas de Novelo? Por quanto tempo ele havia sido vítima daquele fantasma? Recordou-se das vezes em que quase morreu, normalmente por causas estranhas e acidentes bizarros, mas sempre se safava. E agora, com a ajuda de Rebeca, finalmente ele havia conseguido cumprir seu intento. Foram eles que o atraíram para aquela velha fábrica, para aquele freezer. Foram eles que, juntos, o condenaram.

“Oh, meu Deus! Que maluquice é essa? Alvo da fúria vingativa de um gato? E por que preço? O que ele te prometeu para que você fizesse isso comigo?”

Rebeca abriu a boca, aparentemente disposta a responder, mas sua figura desapareceu assim que a luz exter-

na subitamente se espalhou no recinto. A porta finalmente havia sido aberta. Ele não se mexeu. Não conseguia, por mais que seu cérebro assim ordenasse. Duas pessoas entraram.

— Puta que o pariu, que cheiro! Chefe, acho melhor esperar aí fora. Putz, está de lascar!

“Chefe? Oh, não...”

— Olha lá — disse o outro. — Ali, no fundo. Lá está ele. Acho que tá morto...

— Acha? Esse aí não dá mais nenhum passo. “Não estou morto! Não estou!”

Zé Bruxo se aproximou, cobrindo o rosto com um trapo, as medalhas penduradas no peito tilintando enquanto ele as acariciava, espantando alguma maldição. Um dos homens se aproximou do corpo recurvado no chão.

— Quer que a gente se certifique? Acho que já não faz a menor diferença se ele está vivo ou morto.

Zé Bruxo pensou um pouco. Chupava os dentes, o ar assoviando desafinadamente entre as frestas de gengiva, como sempre fazia quando tinha alguma dúvida.

— Deixa ele aí — concluiu finalmente. — Não merece mais do que isso, o puto. E tirem essa faca de perto dele. Não quero nada que o ligue a mim, caso um dia o encontrem. Fui eu quem deu essa faca pro desgramado. Filho de uma puta chamado Júnior... — disse, mas sem rir da antiga piada.

“Não! Eu estou vivo! Ei! Ei! Não, não me deixem aqui! Não façam isso! Porra, eu estou vivo!”

A porta bateu com força e ele testemunhou a última esperança desaparecer junto com as fagulhas do maçarico que soldava os batentes para sempre. O metal rangeu e gemeu ao se resfriar lentamente.

Não acreditava naquilo! Estivera tão perto da liberdade, mesmo o destino sendo novamente confiado às mãos imundas de Zé Bruxo, e tudo se desmanchou como um castelo de areia invadido pelas ondas! Queria chorar, queria gritar, mas não conseguia. Estava acabado.

Foi quando Rebeca retornou. Ao seu lado, não apenas um par de olhos, mas a figura do gato completa, como da última vez em que o vira com vida. Ambos olhavam para ele aparentemente satisfeitos. O gato aproximou-se do rosto de Júnior, sacudindo o rabo de prazer. Ronronava. Cheirou-o e esfregou o focinho em sua pele ressecada. A visão daquela face peluda o aterrorizou. Queria conseguir se mover, espantar aquele pequeno demônio de perto dele, mas não conseguia. Estava morto, e agora sabia disso. Então por que aquela tortura não terminava de uma vez?

O gato então miou um miado grosso, lúgubre, e ergueu uma das patas dianteiras em direção ao seu rosto. Ela estava empapada com sangue fresco, a garra quebrada e retorcida, da mesma maneira que quando fora encontrado na caldeira, tantos anos atrás. Tocou de leve a pata em sua testa, estampando-a como um carimbo na pele repuxada. Imediatamente ele sentiu seu corpo estremecer, como se tomado por um potente choque elétrico. O ar encheu seus pulmões. Piscou os olhos novamente úmidos e se ergueu lentamente, sentando-se. Os músculos aos poucos foram recuperando o tônus de antes de sua entrada no freezer, a pele foi se enchendo de carne. Estava vivo! O gato miou mais uma vez, aproximou-se de Rebeca e esfregou-se em seus tornozelos nus. Ela acariciou seu corpo. O gato deu uma última ronronada, saltou numa sombra e desapareceu. — O que... O que...

Ela se aproximou dele e ajoelhou-se ao seu lado. Com uma das mãos, acariciou seu rosto. Seu toque era gelado. Deu um sorriso e desvaneceu no ar. Júnior piscou os olhos e ergueu-se. Até mesmo a ferida em sua perna havia sarado completamente. Testou as mãos e respirou fundo. Mas de repente se deu conta do que estava acontecendo, do significado de sua saúde ser revigorada daquela maneira, e entrou em desespero. Estava lá, preso com o fantasma obcecado de Rebeca, a doce e graciosa Rebeca, a traíçoeira e mimada Rebeca. Preso naquele tumulto de metal por toda a eternidade, sendo obrigado a reviver dia a dia aquela agonia de morrer de fome e sede, apenas para, quando estivesse às portas da morte, o gato retornar das sombras e revivê-lo. Condenado a passar o resto da eternidade preso e faminto naquele espaço confinado e lacrado, convivendo com as peripécias e trapanças do fantasma da menina que ele matou e que agora teria sua tão aguardada vingança, obrigando-o a se submeter a seus caprichos e torturas indefinidamente.

E a morte já não era mais uma opção.



GIORGIO CAPPELLI

PARA ALGUNS, O passado é um porto seguro para onde desejam voltar. Para outros, no entanto, é um inferno onde suas almas sofrem sob o peso dos próprios crimes.

Em *Amigo até o fim*, Giorgio Cappelli nos conta uma história em que o amor enfrenta o desamor e a verdade encara a mentira. Num jogo de luzes e sombras, o autor retrata a personagem Alice em duas fases decisivas: a adolescente marcada pela tragédia e a jovem adulta que, ao tentar proteger a si mesma e à pequena Clarissa, sua filha, se depara com verdades que talvez não esteja preparada para conhecer.

No fim, esta história nos deixa uma pergunta: até que ponto podemos subverter valores em nome de nossa própria felicidade?



AMIGO ATÉ O FIM

POR UM PAINEL repleto com nomes de rotas aéreas que mudavam a cada instante, o rapaz com inegável jeito de pai moço, alto e de barba, verificava os horários dos pousos. Fez uma piadinha para o filho adolescente sobre a ansiedade da irmã pela chegada de um certo avião. Vôo 714, aquele que traria de volta a mãe dos dois.

Ele não exagerava de todo. Dos três, a filha apresentava o maior grau de ansiedade, bastante nítido em seus olhos verdes. Desde pequena Alice tivera grande apego à mãe, contrariando a tese de que as meninas se dão melhor com os pais e os meninos, com as mães. Tinha a sua como a maior das heroínas: uma mulher que trabalhara e estudara com os dois filhos ainda nas fraldas. Até onde a memória de Alice alcançava, via-se sentada em uma cadeirinha presa ao banco traseiro do carro, o irmão do mesmo jeito ao lado, a mãe guiando para a faculdade; a festa que os colegas de classe faziam ao vê-los chegar e a grande disposição para ajudar a cuidar das crianças. Alice tinha uns quatro anos. Ou três.

— Dois — respondeu de pronto o irmão, Hélio. — Você tinha dois. *Eu* tinha três.

— Caramba, e eu lembro?

Pena não ter podido acompanhar a mãe na palestra! Adorava ajudá-la a ensaiar a exposição do tema, cronometrar o tempo, ver se ela falava alto e claro, simular as perguntas do auditório. Só não seguiria a profissão dela porque preferia escrever a falar.

Nos alto-falantes, uma campainha aguda. Em seguida, uma voz feminina e enjoada anunciava os próximos vôos que partiriam. No painel, calculou Alice, o avião que trazia a mãe estaria sobrevoando a cidade. Cinco minutos de espera.

Seis minutos mais tarde, um tremor forte sacudiu o aeroporto. Algo ribombando como um trovão muito próximo, quase ensurdecedor. A ele misturaram-se zunidos e chiados que atravessavam o amplo saguão do aeroporto.

Veio então o silêncio. Interrompido por gritos distantes. A mesma voz dos alto-falantes não mais expressava tédio. Saía perplexa, as palavras, indecifráveis. Alice avistou rostos contraídos e captou uma sensação de incômodo no ar.

— Que é que tá acontecendo? — inflamou-se o pai. Funcionários em trajes escuros passavam depressa pelo trio familiar imóvel. Outras pessoas corriam na mesma direção. Alice e Hélio encararam-se e olharam para seu pai. Todos os três seguiram, ligeiros, o caminho da multidão acelerada.

— Que foi?

— Avião? De onde?

— ...vôo doméstico...

— ...desastre na pista... tudo pegando fogo!

— ...parece que sobrou alguém...

Tumulto geral. Novo soar de campainha aguda. Mal se ouvia a voz nos alto-falantes, não mais a de uma mulher, e sim a de um homem, pedindo tranquilidade e informando sobre um acidente na pista. Ainda não sabiam se havia sido ou não falha humana. Sem sobreviventes. Em breve, o número e a procedência do vôo.

Um alívio acariciou os corações dos três; o avião que despencara na pista era de um vôo internacional. De acordo com as informações, tentara um pouso de emergência quando, em pleno ar, colidira com outra aeronave.

Mais informações; a outra nave era, infelizmente o vôo 714. Caíra a três quilômetros dali. Não havia mais nada a fazer. Pai e filhos baixaram as cabeças. Abraçaram-se. Suas lágrimas somaram-se ao choro, lamentos e gritos desesperados que tomaram conta do aeroporto. Dezenas de vidas haviam sido instantaneamente encerradas. Só mais alguns minutos e a ventania da primavera espalharia no ar o cheiro de carne queimada.



Tec, tec, tec, tec, tec, tec, tec...

Dedos finos e femininos batiam contra o teclado novinho, o som ecoando pelo apartamento, decorado apenas com a mobília essencial. A mão direita correu para o *mouse*, os olhos verdes encontraram o porta-retratos ao lado da caixa de som do micro e os lábios da moça sorriram para sua foto com o marido, rostos colados e felizes. O casal se mudara havia pouco, contrariando os planos de instalar-se tão logo terminassem de comprar todos os móveis e eletrodomésticos. Depois de terem calculado tudo “na ponta do lápis”, como dizia sua saudosa mãe, resolve-

ram que a prestação e o condomínio saíam mais baratos do que a convivência com a sogra abominável.

Perto da metade dos ganhos dela sumia com as prestações dos eletrodomésticos, enquanto o marido arca-va com as parcelas do apartamento. Em casa, fazendo seus trabalhos de tradutora autônoma, tinha por única companhia Clarissa, a filhinha de dois anos. Ângelo, o ma-rido, fazia outra de suas viagens a trabalho. Desse jeito iam sobrevivendo, com sangue, suor e salários.

Antes da pausa para ler o que tinha digitado, a jo-vem sentiu uma presença próxima à porta. Notou, com o canto do olho, um par de sandálias no chão. Virou-se.

— Oi, Dona Alice, já terminei de lavar as roupas!

— “Dona”, não, Isaura! Quantas vezes preciso fa-lar?

— Tá certo, tá certo! “Menina” Alice!

Isaura, a arrumadeira, velha conhecida da família. Ata, magricela e musculosa. Tinha a mania de se aproxi-mar em silêncio. Quantas vezes Alice e sua mãe não havi-am se espantado ao vê-la surgir da cozinha! Isaura lhe cau-sava medo na infância. Depois, acostumou-se. Divertia-se com as histórias da boa senhora e com a coincidência na profissão e no nome do esposo: um carpinteiro chamado Jesus!

— Eu acompanho a senhora até a porta!

— Carece não, Menina Alice! Tu tá aí ocupada! Eu sei o caminho!

— Então tá! Até terça que vem!

Acabara de ouvir Isaura saindo quando a campai-nha do telefone deu sinal de vida. Alice correu a atender antes do segundo toque para não acordar a pequena Cla-ri-ssa no berço.

— Oi, amor! — disse-lhe uma voz bem conhecida.
— Oi, querido! — respondeu Alice. — Tudo bom?
— Tudo. Morrendo de saudade e precisando de um favor seu.

— Fala! — sorriu.

— Quando eu saí daí, na pressa, esqueci minha chave. Você pode me abrir a porta quando eu chegar?

— Ah, não, vou te deixar do lado de fora! — brincou Alice.

— Putz, essas suas piadinhas...! — incomodou-se ele, num tom quase sem emoções.

Alice sossegou-o de pronto. De jeito nenhum ela faria aquilo com o melhor marido do mundo. Após o desastre aéreo que levara a mãe de Alice, Ângelo, que não passava de um colega do irmão, tornou-se muito próximo, sempre dando apoio. A presença dele em sua vida evitou que ela se transformasse em uma pessoa amarga. Quanta paciência tinha aquele menino! Conhecia bem a dor, ele que perdera o pai anos antes. Um pai que, como a mãe de Alice, era seu ídolo insubstituível.

Entre Alice e Ângelo nasceu uma amizade, que virou admiração e depois amor. Só bem mais tarde ele confessaria a origem de sua paixão, antiga até, na festa junina em que a vira pela primeira vez, aos treze anos de idade.

Acima de tudo, Alice admirava-lhe a persistência. Qualquer objetivo que traçasse, Ângelo não desistia até conseguir. Fora assim para conquistá-la, era assim na profissão. Além da perseverança, possuía um magnetismo incomum: as coisas viviam dando certo para ele. Clarissa, a filha, coroava o sucesso do casal.

— Vou ficar te esperando cheia de saudades, meu ruivo fofol! — desmanchava-se Alice.

— Tá fechado, então! Fica esperta com a campainha da casa. Um beijo!

— Outros! — respondeu, salientando o *s* final. Depositou o aparelho no criado-mudo da sala com um suspiro. De volta à tradução.

Acima de sua cabeça, as lâmpadas fluorescentes emitiram ligeiros sons pipocados. Seguiram-se zumbidos mais prolongados. A luz piscou. Um estalo.

Alice podia jurar que não fechara os olhos. Mesmo assim, tudo em volta havia escurecido. Pela janela aberta vinha um mínimo de iluminação externa. Ela e Ângelo não pensaram em comprar velas. Deveriam ter previsto que um apartamento recém-construído iria apresentar problemas na parte elétrica.

Enquanto tateava as paredes, esperando que os olhos claros se acostumassem à falta de luz, aproveitou para ver como a filhinha estava. E percebeu, no escuro, algo que parecia uma saia branca, meio transparente, entrando no quarto de Clarissa. Avançou, mas não pôde entrar. O que viu fincou seus pés no corredor.

De costas para a porta, uma mulher de vestido translúcido inclinava-se sobre o berço de seu bebê.

Alice perdeu a voz. Não conseguia distinguir o rosto da desconhecida. Como aquela mulher entrara ali? E por que conseguia enxergar *através* dela?

Outro chiado veio do teto, chamando a atenção de Alice. A luz retornara.

À medida que suas pupilas dilatadas voltavam ao normal, Alice descobriu que, pela janela aberta do quarto, o vento entrava e balançava as cortinas transparentes próximas ao berço. Lembravam mesmo um vestido longo.

Estranho não ter notado antes como havia comprado cortinas tão compridas... Chegavam até a porta.

Mais um zumbido, agora entrecortado e seguido de um apito breve. Aquilo Alice sabia muito bem o que significava:

— Minha tradução! — gritou, e correu para o computador.

— Mau contato — diagnosticou o eletricitista.

— Mau contato? — duvidou Alice. — Que mau contato é esse que apaga tudo só na minha casa e deixa o resto do condomínio aceso?

— Aqui pelo menos, é, dona! Olha! — convidou o eletricitista, puxando o interruptor e exibindo fios coloridos que saíam da parede. Alice se aproximou e o homem mexeu na fiação. De fato, as lâmpadas do teto acendiam e apagavam com leves toques. Mau contato.

— Agora, o resto da casa eu vou ter de olhar melhor — sentenciou o profissional.

— Vai demorar muito?

— Umas três horas.

— Hummm — zuniu Alice. — Não vai dar. Preciso terminar uma tradução hoje, sem falta, e não dá pra ficar tanto tempo sem computador. O senhor pode retornar amanhã?

— Só vou poder na outra semana.

— Então tá. Quarta que vem?

— Quarta que vem! — confirmou ele.



Tec, tec, tec, tec, tec, tec, tec...

A tradução havia se mostrado mais difícil do que o esperado. Que bom que não abrira mão das três horas solicitadas pelo eletricista. Ao lado, Clarissa brincava no cercadinho.

Telefone. Lolita, seu contato na editora.

— Oi, Lolita! Ah, tá. Hoje mesmo, lá pelas cinco da tarde. Vou enviar a tradução por e-mail pra você. O pagamento vocês depositam na minha conta que dia? Tá, tudo bem. Eu mando a nota fiscal por fax, OK? Beijo! Tchau!

“Lá pelas cinco da tarde.” Então Alice teria mais duas horas de serviço. Podia parar trinta minutos para lanchar. Antes, aprontaria o jantar de Clarissa.

Na cozinha, Alice descobriu que o microondas não funcionava. Emitiu um suspiro curto. “Mau contato!”, pensou, irônica.

Gritaria no cômodo ao lado. Vizinhos discutindo, para variar. Para brigarem, bastava que se encontrassem no mesmo espaço físico. Só que desta vez estavam gritando alto demais. Dava a impressão de que tinham escolhido sua sala para discutir.

Não. Os vizinhos tinham idade. Essas vozes eram de gente mais nova.

Curiosa, Alice deixou a cozinha e voltou à sala. Achou a menina em pé, no cercadinho, dando sua risadinha de criança, controle remoto na mão. A tevê ligada na novela, um casal de atores fazendo um escarcéu.

— Clarissa! — reclamou, tirando-lhe o aparelho das mãozinhas. — Mamãe não disse que não era pra você...

Emudeceu. Costumava guardar o controle sobre a televisão. Clarissa continuava onde a deixara. Longe demais para alcançar o aparelho.

Como o controle remoto fora parar nas mãos da criança?

A água gelada da torneira comprovava a necessidade de acertos no acabamento. Há pouco Alice colocara a filha para dormir e se pusera a lavar pratos. Sentia-se cansada, sozinha, um tanto triste.

Um aroma agradável, adocicado, invadiu a cozinha e mudou completamente seu estado de espírito. Alice conhecia aquele perfume, e tentava se lembrar desde quando.

Estalos no apartamento tiraram-na de seus devaneios. Estalos terríveis, que vinham da janela da frente, passavam atrás da pia e iam morrer na parede perto da entrada.

O telefone tocou. Agora, o marido.

— Oi, meu amor! Sou eu! Tá tudo bem?

— Tudo, Gê! E com você, está bem?

— Tudo, também. Eu... só não vou retornar na sexta-feira, como tinham acertado. Volto no domingo.

— O que aconteceu? — estranhou Alice.

— Meu chefe foi atropelado. Vou ter de fazer a apresentação no lugar dele.

— Que horror! Coitado! — comoveu-se ela.

— Tudo bem, ele quebrou uns ossos, só. Vai sobreviver. Pra mim é uma chance, eu posso aparecer mais para os superiores dele. Não é nada certo, mas, a longo prazo, pode rolar uma promoção. Quem sabe?

— E você ainda diz que não acredita em sorte!

— Que pena que meu pai não está aqui pra ver meu sucesso! Ah, o pai! O ídolo máximo! Alice quis contar o assunto de sua tradução. Impossível; Ângelo não parava de falar. Os ouvidos atentos ao marido, seus olhos

foram para o lado. A porta de seu quarto abriu-se devagar, e parou. Depois, sem um mínimo de som, voltou até o batente, sem encostar. Ângelo, empolgado, falava sobre a apresentação. Entusiasmo igual ao que sua mãe exibia ensaiando suas palestras sobre fisioterapia.

O aroma doce da cozinha. Idêntico ao perfume de sua mãe.

A porta do quarto se abriu de novo, bem devagar, e estacou no mesmo lugar de antes.

Ângelo emaranhava-se em números, estatísticas, porcentagens, vantagens para o cliente, benefícios para os familiares dos funcionários...

E a porta do quarto recuou mais uma vez.

— Amor... A porta do nosso quarto tá abrindo e fechando sozinha.

— É o vento.

— Gê... Não tá ventando.

Silêncio total.

— Alô? Alô?

Nada da voz do marido. A linha caíra. Alice colocou o fone no lugar.

A porta ficara imóvel. Perto dela, estranhas sombras arrastavam-se pela parede. Sombras humanas!

Motores roncaram. “Relaxa!”, disse Alice para si. “São só os automóveis passando lá fora, na rua.”

Em breve, o telefone tocou. Do outro lado da linha, Ângelo fingia-se de bravo:

— Não dá para confiar em ligação interurbana!

— Não mesmo!

— A porta continua abrindo e fechando?

— Agora, parou. Mas que me deu medo, isso deu! Conversaram por mais uma hora. Antes de desligar, Ânge-

lo sugeriu à esposa “dar uma verificada” nas dobradiças da porta.

Dito e feito: mal afixadas. Ela própria podia arrumar uma chave de fenda e dar um jeito. Tudo confirmava que o prédio necessitava de consertos.



Quinta-feira, começo de tarde. Alice buscara Clarissa na escolinha e aproveitara para fazer compras. Vinha do supermercado de mãos dadas com a menina e abarcando um pacote com o outro braço. Passado o salão de entrada do prédio, os elevadores.

Ninguém para abrir a porta. Clarissa ajudou, empurrando por dentro assim que sua mãe puxou a alça com dificuldade. Para apertar o botão do número de seu andar, Alice pousou as compras no piso.

Em breve o elevador chegou aonde queriam. Novamente, Clarissa fez força junto com a mãe para abri-lo. De cara para a porta do apartamento, a tradutora requebrava-se em busca da chave dentro da bolsa.

Não tinha achado o que procurava quando escutou baques atrás de si. Pisadas pesadas e rápidas. Alice virou o rosto para entender a seqüência de sons.

Mãos molhadas agarraram-lhe os braços, fazendo-a perder o equilíbrio e bater as costas na porta. O pacote foi ao chão. Clarissa deu um gritinho agudo.

O sangue fugiu do rosto de Alice.

Uma mulata gordota, nua, cabelos com restos de espuma escorrendo, ensopada da cabeça aos pés, fitava-a com olhos esbugalhados. Abria a boca sem fazer som.

Alice tentava parar de tremer, procurando conter o medo e entender o que acontecia.

— In... in... in... ! — a fala da mulher saía sufocada. Só então Alice reconheceu a vizinha da frente.

— Dona Iracema! Mas... que foi? O que aconteceu? Por que a senhora...

— I... índio! — interrompeu a mulher ensopada. — T-tem um... índio enorme lá... lá no *boxe* do meu banheiro! De braços cruzados, me olhando!

Do apartamento de Dona Iracema saía uma poça comprida, criando uma trilha de água no corredor.

— A senhora tá assustando a Clarissa!

Alice moveu a cabeça, procurando a filha. Não a encontrou mais a seu lado, e sim cruzando a porta adiante, aberta.

— Clarissa, vem aqui!

De repente, a menininha correu com passinhos miúdos e entrou na casa da vizinha.

— CLARISSA! — gritou, perdendo a paciência. Dona Iracema apertava-lhe os braços com muita força e insistia na história do índio enorme. Tão alucinada de pavor, nem tinha notado que a garotinha invadira seu apartamento.

— Não! Não vai lá! — berrava a vizinha. — É perigoso! Pode ser um louco armado!

O desespero de Alice pelo perigo em que a filha podia ter se metido transformou-se em fúria. Dane-se o índio! Dane-se a escandalosa da vizinha! Sem ligar para a dor dos dedos de Iracema pressionando seus braços, Alice livrou-se dela com um safanão, deu-lhe um empurrão brusco e invadiu o apartamento atrás de seu bebê.

Precisou de dois passos para entender que a sala estava vazia.

— Clarissa! — chamou uma vez mais, na direção do banheiro. Apenas o ruído da água corrente do chuveiro ligado.

— Clarissa, eu vou te bater! — gritou Alice, acelerando as passadas.

Ou matar a vizinha, caso algo acontecesse à menina. Encontrou a criança. Agitada, sorridente, batendo palmas para a água que caía do chuveiro para o ralo no *boxe* vazio. Alice bufou de nervosa, embora aliviada por ter encontrado Clarissa. Estendeu o braço para dentro e girou a torneira até a água parar de correr. Apanhou a filha nos braços. Olhou ao redor para se certificar. Como desconfiava: nadinha do tal índio enorme.



Naquela noite, só Clarissa jantou. Sua mãe perdera o apetite.

Assistiam a um filme infantil na televisão. A jovem tradutora queria desviar o pensamento. Sobre o episódio do chuveiro, não iria abrir a boca nem para Ângelo. Imaginava a notícia se espalhando no condomínio, virando piada, senhoras mais assanhadas afirmando que, no lugar de Iracema, teriam agarrado o índio. Veio-lhe à cabeça uma frase do irmão: “Às vezes as pessoas podem ser irrimavelmente previsíveis.”

Mais ou menos umas nove e meia a campainha tocou. Alice levantou-se do sofá. Abriu a porta.

— Oi.

Dona Iracema. Conteve-se para não proferir um palavrão perto de Clarissa.

— Oi — devolveu, seca.

— Queria pedir desculpas por hoje.

Encabulada, mostrou um pote plástico cheio de fatias de bolo de fubá cortadas com capricho. A sinceridade da mulher parecia genuína, como se quisesse compensar o transtorno anterior. Alice agradeceu e apanhou o presente. Achou melhor, porém, cortar a conversa pela raiz:

— Eu preciso colocar a Clarissa pra dormir...

— Cê acredita em fantasmas? — perguntou a vizinha à queima-roupa.

Teve uma súbita vontade de se esconder atrás da almofada que segurava. Infelizmente, deixara-a no sofá.

— Por que a senhora tá me perguntando isso? — continuou Alice, tentando fugir.

— Por causa do que aconteceu hoje. Eu não acreditava. Acabei falando pra Dona Gerda, do 32. E sabe o que ela me contou?

— Não — respondeu a tradutora, temendo o que viria depois.

— Que ontem à noite, quando ela tinha acabado de deitar... ouviu a porta do quarto abrindo atrás dela. Escutou uns passos indo até a cama... e sentiu o peso de alguém sentando atrás... A

Dona Gerda é viúva, mora sozinha! Ela disse que ficou tão apavorada que nem se virou pra ver! O desinteresse de Alice evaporou.

— Por isso é que eu queria pedir uma coisa pra você — continuou Iracema. — Eu tô morrendo de medo! Vou deixar a minha porta aberta. Se você puder deixar a sua também... vai que aparece de novo o índio... !

— Fica sossegada. Vou deixar a porta aberta, sim.



Sexta-feira de manhã. De volta da escolinha, onde tinha deixado Clarissa, Alice teclava, incansável. Agradecia o novo trabalho que Lolita, a editora, havia lhe passado logo cedo. Ocupar a mente fazia-a parar de pensar nas ocorrências sem explicação da semana.

Pelo canto do olho esquerdo, avistou um par de tênis femininos. Dona Isaura, sua arrumadeira, com a eterna mania de surgir em silêncio. Sorrindo, Alice virou-se e disse, como de hábito:

— Já terminou tudo, Dona Isaura? Não havia ninguém.

Num movimento ágil e brusco, Alice esticou o corpo, quase caindo da cadeira. Dona Isaura vinha somente às terças. Era sexta. O coração acelerou ainda mais.

“Mas eu vi os tênis no chão!”, pensou, procurando pelo piso quaisquer calçados, ainda que fossem os seus próprios. Não encontrou nenhum.

Precisava acalmar-se. Jogar uma água na cara, respirar bem fundo e continuar a tradução. Só assim para parar de imaginar bobagens.

Retornou do banheiro, as mãos e o rosto úmidos, quase esquecida do que lhe causara tamanho susto. Releu o texto que digitara.

Neste tópico, observaremos os benefícios que o Yoga traz para seu filho. Além de trabalhar o corpo e a mente, o Yoga nos proporciona segurança, equilíbrio, força e flexibilidade, deixando-nos igualmente atentos e centrados.

Mediante respiração e postura corretas, crianças hiperativas podem se tornar calmas e concentradas. Alice, você corre perigo

— Eu não escrevi isso! EU NÃO ESCREVI ISSO!
— gritou a tradutora, empurrando o teclado adiante e derubando a cadeira no chão. De pé, afastando-se do monitor, deslizou os dedos entre os cabelos despenteados enquanto lágrimas de pavor escorriam por suas faces.



Chega. Alice apanharia Clarissa na escolinha, telefonaria para o marido e de novo morariam com a mãe dele. Mil vezes a sogra horrorosa a um único dia a mais naquele condomínio infernal. Estalos nas paredes, portas que se mexem sozinhas, controle remoto que aparece nas mãos da filha, um índio no *boxe* da vizinha... Aquele lugar tinha coisa!

Cruzou a portaria do prédio sem perceber um rapaz de conversa com o zelador. Falavam justamente sobre ela.

— Moça! Espera! — chamou o rapaz.

Que esperar o quê! Não ficaria ali nem mais um segundo.

— Moça, por favor!

Alice conteve-se para não explodir. Quase conseguiu. Virou-se e rosnou, esquecendo-se da educação:

— Hã!

— A senhora não me conhece. Eu sou o Moacir, filho da Dona Iracema. Prazer.

— Se o senhor não se importa, eu tô com pressa!

— Tá legal, não vou demorar muito — respondeu Moacir, bastante constrangido. — Queria muito pedir desculpas pra você... Posso chamar você de *você*?

— Pode — assentiu a impaciente tradutora.

— Então... Minha mãe... Eu andei chegando tarde do serviço e minha mãe descuidou de tomar os remédios. Ela... tem esquizofrenia, coitada.

— Esquizofrenia?

— É. Ela alucina direto, vê gente que não existe. Vê soldado nazista passeando na rua e dando *oi* pra ela, tigre sentado em banco de praça... Me contou que você salvou ela de um índio dentro do *boxe*... que vergonha! Tudo coisa da cabeça dela!

Alice teve um pressentimento. Pediu licença a Moacir, caminhou de volta à portaria e perguntou ao zelador sobre a Dona Gerda do 32. Obteve uma resposta taxativa: ninguém morava no 32 desde que o compraram. Seus donos vinham se virando para alugar o apartamento já fazia um ano.

A muito custo, conseguiu convencer-se de que ia esperar o retorno de Ângelo para abandonarem o prédio em definitivo. Pelo menos alguns fatos tinham explicação, raciocinou. Problemas de infra-estrutura, vizinha esquizofrênica. Pensaria nos outros ocorridos mais tarde. Agora não era o momento.

Adormeceu, a filha deitada ao seu lado na cama.



Clarissa se mantinha de olhos fechados quando Alice abriu os seus. Ergueu-se. Sorriu sem motivo. Uma leveza igualmente estranha e agradável a dominava. O sentimento em seu coração parecia-se muito com amor misturado a liberdade. À medida que saía do quarto a sensação ia-se fortalecendo. Teve vontade de gargalhar.

Por que cismou de olhar pela janela da sala?

Do lado de fora do apartamento, flutuando no ar, uma figura de cores desmaiadas olhava de volta para Alice. Cabelos longos, escuros, e vestido comprido. A mulher que aparecera no quarto de Clarissa! E ela que imaginava ter sido só uma ilusão causada pelas cortinas!

Alice fitava a aparição sem conseguir se mexer, sequer falar. A respiração parou quando a mulher atravessou os vidros. Seus pés não tocavam o solo, antes deslizavam perto do chão. Pela primeira vez, Alice pôde enxergar-lhe o rosto. Esbranquiçado, familiar. Um rosto de alguém que, por tanto tempo, deixara de existir em sua vida.

Sua mãe.

Aparecia-lhe agora mais bonita do que em suas lembranças adolescentes. Conservava o vigor de uma jovem senhora de quarenta anos. Exalava um aroma doce e confortante. Alice quis abraçá-la, contar-lhe de sua saudade, perguntar como estava. Sentia-se em um sonho, quando não questionamos o que surge para nós. Antes que dissesse qualquer coisa, escutou, em sua mente, uma voz bastante clara:

“Promete que não vai se assustar?”

— Prometo!

“Olhe dentro do seu quarto.”

Dentro do quarto? Alice só precisou recuar dois passos. Apurou a vista e experimentou um tremor. Onde imaginava ver somente a filha, encontrou também a si própria, deitada na cama, a expressão suave de quem dormia um sono profundo.

— Então eu... eu morri?

“Não, filhinha. Preste atenção a esse fio que sai de seu umbigo. Chama-se cordão de prata. Enquanto você estiver ligada a ele, significa que você está viva.”

Alice demorou para decidir se olhava para a cama ou para a mãe.

“Venho tentando te alertar há muito tempo e hoje, graças a Deus, consegui. Alice, você corre perigo!” A frase que lera no monitor.

— Que perigo, mãe? — enfim perguntou.

“Você se envolveu sem querer com o mal. Uma pessoa obcecada entrou em sua vida. Ela faz contato com espíritos baixos, com espíritos que cometem atrocidades só para que eles realizem seus desejos. Alice, você tem que se afastar dessa pessoa!”

— Mas, mãe! De quem você tá falando?

Desta vez a fala não vinha de dentro da sua mente. Surgia nítida, como em uma conversa:

— Do seu marido, é claro.

Num ato reflexo, Alice segurou a respiração. A seguir, acalmou-se e disparou:

— Como? Que... que perigo eu posso estar correndo com o homem mais maravilhoso que existe?

— Será que ele é assim *tão* maravilhoso?

Pela primeira vez, Alice se questionava. Conhecia muito bem aquele jeito de falar: o tom de convicção característico da mãe e do irmão Hélio, algo que ela sempre lutara por ter!

Nova pergunta, com a voz sempre serena:

— Você quer ver o que o Ângelo está fazendo agora?

— Eu...

— Pense nele, Alice. Peça para ir aonde o Ângelo está agora. Alice fez um quadro mental do marido; o apartamento assumiu os brilhos coloridos de um caleidoscópio. Pouco depois, as imagens ganharam sentido. Viu-se, com sua mãe, em um lugar completamente diferente. Mesmo com as luzes apagadas, pôde se reconhecer dentro de um quarto de hotel. Um quarto imenso, com teto alto, armários grandes, janelas sem cortinas e um lustre luxuoso.

Sobre a cama, Ângelo dormia, sem camisa e de costas para o colchão, como era do seu feitio. Do ventre saía um fio luminoso, que se esticava adiante e cruzava a porta aberta, fugindo do alcance da visão. Alice acompanhou a direção do fio para saber até onde ia. Queria ver se o marido se encontrava por perto.

Fora do quarto, experimentou o horror. Sem a mãe segurando-a pela mão, teria fugido dali em desespero.

Diante de uma sacada, em meio a uma penumbra mal dissolvida por luzes exteriores, o corpo astral de Ângelo dialogava com uma figura que não se podia identificar; um ser de grande estatura, indefinido entre homem ou mulher.

— Está vendo, Alice? Está vendo com quem seu marido se relaciona?

Sem que o chamassem, o Ângelo perto da janela pressentiu as duas presenças e voltou-se. Não soube esconder a surpresa no rosto transtornado. Parecia uma criança apanhada em uma brincadeira da qual imaginava sair impune.

— Alice?

As feições de Ângelo mudaram totalmente ao esbravejar para a figura com quem conversava:

— Você me disse que não ia deixar essa mulher se aproximar da minha esposa!

“Essa mulher?” Alice scandalizou-se. Como ele ousava falar assim da sua mãe? E o que era aquela coisa perto dele?

— Esse seu amigo não tem tanto poder quanto você pensa, Ângelo! — afirmou a mãe.

— Fica longe dela, amor! — gritava Ângelo, afastando-se da entidade atrás de si e caminhando para a esposa.

— Ele está chegando perto — observou a mãe. — Agora você vai ver como seu Ângelo é por dentro.

“Ver como ele é por dentro? Ora, eu conheço o meu marid...”

À medida que Ângelo diminuía a distância entre si e a esposa, Alice ia entendendo o que a mãe queria dizer. O corpo astral de Ângelo exibia os sinais que seu estilo de vida até então desconhecido impregnara-lhe na alma: pústulas avermelhadas no peito e num dos ombros. Braços com partes carcomidas. E o pior de tudo: Ângelo trazia a metade da cara tão inchada que, em outras circunstâncias, sua esposa jamais o reconheceria.

Uma angústia crescente dominou o coração de Alice. Ângelo se deteve; percebeu o horror que causara na amada.

— Amor... Deixa eu te explicar... — falava com uma das mãos sobre a face, evitando encarar a esposa. — Por favor, me escuta! S-sabe por que tudo sempre dá certo pra mim? Por causa dele! — E apontou a entidade ainda na sacada. — Desde que eu era criança ele me ajuda! É por isso que eu conquisto sempre tudo o que quero. Até mesmo o seu amor!

Alice experimentou um leve pressionar em sua mão.

— Filha... Esse amigo dele é um ser do Mal!

— Mas é o Mal que governa o mundo! — bradou Ângelo em resposta.

— Entre nós dois não existe o Mal, existe amor! — argumentou Alice. — E existe Deus...

— Deus? — riu Ângelo, com ironia. — Onde estava Deus quando o avião de sua mãe bateu no outro e caiu, matando aquelas pessoas todas? Quantos, como você e seu irmão, ficaram órfãos? Quanta gente, como seu pai, Deus deixou viúvos?

A tudo aquilo a mãe de Alice respondia com tranquilidade:

— Minha hora havia chegado. Assim como a daquelas pessoas. Não cabe a nós julgar as atitudes de Deus.

— Deus? Que Deus é esse que enche o mundo de pessoas ruins e egoístas? Por que existe tanta injustiça e os maus nunca são punidos?

— É o Livre Arbítrio. Você sabe disso melhor do que qualquer um.

Aquilo só podia ser um pesadelo! Alice soltou-se da mãe. Recuou um passo. Tinha ficado quase à mesma distância dos dois que tentavam persuadi-la. A quem daria ouvidos?

— Se a gente não fizer nada pelas próprias mãos — afirmou Ângelo —, quando a tal “Justiça Divina” chegar, já vai ser tarde demais!

— Isso então justifica tudo... — retrucou a mãe, ainda tranqüila.

— Qualquer das suas atitudes. Até mesmo... mandar seu amigo atropelar seu chefe.

— Só estou falando de usar atalhos. Eu não matei meu chefe... ! — protestou Ângelo. — Nunca matei ninguém!

— Não? — desafiou a mãe de Alice. — E o seu pai?

— Meu pai? Aquele bêbado maldito que só me enchia de porrada? Meu amigo das sombras deu um jeito nele... Pra que ele parasse de me bater... Ele parou! Parou!

Então ele apanhava do pai? A quem dizia adorar tanto?

— Parou de bater... para sempre — lamentou a mãe.

A tradutora começava a entender, embora não gostasse do que entendia. Não agüentou mais ficar calada:

— Ângelo! Você matou seu pai?

Antes de responder, ele procurou não mostrar que sua segurança ia ruindo:

— Ninguém nunca ficou sabendo... pensaram que fosse cirrose... Não... não vem ao caso agora... Eu... ia te contar meu segredo depois dessa viagem.

— Então, é verdade! Você se deixou levar pelo Mal!

— Pára de ouvir essa mulher! Ela tá envenenando você contra mim!

— “Essa mulher” é minha mãe!

— Ela já morreu! Eu sou seu marido! Eu quero o seu bem!

— Que bem é esse? Ser feliz à custa do sofrimento dos outros?

— Qualquer um no meu lugar faria o que eu fiz, se tivesse a chance!

— Não, Ângelo — afirmou Alice. — *Eu* não faria. E eu não posso viver debaixo do mesmo teto com um assassino.

A princípio, Ângelo não esboçou nenhuma reação. Limitava-se a encarar a esposa, depois a mãe desta. Voltou o olhar desesperado à figura na sacada do quarto, gritando:

— Você vai deixar ela ir embora?

Deslocando-se com rapidez impossível de acompanhar, a entidade postou-se entre Alice e sua mãe. Agarrou o cordão de prata da moça. Olhou-a dentro dos olhos. Pontos parecidos com vírgulas se mexiam no que deveria ser o rosto da aparição.

Não eram vírgulas. Eram vermes.

— Eu vou te matar... Alice... — disse o ser. Qualquer traço angelical havia desaparecido, cedendo lugar a um borrão disforme, uma mancha solta no ar, esquelética, distorcida e não-humana.

Um mal-estar crescente dominou a mente e o corpo da moça.

— Você vai morrer... — continuava a entidade disforme.

— Não! — gritou o marido.

— Você merece coisa melhor, Ângelo! — foi o que ouviu em resposta.

Tão veloz quanto o outro, o rapaz colocou-se entre seu amigo das sombras e a esposa, já pressionando a mão esquelética que mantinha o cordão de prata.

— Não vou deixar você matar minha esposa! Larga esse negócio!

A mãe quis intervir. Um gesto da entidade a impedia de chegar perto. Ângelo apertava com suas mãos o

braço que segurava o cordão de prata. A volta de Alice, formas e cores se misturavam. Uma fraqueza cada vez maior envolvia a moça, flutuando sem conseguir reagir. Conseguia apenas ouvir os gritos de Ângelo enfrentando a aparição.

Estrondos chamaram a atenção de Alice: a cama em que repousava o corpo do marido sacudia sozinha, os pés de madeira querendo sair do piso. A porta do refrigerador, ao lado, abria-se sozinha: uma garrafa pulou de dentro e se espatifou no chão. O pesado lustre do teto tremia e tilintava; os armários se sacudiam, abrindo e fechando as portas; Ângelo pressionava o pulso carcomido do oponente.

— Não... vou... deixar... você... matar...

— Está bem! *Ela* não morrerá!

Ângelo, Alice e a mãe viram a entidade erguer o braço seguro e apontar para o teto. Correntes se partiram; o enorme lustre soltou-se.



Num impulso, os olhos de Alice se abriram. A-chou-se na sua cama. No seu quarto. Clarissa ainda dormia.

O que tinha acontecido? Visões que lhe pareciam de um sonho horroroso espetavam-lhe a mente. Sua intuição ordenou que telefonasse imediatamente para o hotel onde se hospedava Ângelo. A agenda em mãos, discou, tomada de intensa aflição. Ao ouvir a telefonista do outro lado da linha, implorou para chamarem o esposo.

— Um momento, por favor... — responderam. A espera sufocava-a mais do que tudo.

— Ninguém atende, senhora.

— Eu preciso falar com meu marido! Tem como alguém chamar ele... ?

— Um momento, por favor... — cortou a telefonista. — Como? Senhora, eu... eu... acabei de ser informada de que...

— De quê... ?

— O pessoal da manutenção ouviu barulhos durante a noite nesse quarto. Foram ver o que era... Ninguém respondia... Abriam a porta e encontraram o ocupante. O lustre caiu sobre a cama... Ninguém sabe dizer como isso aconteceu... porque ele não fica tão perto assim... Eu... eu não sei como dizer à senhora, mas...

Não precisava. A telefonista escutou a jovem tradutora se desfazendo em lágrimas.

Encostada de lado na parede, as pernas amolecendo, Alice desabou vagarosamente até o chão.

Perdera o grande amor de sua vida. Embora tivesse escolhido trilhar o pior dos caminhos, Ângelo se redimira ao sacrificar-se para salvá-la.

Que seria de sua vida agora? Como explicar a Clarissa, que nem sabia falar, o fato de seu pai não existir mais? Que futuro teriam sozinhas? E ainda tinha de ir ao aeroporto apanhar o corpo do marido. De novo, o aeroporto! Precisava sempre ter alguma ligação com a morte. Primeiro a mãe, depois o marido. Lugar maldito!

— *Poiana. Poiana.*

Sua menina acordara. Clarissa se expressava com sons que apenas Alice compreendia. Ângelo e ela tinham apostado no que Clarissa diria antes, se “papai” ou “mamãe”. De pé, encarando a mãe, ela dizia *Poliana*. O nome da avó que não chegara a conhecer.

Nunca mais aquela manhã se apagaria da lembrança de Alice. No dia em que Ângelo faleceu, uma vizinha miúda chamava por *Poiana*.

Foi a primeira vez que Clarissa falou.

Outra vez o perfume adocicado. Alice levou os olhos encharcados à janela e não encontrou ninguém. Também não reparou que Clarissa agitava a mãozinha, acenando um adeus para Poliana. A avó e mãe, do lado de fora do apartamento, se despedia de suas duas meninas.



Sete anos de idade. Leôncio acabara de fugir de casa. A morte dos pais levou-o à casa da prima solteirona. Ao menor deslize a mulher o espancava, tapando-lhe a boca para que os vizinhos não ouvissem o garoto gritando. Na escola, a vergonha o fazia esconder dos amigos e professores as queimaduras de cigarro que a miserável fizera em tantas partes de seu corpo. Mesmo naquela noite fria e com chuva, a rua parecia-lhe melhor opção.

Abrigou-se debaixo do viaduto. Preferia morrer de frio a morar com a prima. Seu ódio o carcomia por dentro. Cansado de tanto chorar, entregou-se, por fim, ao sono.

Dormiu e sonhou. Sonhou que alguém chamava por ele:

— Leôncio...

Nunca estranhamos nada em nossos sonhos. Por isso ele achou natural conseguir enxergar através daquela criaturinha de mesma idade que a sua, a lhe sorrir abertamente.

— Não chora — disse-lhe a criança. — Você não tem que sofrer. Eu vou te ajudar e nunca mais vão te importunar. É só você querer.

— Quem é você? Um anjo? — perguntava Leôncio, ansioso.

— Sou Ângelo. Vou ser seu amigo... Amigo até o fim.

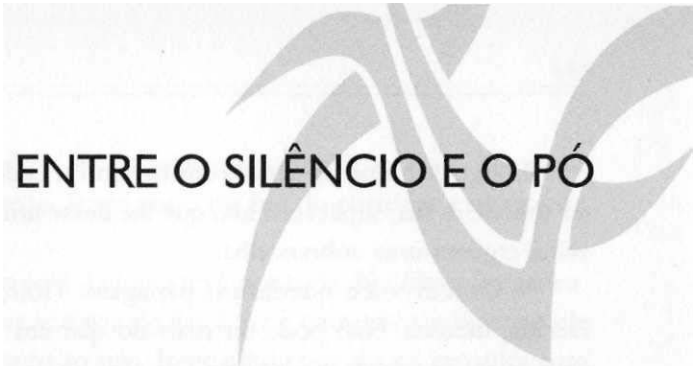


CAMILA FERNANDES

A SENSIBILIDADE para tocar com sutileza em assuntos delicados e feridas é o trunfo que Camila Fernandes utiliza para nos envolver. Nesta história, ela não se contenta em incomodar; sua intenção é mesmo tirar nosso sono.

Certos fantasmas conseguem nos assombrar mais do que outros. Basta conhecê-los bem. Não temos a resposta definitiva para o que conduz nossas vidas: se o livre arbítrio ou o destino. Há ocasiões em que julgamos estar no controle. Em outras, forças sobrenaturais parecem nos dominar a distância, mandando recados, ditando ordens, controlando nossos passos.

A jovem Irene, de *Entre o Silêncio e o Pó*, pode ter encontrado a verdade sobre essas questões. Nesta história, iremos acompanhá-la e descobrir se ela tem razão ou tudo não passa de um delírio.



ENTRE O SILÊNCIO E O PÓ

“MERDA”, pensou Irene. “Nada de sangue, de novo!”

Olhava para a calcinha esticada entre seus dedos. Seu olhar insistiu no branco extremo do tecido, como a esperar que se tornasse vermelho. Esfregou o rosto. Suspirou longamente antes de levantar-se do vaso sanitário. Acalmou-se; não podia ceder à ansiedade.

Seus olhos claros encontraram o próprio reflexo cinzento no espelho. Melhor prender os cabelos muito crespos, que formavam uma juba ao redor da face morena. Suada: fazia calor demais. Não conseguia dormir. Torneira aberta e água abundante contra o rosto. Pensou nas duas semanas de atraso do sangue mensal, antes pontual como um cavalheiro inglês. Concentrou-se no silêncio da casa.

De todos os fantasmas que assombravam seus dias, o mais constante era o da solidão.

Desde sempre sentira o vazio de ser única. Única filha, única neta, única criança numa família de uns poucos idosos que definharam por anos até o nada. Havia pouco mais de um mês que morrera Dona Eleanor. Passara com

a avó e o avô dezoito anos desde o seu nascimento. Da mãe, lembrava-se pouco, morta à toa em algum leito de hospital; do pai, nada sabia. Criara-se sob o olhar do casal Oliveira naquele apartamento dos tempos áureos do centro metropolitano. Com quartos espaçosos, pé direito alto e chão de tacos, transpirava décadas de convivência quase sempre calada, sem muito de que rir ou chorar. Lá fora, a urbe não parava de crescer e algo sempre estava sendo construído ou demolido. A imundície dos prédios crescendo e ruindo invadia o lar na forma de poeira, sempre acumulada sobre os móveis.

Longe de mimá-la, os avós ensinaram-lhe cedo que não podia ter tudo. Um dia, suplicara à avó que lhe desse um cachorrinho. A velha erguera uma sobancelha.

— Ontem você queria um papagaio. Hoje, quer um cão. Decida, menina. Não pode ter mais do que um bicho. Afinal, é você quem vai ter de cuidar dele.

Preferira a ave. Um desenho animado sobre piratas a convencera de que um papagaio seria o companheiro ideal. Não era muito útil para brincar, mas Irene o ensinaria a pousar no seu ombro e gritar “io-ho-ho”, como na televisão.

Perdera um pouco da graça quando percebera que os coleguinhas de escola não viriam à sua casa só para ver o papagaio. Não que o avô encorajasse a prática. “Seu” Nestor não gostava de barulho de crianças. Também não gostava de que Irene brincasse na rua, longe de seu zelo. Em verdade, não havia ali muita graça que perder.

Na urgência de ver-se fora de casa, cedo Irene começara a trabalhar. Não precisava; nessa época, a aposentadoria do avô sustentava a família razoavelmente, e o apartamento lhes pertencia. Mas estar detrás do caixa de

um mercadinho ou papelaria, ver pessoas, ganhar muito mal, qualquer coisa que a tirasse dali por algumas horas e fizesse valer a pena seu retorno — qualquer coisa aliviava o tédio, o sufoco entre os anciões. Com a morte do avô, empenhara-se ainda mais para ficar longe da casa tristonha. Economizando, pagara sozinha o curso de inglês. Portas na cara aqui e ali, conseguira empregar-se como auxiliar num escritório. Mas na primeira crise o corte de funcionários a pusera para fora. E isso fora pouco antes do enterro de Dona Eleanor.

Agora, tinha dezenove anos e era a dona do apartamento — o enorme imóvel de dois quartos, com cheiro de gente velha e móveis de madeira maciça — no qual só se ouvia o monólogo sem sentido de um papagaio. Sem a pensão dos avós, sem emprego, sem família, sem chão.

Pirata cochilava no seu poleiro na área de serviço. Ao cruzar a porta do banheiro, Irene viu-o no fim do corredor e invejou-o: tão alheio...

Jogou-se no sofá. Ligou a tevê por nada. No filme da madrugada, uma mulher acabava de dar à luz e entre risos e lágrimas ela acolhia o bebê junto ao seio. Irene olhou por alguns instantes para a esfera rosada do rosto infantil. Então, desligou o televisor e atirou longe o controle remoto. O aparelho quicou na parede e foi ao chão, cuspidando duas pilhas que rolaram para baixo da poltrona.

Cochilou depois, embalada por reprises de velhos seriados.



— Dá o pé. Dá o pé! Irene!

Pirata berrava nos fundos, despertador natural. A garota ergueu-se do sofá. O corpo dobrado por horas esticou-se em estalos. Os pés descalços a levaram sem pressa. A porta do quarto dos avós estava entreaberta. Dona Eleanor e “Seu” Nestor: tudo rimava, até os nomes, naquele casal perfeitamente antipático. Irene espiou pela fresta. Esperava talvez encontrar a velha à máquina de costura, remendando algum avental de cozinha. Mas o silêncio era total, e ninguém mais dormia naquela cama a não ser o encardido ursinho de pelúcia que Dona Eleanor se recusara a jogar fora, mesmo depois que Irene crescera o suficiente para perder o interesse por ele. A velha nunca jogava nada fora, guardava toda sorte de inutilidades. Estatuetas de santos partidas e novamente coladas, bibelôs dentro de sacos plásticos para combater a poeira, sabonetes enfeitados no fundo de gavetas.

Acima da cama, um retrato oval do casal Oliveira varria o recinto com o olhar severo. Era aquele olhar que Irene sentia às suas costas desde sempre. Desconforto. Haviam sido obrigados a criá-la e mesmo então já não tinham idade para acompanhar os caprichos de uma criança. Irene soubera poupá-los de seus pedidos, de sua voz, mesmo de sua presença. Fechar-se no quarto, ligar baixinho a velha tevê ou ler um gibi garantia a satisfação geral. Mas não lhe faltaram comida, moral, livros adequados, A avó lhe batera um bocado, e nunca de leve; era da velha guarda, acreditava na educação pelo medo. Por vezes Irene jurara fugir, mas a idéia de dormir na sarjeta ou prostituir-se para sobreviver não a conquistou.

No funeral, chamara as lágrimas. Inútil; talvez o choque. Talvez o conformismo: há muito a saúde de Dona Eleanor falhava e sua morte não surpreendera nin-

guém. Irene amava a velha. Odiava a velha. Ainda não se decidira.

Mas então viera o silêncio.

Agora, de olhos fechados, buscava o som dos chinelos de pano se arrastando pelos corredores ou do velho rádio de madeira sintonizado em uma estação AM. O cheiro de torta de frango vindo da cozinha num domingo. A censura a uma saia curta ou um horário avançado fora de casa, repetindo como quem prega:

— Irene, Irene, Irene!

A garota piscou, sobressaltada. Sonhara acordada com o chamado da avó, mas quem berrava, rompendo a nostalgia, era Pirata. Nos fundos, o papagaio ansioso lhe estendeu o pé: seu sinal típico pedindo comida. Irene fez do seu dedo um poleiro para o pássaro, coçou-lhe a cabeça, disse-lhe qualquer bobagem. Verificou o armário: já não havia frutas ou sementes de girassol.

A loja de rações não ficava longe. Em sua primeira vez lá, vira atrás do balcão o filho do dono, rapaz interessante, vinte e poucos anos, que lhe devolvera o olhar de tímida simpatia. Desde então, a avó preferia fazer ela mesma as compras, sempre que possível, sob a desculpa de “caminhar um pouco, que faz bem.” Sempre desestimulara o contato da neta com os homens. “Perigosos demais”. Se ela soubesse...

— Bom dia. Há quanto tempo!

— É... Oi, Euclides.

— Mais um quilo de sementes para o Pirata?

Ela meneou a cabeça, “sim”, desviando o olhar. O rapaz a fitava.

— Então, Irene? Alguma novidade?

Desta vez ela respondeu com um gesto negativo. Apertou os lábios.

— Você... ainda tá morando no mesmo apartamento? Irene franziu o cenho, seu queixo tremeu. Ela jogou o dinheiro no balcão, apanhou a embalagem de ração e girou para sair.

— Espera! Espera um pouco! — Ele a segurou pelo braço. — Que foi? Me desculpa por fazer tantas perguntas. Eu só...

Mas a garota já chorava sem freios, e o pacote caiu de suas mãos. Deixou-se conduzir pelo rapaz até uma cadeira nos fundos da loja. Agora, tinha um copo d'água nas mãos e bebia devagar. No rosto de Euclides, uma apreensão genuína se estampava.

— Calma. Respira fundo.

— Desculpa....

— Não, me desculpa *voce*. Eu falo demais. Devia saber que você ainda tá sensível. Eu soube da Dona Eleanor. Foi muito triste.

— Não é isso! — Não era mesmo. E em parte, era. — Eu...

— Olha. Eu sei como é. Minha mãe morreu quando eu era moleque e meu pai criou a mim e aos meus irmãos sozinho. Foi a maior barra pra todo mundo. Mas faz parte da vida, eles têm que partir, e a gente tem que superar.

Irene engoliu um soluço. Respirou como se não o fizesse há anos. Forçou um sorriso pateta, sem brilho.

— Desculpa ficar chorando na sua frente. Sou uma besta.

— Não, eu é que preciso pedir desculpas por ficar te amolando.

— Acho que não podemos passar o resto do dia nos desculpando. Vamos encerrar por aqui?

— Bom, me deixa dar o seu troco.

— Tudo bem. Você põe na minha conta ou me paga um chope qualquer dia.

Devolveu o copo e se ergueu. A dignidade exigia que recuperasse a postura intocável, apesar do nariz escorrendo.

Devia estar louca. Chorar diante de um mero conhecido, deixar que ele a amparasse e ainda abrir espaço para uma investida? A vida já estava confusa demais. Não tinha cabeça para nada daquilo. Mas perseguia o perigo como o moleque na rua persegue a pipa — correndo atrás aos berros, desejando intensamente, sem saber direito porque.

O perigo.

Fora na semana seguinte ao funeral. Emudecida, anestesiada, na vitrine da loja de discos Irene fixara sua atenção. O folheto chamava-a para uma festa. Conhecia de nome o lugar. Promoção para mulheres, grátis até a meia-noite. *Hoje*. E por que não? Sozinha? “Sim, sozinha, não preciso de ninguém.” Por nada, só um pouco de diversão. Para não estar o tempo todo sufocada no apartamento. Para não ser Irene por algumas horas. Dançar até perder os sentidos, ser parte do todo, não ser ninguém; sim, era um meio de vida, para uns, bastante próximo da religião.

Luzes piscando. Música alta. Corpos vibravam, alguns acelerados, outros em câmera lenta. Um drinque forte na mão direita; na esquerda, os dedos firmes de um estranho, retendo-a junto de si. Querendo-a? Sem dúvida. Bem como o rapaz ao lado, que a enlaçava pela cintura.

Falavam um sem-número de bobagens que a música não permitia decifrar. Irene respondia com gargalhadas. Desespero convertido em bom-humor; risada de prazer, nunca de alegria. Mas ela não era Irene. Não nessa noite. Não com aquela dupla lhe fazendo a corte. Atrevidos, os dois, mas o louro a beijou primeiro. Quando sentiu os lábios do moreno no seu pescoço, também não pensou em resistir. Não pensou em coisa alguma. Fez o que lhe ordenava a crescente umidade entre as pernas. Um sugeriu; os outros assentiram.

Passou a noite nos braços dos dois, ora um, ora outro, agora ambos, e os dois dentro do seu corpo a um só tempo. Na euforia. Na dor. No prazer desmedido. E especialmente na culpa, quando despertou na manhã seguinte, meio enterrada entre louro e moreno. Não dormiam — antes, haviam desmaiado, álcool e cansaço.

Irene não disse adeus. Nunca voltaria àquele hotel. Nem forçando a mente lembraria os nomes deles. Em casa, lavou-se freneticamente.

Riu alto, pensando na cara que a velha Eleanor faria se soubesse de tudo aquilo. Mas então, estremeceu; como rir da avó tão dedicada sem sentir-se uma criminoso?

Sim: o fantasma da culpa também apreciava a companhia de Irene, e vinha forte naqueles dias — agora, de mãos dadas com o medo. Pois não se protegera. Não tomara providências. O sangue devia ter vindo havia duas semanas. E até ali... nada.

Por isso, ao voltar da loja de rações, passou pela farmácia e comprou o teste. Devia usá-lo, saber a verdade. “Mas não agora... agora, não.”



A noite excessivamente quente pusera Irene no inferno. Ninguém podia dormir com aquele calor. Perdeu a paciência e foi ao outro quarto apanhar o antigo ventilador de chão. Apertou o botão do aparelho inúmeras vezes, mas ele se recusou a funcionar. Desistiu de dormir. Decidiu que era um bom momento para pôr a casa em ordem. Por que não? A densa camada de pó dos móveis pedia isso. Poderia dormir durante o dia, com a ajuda do cansaço.

Prendeu os cabelos com um lenço e dirigiu-se à sala, flanela e lustra-móveis em punho. Tentou ligar a tevê para enganar a solidão — baixinho, para não incomodar Dona Neusa, a vizinha de meia-idade e sono leve — e nada. Lembrou-se das pilhas do controle remoto, derrubadas para baixo do sofá. O móvel era sólido, antigo, um exercício pesado para uma jovem delgada. Mesmo assim, conseguiu arrastá-lo. Embaixo, além das pilhas, uma fotografia coberta de pó. Soprou a superfície e esfregou-a. Identificou o casal Oliveira, seu ar sempre austero. O bebê nos braços da avó era familiar. O tufo de cabelos encaracolados e os grandes olhos claros eram seus.

O rostinho era confuso, até um tanto amedrontado. Nas faces dos velhos, resignação. Qualquer idiota era capaz de perceber que eles nunca foram apaixonados pela idéia de educá-la, mas mesmo assim o fizeram.

Sem aviso, algo se revirou furioso em seu estômago. Não pôde alcançar o banheiro: o jantar lhe subiu pela garganta e despejou-se generosamente no chão. Irene apoiou-se à parede e deixou que seu corpo se descarregasse. Limpou a sujeira às pressas e voltou para a cama. Aquilo a enfraquecera o suficiente para exigir que dormisse.

Antes de o sol nascer, Dona Eleanor veio visitá-la.

Veio imersa num nevoeiro baço. Fitava com a tenacidade de uma coruja. Irene sentiu um misto de alegria e medo ao encarar a avó. Era estranho ter na alma o anseio de tornar a vê-la e, ao mesmo tempo, a urgência de ver-se livre dela. Mas olhou para seus pés, e eles não se moviam; apenas deslizavam no nada, carregando a figura de Eleanor entre o silêncio e o pó.

A mulher nada dizia, nada ensaiava, nem suspendia o olhar estático. Irene engoliu em seco e timidamente chamou:

— Vó?

Os lábios da anciã se separaram como num lento bocejo, mas seus olhos permaneceram cravados em Irene, obstinados. Por dentro, a boca era preta. Mas ela não bocejava — falava. Fê-lo uma, duas vezes; a voz não se ouviu. Os lábios se calaram.

A velha afastou-se de lado, permitindo à neta a visão de uma criança. Seis ou sete anos, cabelos muito crespos e grandes olhos cinzentos, a mãozinha cor de jambo escondida entre os dedos enrugados da avó, que simplesmente lhe piscou um olho.

Foi este último olhar que fez gelar seu corpo inteiro, e Irene encolheu-se em débil defesa antes de ouvir o telefone tocar insistente na sala. Abriu os olhos de supetão, com o sol entrando forte pela janela, ferindo seus olhos. Já era sábado. Um dia quente.

Por que, então, sentia arrepiados todos os pêlos de seu corpo?

Cambaleou para a sala e atendeu sem ânimo.

— Alô, Irene?

— Hm... Euclides?

— É, sou eu. Desculpa se eu te acordei!

— Não tem problema — continuou ela. — Acho que já passa do meio-dia. Mas como você conseguiu meu número?

— Eu... peguei na caderneta de clientes da loja. Tava pensando se você não gostaria de tomar aquele chope.

— Quando?

— Hoje à noite. Ou, sei lá, a gente podia dar uma volta à tarde.

— Lembra onde eu moro?

— Lembro.

— Passa aqui às duas.



Era reconfortante penetrar naquele oásis de verde em meio ao deserto cinza da cidade. A praça era aberta; suas alamedas, frescas sob as árvores.

Irene ouviu o gorjeio característico de um sabiá enquanto caminhava com Euclides. Sentou-se no banco, ele a imitou. Rosto queimado de sol, cabelos pretos muitos curtos — era bonito? Não muito, nem feio tampouco, e o sabia. Gostava dela? Sem dúvida. Não ainda intensamente, mas nada que seu desamparo e seu sorriso de menina não pudessem transformar numa chama, se ela quisesse. Mas queria?

Diante deles, uma área circular, preenchida de areia e de estruturas de ferro: um gira-gira, duas gangorras, um trepa-trepa e quatro balanços. Lazer humilde, mas funcional. Talvez porque agora nuvens pretas avançassem diante do sol e ameaçassem a cidade com um pequeno dilúvio, as mães houvessem removido suas crianças do local. A tinta vermelha descascada nos brinquedos, revelando o miolo

preto de metal, conferia à paisagem uma desolação incommum.

Irene, pernas cruzadas, balançava o pé direito. Euclides a observava, curioso.

— Tá nervosa, é?

— Um pouco. Não ando dormindo direito. Hoje, sonhei com minha avó. Parece que nem morta ela me deixa em paz.

— Vocês não se davam bem?

— Não — suspirou, fixando o olhar em qualquer coisa: um balanço vazio. — Sim. Não sei. É uma pergunta difícil.

— Entendo... Mas não pensa mais nisso, Irene. Saiba, você é jovem. Dói perder alguém tão cedo, mas isso é só o começo. Não falo isso pra você desanimar, mas pra entender que a vida é cheia dessas coisas e você precisa erguer a cabeça. Não fica assim. Olha pra mim. Vai, só um pouquinho.

A garota não olhou, não respondeu; apenas ergueu um dedo vacilante que apontou para o balanço diante deles.

— Hein? O que foi?

— Olha aquilo...

Uma das cadeiras suspensas por correntes ia e vinha num ritmo firme.

— É o vento, Irene.

Mas Irene olhou para as folhas das árvores, e os olhos de Euclides seguiram os seus. Tudo imóvel. Não havia vento.

O ir e vir do balanço tornou-se mais e mais intenso, hipnótico. Era como se alguém o empurrasse com força crescente. Com fúria. O céu se cobrira de negro. O sol se

fora. O sabiá não mais cantarolava. Um clarão e um rugido vindos do alto despertaram a garota de um tranco.

— Tá tudo bem? — interrogou-a Euclides, tocando-a no ombro.

— Não... não tá nada bem — ela murmurou, quase inaudível, sem saber bem por que o fazia.

— Os olhos são muito fáceis de enganar e pregam peças na gente — redargüiu o rapaz. — Mas é melhor voltarmos. Tá trovejando, acho que vai chover.

Correram, mas o aguaceiro os pegou no meio do caminho e os deixou como quem fora atirado em uma piscina. A água subitamente gelada no dia quente fez Irene gargalhar nervosamente, arrancando-a de suas inquietações. Euclides subiu com ela para o apartamento.

— Vou arrumar uma roupa seca pra você — disse, pensando em uma camiseta de pijama e uma calça de moletom. Tudo seu; não tocaria em nada que fora de “Seu” Nestor, como sua avó não havia tocado ao tornar-se viúva; seus pertences estavam como no dia em que ele morrera. Assim também as coisas de Dona Eleanor.

Viu-o entrar no banheiro e tirar a camisa sem fechar a porta. Fitaram-se; ela sentiu o olhar do rapaz pousado nos mamilos salientes sob a blusa molhada, arrepiados. Ele não disfarçou, sorriu.

— Bendita chuva.

— Palhaço! — Irene riu e corou tanto quanto podia corar. Atirou a roupa seca num bolo contra o peito de Euclides e deu-lhe as costas. Mas ele a segurou pelo braço — e ela sabia, como no dia em que fora à sua loja, que ele não ia soltá-la. Olhou dentro dos seus olhos de novo, mas desta vez ela não os desviou. Tocou no rosto cor de cane-

la. Trouxe-a para junto de si e o previsível beijo finalmente aconteceu.

Arrastaram-se para o quarto, sem saber bem quem tomara a decisão. Ele a deitou na cama e delicadamente pôs seu corpo sobre o dela, sem nunca abandonar a boca que respondia aos seus beijos. Irene deixou-se levar por ele. Talvez por toda a vida houvesse apenas se deixado levar, nunca decidindo por si mesma; era isso que sua avó diria.

Mas não disse. Só ficou junto à porta entreaberta do quarto, observando a neta num mutismo insondável.

Irene abriu os olhos e olhou para Euclides, mas o que enxergou por sobre seu ombro a fez gritar. Empurrou-o e ergueu-se esbaforida da cama.

— Que foi?!

— Olha! Ali, na porta!

Euclides sondou o corredor vazio.

— Não tô vendo nada — disse, em tom condescendente.

A garota fechou os olhos, respirou fundo, voltou a abri-los; o rapaz estava certo. Não havia nada na porta. Ergueu-se, procurando controlar seus movimentos. Por que tinha que tremer tanto? Sentia-se tola. Apavorada.

— Não dá, Euclides. Eu não posso fazer isso.

— Eu sei, não devíamos ir tão rápido.

— Não. Não é isso. Eu não posso. Por favor, vai embora. Sua voz tremia; ela segurava o choro. Euclides não entendia.

Restava-lhe aceitar. Apanhou a camisa molhada no chão do corredor. Ainda tinha seu jeans colado ao corpo pela chuva. Abriu a porta do apartamento e saiu, sem mais dizer.

Irene abriu a represa, as lágrimas inundaram seu rosto.

Um banho. Precisava de um banho. Correu para o banheiro — mas estacou.

Não estava sozinha no apartamento.

Um som indistinto vinha da sala. Irene deu um passo trêmulo, silencioso, depois outro. Era uma voz. Cantarolava baixinho, ou antes, murmurava uma melodia delicada com os lábios bem fechados.

A garota, sem pensar, prendeu a respiração e prosseguiu. Atrás da poltrona que ficava de costas para a porta da rua havia algo. *Alguém*. Lentamente ela circundou a mobília e aquela forma diminuta foi se revelando. Primeiro um pé, dedinhos redondos que se mexiam distraídos, pé de criança; então, a barra de uma camisola puída, as pernas dobradas sob o traje, as costas curvadas e uma cabeleira crespa escondendo o rosto e a boca que cantava. Uma menina. Entretinha-se com algo no chão, como quem desenha ou escreve abstraído.

Ela não notara Irene. Esta gaguejou ao falar, desafinada:

— Quem é você?

A cabeça virou-se, mostrando um rosto redondo de grandes olhos claros. Um rosto muito familiar, de boca miúda, que não se abriu para responder. A menina deu-lhe de novo as costas.

— Oi? — disse Irene, aguda. — Como você entrou aqui?

Ela permaneceu muda, mas ergueu-se com a graça inconsciente das crianças. Suas mãos pequeninas levantaram-se por último em direção a Irene. As palmas estavam

pintadas de vermelho brilhante. No chão, uma poça da mesma cor.

Irene gritou.

A menina correu, assustada, seus passos soando rápidos sobre os tacos. Irene olhou por instantes para o sangue espalhado no chão. Então, compreendeu: a criança se ferira. Foi atrás dela. No corredor, olhou para as portas abertas dos quartos.

— Menina? — chamou. — Menina! Onde você tá? Me deixa ajudar...

Foi interrompida por um risinho entusiasmado, quase como o de um bebê. Irrompeu no quarto da avó, enfiou a cabeça pela porta do seu, depois, olhou dentro do banheiro.

Não havia mais ninguém lá.

Antes, a solidão. Agora, via coisas. Já não sentia as vestes úmidas, geladas, coladas a seu corpo. Abriu o chuveiro num gesto mecânico e a água chocou-se contra sua nuca. Se estava gelada ou fervendo, não notou. Estava finalmente enlouquecendo.

Dormiu em pêlo, os cabelos encharcados empapando a cama, e as lágrimas, o travesseiro.



Acordou sem querer. Para que acordar? Sentiu o estômago revoltar-se. Mas nada continha, e tudo o que ela vomitou ao lado da cama foi bile.

Teve um pressentimento e correu para a sala.

Tudo limpo; a mancha vermelha nunca estivera ali.

Abriu a gaveta do criado-mudo bruscamente e apanhou o teste que comprara no outro dia. Não podia mais esperar; era hora de ter certeza.

Urina, conta-gotas e uma espera infinita de uns poucos minutos.



A campainha soou uma, duas vezes. “Visita impaciente”, pensou Dona Neusa, enxugando as mãos pálidas no pano de secar louça e correndo para a porta.

— Oi, Irene! Como é que vai?

— Oi, Dona Neusa. Posso entrar?

Na sala, a mulher ofereceu um assento e café com biscoitos, que a garota recusou com um aceno.

— Que cara é essa, menina? Brigou com o namoradinho novo? O porteiro me falou que você entrou ontem com...

— Olha — interrompeu-a Irene com firmeza. — Eu preciso de ajuda. Desculpa, mas eu sei que a senhora era amiga da minha avó e não tenho mais com quem falar.

A mulher tornou-se ainda mais pálida e murmurou, olhando-a de viés:

— Não é de dinheiro que você precisa... ou é?

— Eu tô grávida.

Dona Neusa assumiu um ar sério. Sentou-se na poltrona diante de Irene. Sua voz tornou-se firme, desprovida da simpatia socialmente adequada e carregada de determinação.

— Quem é o pai?

— Não sei — disse Irene num fio de voz.

— Você quer a criança?

— Não. Não quero. Não tenho como criar.

— Então volta pra sua casa.

— O quê?

— Volta — repetiu a mulher. — Fica calma e pensa direito. Você veio falar com a pessoa certa, felizmente ou não, eu não sei. Eu vou lá depois e levo o nome de um remédio que vai te ajudar sem você ter que ir a um desses hospitais clandestinos. *Se* você decidir *tirar*.

Irene fechou perplexa a porta atrás de si. “Tirar?” Não havia pensado em tirar a criança! Isso seria... um crime? O que faria? Quem a acudiria? Não podia contar a Euclides. Ele não era nada seu. Ou era? Era homem. E quase apaixonado. “Euclides, estou grávida, e não é seu, mas vamos namorar mesmo assim?” Ele nunca entenderia. E se entendesse, ela faria o quê? Teria a criança? Iria criá-la com o mesmo desalento com que ela, Irene, fora criada? Não queria um filho. Não agora. Não dessa forma. É, disse, tinha certeza.

Sua cabeça latejava sob o peso da indecisão. Teve vontade de chocar a testa contra a parede, repetidamente, até não ter mais de pensar. Era incapaz de raciocinar.

Engoliu um comprimido para a dor e atirou-se na cama. Fechou os olhos, mas pensou na menina de sua visão. Visão?

Não. Irene não era vidente, não era paranormal, não era... não era coisa alguma. Nada especial. Não tinha visões e não enxergava... ... Os mortos.

Dona Eleanor estava morta e, mesmo assim, lhe surgira em sonho. Apenas sonho? Um sonho nunca é só um sonho. Ela não pudera ouvir a voz da avó. Talvez não quisesse ouvir. A velha nunca tivera nada de bom a lhe dizer. Por que seria diferente agora?

E havia a menina. Nunca a vira antes, exceto, talvez, no seu próprio espelho, anos atrás. Por que se pareciam tanto? E por que ela estava ali, recusando-se a falar mas insistindo em surgir das sombras?

“Talvez seja um sinal.” Para que tomasse a decisão certa. Qual era, Irene não sabia dizer.

Apertou a barriga, sentindo cólicas ao pensar nas mãozinhas morenas e no sangue que as tingia.

Logo o remédio lhe deu sono. Bom: dormir e esquecer. Dormir e já não ser.

A porta aberta deixava que a luz da sala atravessasse o corredor até o quarto. Cheiro de talco. Tudo cheirava a talco. Gente velha cheira a talco, e criança também. Criança com pezinhos que soavam velozes no chão de tacos. “De novo, não...”

“Os olhos pregam peças na gente.” Talvez os ouvidos também. Irene não quis confiar nos seus. O apartamento estava trancado. Não havia ninguém no corredor. Não podia haver!

— Irene!

Quase gritou ao ouvir seu nome. Um segundo chamado e teve certeza de que era Pirata quem berrava. Devia sentir-se solitário. A garota se levantou e cruzou a porta do quarto. Então, estacou — os passinhos pela casa de novo. Escutou também... um choro? Choro fraco, delicado, de menina. Vinha da sala.

Correu para lá: nada. O choro cessara. O papagaio berrava nos fundos d “Irene, Irene, Irene!” Coisa de enlouquecer...

— Pirata, *cala a boca!* — gritou, mais rispidamente do que planejava.

Pareceu funcionar, pois o silêncio ganhou de novo a casa. A garota absorveu-o com certo alívio.

Mas sentiu algo gelado brotar da base da sua coluna e percorrer seu corpo inteiro. Ouvira um soluço. Muito lentamente ela se voltou, sabendo, sem querer, o que verificaria.

Do quarto dos avós saiu uma figura.

Irene conseguia vê-la agora com clareza: a menina tinha seis ou sete anos e esfregava os olhos como quem acabou de acordar. Sua outra mão arrastava o velho ursinho de pelúcia encardido. Era parecida demais com ela.

— Quem é você? — Irene balbuciou depressa.

A criança apenas parou no meio do corredor e olhou com inocência para a garota.

— Você... sou eu?

Ela meneou a cabeça negativamente.

Irene tocou por instinto a área abaixo do umbigo. Dessa vez a menina acompanhou seu gesto com os olhos e balançou a cabeça com entusiasmo: “Sim!”

— Não — falou Irene. — Não pode ser. — A mão pousada em seu ventre se apertou.

Mas a menina apenas meneou a cabeça, “sim, sim, sim!”

— Você não é *nada* minha! Vai embora! *Some daqui!*

A garotinha, antes tranqüila, tinha agora ódio na face, e Irene viu-a jogar o ursinho no chão e dar-lhe as costas, seguindo de volta ao quarto. Deu dois passos rápidos para segui-la.

— Espere!

E deteve-se.

Era a velha. Vinha da sala. Olhava para Irene. Seus pés se arrastavam sem som. Seu rosto era pálido como

nunca fora, e suas pupilas outrora negras agora eram cinza. Olhos mortos.

Irene, por instinto, recuou. Sentia como se uma mão invisível e gelada se fechasse sobre seu coração e o espremesse.

A velha abriu, como no sonho, os lábios gretados, e dentro de sua boca tudo era escuridão. Articulou algumas sílabas. Irene nada ouvia. Franziu o cenho em angústia. Esforçou-se para observar o movimento daqueles lábios de cera. A voz, por fim, soou áspera e cruel em seus ouvidos:

“Você não deve ter essa criança.”

— Mas... vó...

“Ela não vai te trazer nada de bom.” E a velha voltou por onde viera.

Irene piscou, e quando o fez já não estava no corredor. Estava na cama, deitada como antes. Ergueu a cabeça e olhou pela porta escancarada:

O urso de brinquedo estava largado no meio do caminho.



Irene abriu o guarda-roupas do quarto da avó. Apanhou a caixa de sapatos cheia de fotos da família. Dezenas de tios e primos mortos lhe sorriam sorrisos em preto-e-branco. Arrancou as roupas da avó dos cabides; logo, também as do avô. Esvaziou as gavetas. Juntou tudo numa trouxa e atirou-a pela janela. O bolo se desmanchou e as peças foram se espalhar pela calçada. Um mendigo parado na esquina olhou para o alto, perplexo. Logo ele estaria provando os paletós de lã e as calças de pregas.

As fotos, incluindo a que repousava sob a poltrona, Irene queimou.

— E não aparece mais aqui! — gritou pela casa. — Nunca mais, ouviu, sua... sua velha maldita? Este lugar é meu agora! Minha casa! Minha vida! Não se intromete!

Como odiava aquela criatura! Uma avó que nunca tinha gostado dela. Não de verdade. E que, mesmo morta, assombrava seus sonhos, suas noites, seus dias. “Ela sabe do bebê.”

Desabou no sofá, arquejando. Num segundo, sentiu-se triunfante; no outro, miserável. Contra que lutava? Do que fugia? Ela tinha razão, não tinha, a velha nojenta? Não possuía dinheiro, vontade, sequer equilíbrio mental. Não podia ter a criança.

Ouviu a campainha. Que não fosse Euclides, ou seria obrigada a bater-lhe a porta na cara. Não podia conversar com ele naquele estado. Pelo olho mágico, viu Dona Neusa. O relógio da sala marcava 23 horas.

Não sabia mais o que pensar. Abriu a porta. A mulher entrou.

— Então. Você...

— Vou *tirar*!

Dona Neusa simplesmente lhe entregou uma folha de papel dobrada.

— É o nome daquele remédio. Eu peguei com a minha filha. Ela... já precisou usar uma vez. Também anotei o que você tem que fazer pra ele funcionar. Agora, eu não falei *nada* pra você, ouviu, menina? Não tenho nada a ver com isso.

Virou-se para sair, mas, antes, olhou novamente para Irene:

— Mas... se você for mesmo fazer, me chama. Dizem que pode ser meio perigoso, é melhor ter alguém por perto pro caso de... bom, de algo dar errado, sabe.

Irene não agradeceu. Sentia um misto de consolo e repulsa.



No dia seguinte, com o nascer do sol, correu à farmácia.

— É pra artrite da minha tia — mentiu, como lhe indicava o papel rabiscado. Suou frio até pagar pelo medicamento e sair com ele bem seguro nas mãos; tivera medo que lhe pedissem uma receita.

Em casa, desdobrou a folha de papel novamente e leu com cuidado as instruções clandestinas anotadas pela letra hábil, que já copiara dezenas de receitas de tortas da TV. Entrou no banheiro, sentou-se sobre o vaso com a tampa fechada e suspirou.

Era a única coisa a fazer, não era? Seria seguro? Precisava ser; eram apenas uns comprimidos. Não ia enfiar um cabide ou espeto no próprio corpo como uma caipira.

Aplicou o remédio. Pronto. Nas próximas horas, com sorte, teria um sangramento e, então, tudo estaria acabado.

— Alô? Euclides?

— Oi! Você tá legal? Sua voz tá tremendo.

— Eu tô bem... Queria pedir desculpas pelo outro dia...

— Tudo bem...

— ...e perguntar uma coisa.

— Pode falar.
— Você gosta de mim? Quero dizer...
— Claro que gosto. Mas você fica fugindo e...
— Se eu tivesse feito algo ruim, mas *muito* ruim mesmo, ainda assim você gostaria de mim?

Silêncio do outro lado da linha.

— Euclides?
— Não sei. Depende. Por que tá perguntando isso agora?

— Por nada...
— Eu vou aí.
— Não.. Não vem. Eu não tô em casa — mentiu.
— Claro que tá, Irene. Seu número aparece no visor do meu telefone.
— É sério. Não quero que você venha.
— Pára de me enganar, pô... Se você tá com algum problema, me deixa ajudar!

Mas Irene não estava mais escutando. Seus ouvidos captaram novamente os berros de Pirata.

— Irene! Dá o pé... Dá o pé...

Ergueu o rosto do bocal do telefone para gritar com a ave, mas deteve-se. Seus olhos se cravaram na figura na porta do seu quarto.

A menininha não sorria; apenas lhe devolvia o olhar cheio de espanto e ódio.

Irene bateu o telefone, encerrando a ligação, sem saber bem o que fazia. Toda a sua atenção se dirigia à criança.

— Você não pode estar aí e ao mesmo tempo *aqui*!
— vociferou, apertando o próprio ventre, como se quisesse arrancar de lá com as próprias mãos a pequena vida que se formava. Lá no fundo, Pirata finalmente se calara.

Os olhinhos da menina brilharam e lágrimas brotaram instantaneamente deles. Parecia-se demais com um bebê agora, o rosto contraído de mágoa, a voz embargada pelo choro. Que aumentou, tornando-se gritos. Gritos de criança em agonia, que ecoaram dentro de sua cabeça e fizeram-na levar as mãos aos ouvidos. Juntamente com uma risada prazerosa, gutural, que soou às suas costas.

Irene voltou-se para a sombra sentada no sofá. A boca cavernosa tossia suas risadas, o peito subindo e descendo com o esforço. Os olhos opacos olhavam diretamente nos seus.

A velha bateu palmas e o antigo rádio foi ligado, tocando muito alto uma música antiga, chiada, dos tempos distantes da sua mocidade. E continuou a rir.

Irene lançou-se pelo corredor, para longe dela, para longe daquela insanidade. Quando passou pela menina, esta não se desviou; seu corpo se desvaneceu à passagem daquela que seria sua mãe.

Chegou à área de serviço. Soltou um grito. Pirata, o papagaio, estava estatelado no chão, as asas esparramadas e o pescoço retorcido: morto. Retrocedeu; precisou apoiar-se à parede quando a dor profunda, aguda, lhe espetou as entranhas.

Escapou para o banheiro e fechou a porta, onde escorou-se, apenas a tempo de cair dobrada sobre si mesma. Não era para doer tanto! Sentiu o espaço entre as pernas tornar-se quente e úmido e um líquido escorrer fartamente, formando nos azulejos uma belíssima aquarela de todos os tons de vermelho. Crescente e vivida aquarela.

Doía. Sangrava. E, logo, ela nada mais ouvia ou enxergava.



A boca estava seca. Abriu os olhos, tudo branco demais, voltou a fechá-los. Acostumou-se devagar à sensação de estar viva. Olhou ao seu redor: estava deitada num quarto de hospital humilde. Um cano de plástico injetava sangue em seu braço a partir de um suco já quase vazio. Um homem entrou no quarto sem perceber que ela estava acordada. Era jovem, trazia na mão uma prancheta e vestia jaleco branco: médico.

— Que bom que está acordada — disse, surpreso.
— Sou o Doutor André. Seu nome é Irene, certo?

Ela emitiu um grunhido. Não tinha força nem vontade de responder. “O que é que aconteceu mesmo?...”

— Você teve uma hemorragia grave, moça. Sua pressão baixou e sua vizinha a encontrou desmaiada. Ela entrou na sua casa para lhe oferecer isto. — Ele ergueu do criado-mudo um vasilhame de suspiros caseiros. Sorriu amargamente. — Sabe... você poderia não ter tido tanta sorte.

Agora muito sério, ele se debruçou na sua direção e baixou o tom da voz.

— Achamos vestígios de um certo medicamento no seu corpo, Irene. Você induziu um aborto, não foi?

Ela franziu as sobrancelhas.

— Por favor... — começou, suplicante.

— Sabe, eu não ganho nada denunciando esse tipo de coisa — disse o médico, anotando qualquer coisa na ficha em sua prancheta. — Não vejo vantagem em obrigar uma mulher a ter um filho que não quer. Mas eu nunca disse isso a você, tá? Vou registrar como hemorragia espontânea. Você perdeu o feto. Ponto. Nós fizemos uma

aspiração, tiramos tudo o que tinha sobrado no seu útero e coisa e tal. Não quer os detalhes, quer? Você ainda vai sentir dores e sangrar por um tempo, vai ter que tomar um analgésico... De resto, tudo tranqüilo. Mas da próxima vez... tente fazer com que *não haja* próxima vez. Entendido?

— O senhor é um anjo — murmurou ela, sem alegria.

— Tá, sei... Agora, tem uma pessoa esperando para entrar. O nome dele é Euclides. Disse que é seu namorado.

Irene sentiu algo gelado na espinha. Mas ele já sabia que ela estava ali, teria de recebê-lo. Diria a ele a mesma coisa que o médico anotara em seus registros. Sabereria mentir mais uma vez.

Minutos depois, Euclides entrou no quarto. Tinha na mão um buquê de gérbervas coloridas para alegrar o dia. Largou o junto aos doces de Dona Neusa e sentou-se na beirada da cama. Tinha um ar consternado.

— O médico disse que você vai melhorar logo — sussurrou. — Mas fiquei preocupado quando passei na sua casa e a sua vizinha me falou que você tinha vindo parar no hospital.

— Eu tô ótima — mentiu.

O rapaz pegou suavemente sua mão, mas olhou-a com gravidade.

— Irene... O médico disse que você sofreu um aborto — falou. — Você tava grávida e não me contou nada.

— Eu não podia... Eu fiz tudo errado. Me perdoa.

— Você tava grávida. E abortou!

— Foi um acidente! — disse.

— Mas você mentiu pra mim, Irene. Eu sabia que você tava com problemas, queria ajudar, e se você tivesse sido sincera... se tivesse sido sincera eu teria feito qualquer coisa. Você preferiu mentir. Quem era o pai dessa criança?

As lágrimas novamente tomavam conta do rosto de Irene. Ela o virou de lado; não suportava olhar para Euclides. Tampouco respondeu. E, no seu silêncio, havia todas as respostas de que ele precisava.

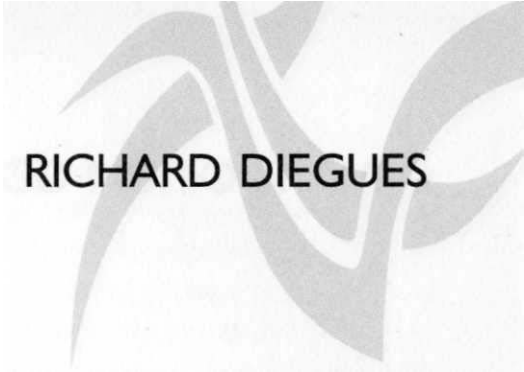
— Eu me enganei sobre você — sussurrou apenas, e levantou-se. Irene ainda ensaiou chamar por ele, mas desistiu: somente observou-o sair, deixando a porta escancarada. Apertou o rosto, procurando reter o choro. Olhou novamente para a porta e Euclides não estava mais lá. Mas Dona Eleanor, sim. Sorria contente; malignamente. Trazia pela mão a criança. A voz dela chegou aos seus ouvidos como um rosnado:

“Eu não disse que você não devia ter a criança? Você sonhou o que ela seria, e não a quis. Agora, você fica e ela vai comigo.”

Observou impotente a velha arrastar seus chinelos de pano pelo corredor do hospital. A menininha olhou para Irene com pesar e, por fim, baixou os olhos. Mas Eleanor ainda olhou mais uma vez para trás.

“Você pode até me odiar, Ireninha. Mas vai continuar fazendo tudo o que eu mandar.”

Piscou um olho maldoso e afastou-se.

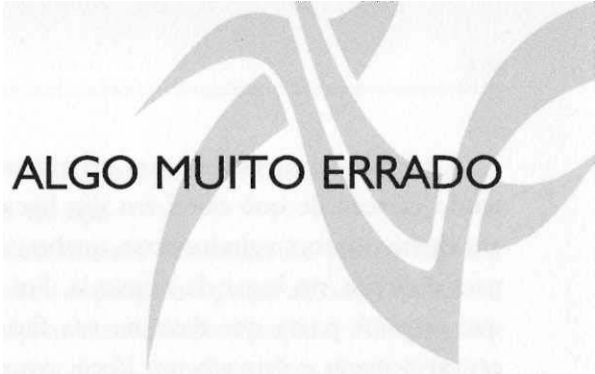


RICHARD DIEGUES

ULTRAPASSAR as fronteiras do terror e flertar com outros gêneros é uma das características de Richard Diegues. Suas narrativas são marcadas pela inovação de velhos clichês e pela ausência dos finais ditos convencionais.

O autor insere o leitor na mente de seus protagonistas, com pensamentos que se ligam a outros, que, por sua vez, encaminham para outros, como em uma *matryosca*, onde, a cada boneca aberta, uma nova surge para nos surpreender.

Em *Algo muito errado*, o clima *noir* domina a história e somos conduzidos por Toni em sua corrida alucinada através da Necrópole, onde os maiores perigos não vêm dos homens que o perseguem, mas de seus erros passados.



ALGO MUITO ERRADO

O homem pode suportar as desgraças, elas são acidentais e vêm de fora: o que realmente dói, na vida, é sofrer pelas próprias culpas.

Oscar Wilde

A DÚVIDA É um veneno saboroso e instigante. É ela que me faz permanecer vivo. Em compensação, também me afasta aos poucos da vida real. Tudo tem seu preço e arrecada alguns centavos durante o curso natural das coisas. Em meu estado atual, certamente já perdi alguns milhares de centavos. A dúvida é tudo que me resta.

Tento não divagar. Não muito, pelo menos. Deixar as dúvidas de lado.

Forço a porta. Três golpes com o ombro bastam. As portas não são resistentes como antes. Boa madeira é coisa cara. Mesmo um hotel de luxo não se importa com a qualidade das portas de serviço. Sorte a minha. Balas passam zunindo muito perto.

Entro na cozinha. Sinto-me em um filme de décadas passadas. Fugas em hotéis sempre acabam em cozi-

nhas. Horrível, mas é o que acontece também na vida real. Provavelmente porque as cozinhas ficam na parte dos fundos dos hotéis. Não ligo para isso realmente. Apanho um pesado cutelo sobre uma bancada e o arremesso girando no ar em direção à porta pela qual acabo de passar. Quero apenas assustar e distrair. Não tenho a pretensão de acertar realmente. Vejo de relance quando se crava na face do pistoleiro, próximo ao olho esquerdo. Não esperava, mas foi ótimo ter acertado. Confesso que não consigo deixar de sorrir. Minha vida inteira é um grande clichê.

Atiro-me através da porta no extremo oposto da cozinha, lendo certeza de que cairei em um beco imundo. No entanto, em algum ponto, segundos atrás, quebrei a seqüência. Uma curva para a direita, no lugar da esquerda. Foi em uma dessas curvas que errei. A porta que dava na rua fica do outro lado. Devia cruzar a porta e cair em um beco; entretanto, no lugar disso, caio sobre uma mesa, no meio do restaurante do hotel. Arrasto para o chão tudo que está por cima dela. O espaguete *al sugo* me faz pensar em sangue. Não há como não pensar nisso, principalmente com uma garrafa de vinho tinto se misturando ao branco de minha camisa.

Tento me erguer. Ouço um estalo e sei que algo está muito errado. Procuro e encontro a pistola apontada para mim. Na outra ponta do cano está um homem. Pelo porte, um segurança particular. Pelo visto, derrubei o jantar de algum figurão e este é o seu guarda-costas. Má sorte a minha. Homem grande. Pistola grande. Sotaque árabe. Quatro passos de distância. Não há muito que eu possa fazer. A arma está apontada diretamente para mim. Tateio o chão. Furo a mão nos restos de garrafas e pratos. Mas

vale a pena, porque encontro o que quero: o cabo de uma faca.

O grandalhão grita algo. Tem mesmo um forte sotaque árabe. Não grita comigo, mas sim com o pistoleiro que me persegue. Ergue o braço com a arma, apontando para a porta que cruzei há pouco, mas pára no momento em que uma bala abre um buraco entre seus olhos. Quase esqueci do italiano que me perseguia. Quase. Ajoelho e arremesso a faca na direção do carcamano. Dessa vez não acerto, o que é uma pena, mas ganho os segundos necessários para pegar a pistola do árabe e saltar pela janela sem levar uma bala no traseiro.

Ganho a calçada junto com uma chuva de vidro. Sinto uma torção no joelho, mas a dor terá que esperar. Vai inchar mais tarde, mas no momento preciso ficar em pé. Ergo a cabeça e apóio a mão na calçada para tomar impulso, então ouço vários sons em Sequência: uma pistola sendo destravada, sapatos esmigalhando vidro, uma mulher que grita ao longe, possivelmente ao ver a arma sendo apontada para a minha cabeça. Não agüento mais armas apontadas para a minha cabeça.

Quando espero descobrir a sensação de ter os miolos espalhados pelo chão, ouço o pistoleiro gritar algo em italiano e em seguida descarregar a pistola em direção à esquina. Não procuro entender. Rolo de costas na calçada, agradecendo a chance, e cuido de não desperdiçá-la, enchendo o *maledeto* de chumbo. Quando vejo o olhar de espanto do assassino, penso que Martin podia se dar ao trabalho de mandar capangas melhores atrás de mim. Algo está errado. Algo está muito errado, mas não posso me preocupar com isso neste momento.

Levanto-me o mais rápido que meu corpo permite e arrisco uma olhada para a esquina onde o pistoleiro atirava. Algumas pessoas olham na mesma direção, mas não encontro o suposto alvo. Tudo que vejo é um poste cravado de balas. Tento me convencer de que não havia nada ali, mas sei que havia. Algo que me quer morto, mas que, estupidamente, acabou salvando minha pele.

Vejo luzes vermelhas e azuis ao longe. Vêm acompanhadas de sirenes que me dizem para cair fora enquanto ainda resta tempo. Bom conselho.

Meu joelho está torcido e bem dolorido. Manco para longe do local. Odeio sentir dor. Preciso de uma bebida forte.



Sento-me na poltrona larga e deixo a água escorrer no tecido manchado. Vejo as marcas de meus passos molhados no carpete surrado, vindo do banheiro. Pouco me importa a imundície nele. Não posso escolher um hotel razoável agora. Apenas este tipo de pocilga embolorada aceita hóspede sem bagagem. Minhas roupas tingidas de vários tons de vermelho são um bom agravante. O fato de estar mancando e minha cara de poucos amigos também. Mesmo com grana não é fácil conseguir discrição.

Ouçõ as batidas na porta e solto um “entre”, alto apenas o suficiente para que seja ouvido do outro lado. Observo Gina entrar pelo reflexo do televisor desligado. Sou bom para nomes e esse foi o nome que a puta me deu quando se apresentou, não que me importe realmente. Quando fecha a porta atrás de si, instruo-a para que passe a tranca. Ela o faz e eu enfio a pistola no vão entre o as-

sento e o braço da poltrona. Segue até a cama e larga algumas sacolas. Não errei em confiar nela.

— Quer ver as roupas?

Dou de ombros. Em resposta, acena para que me aproxime. Concorro e vou até a cama. Sento-me no colchão que range e me encosto na cabeceira, enquanto a vejo mexer nas sacolas. Calça, camisa, blazer, meias e até uma cueca são postos sobre a cama. Pedi que me comprasse um terno, mas gosto das roupas mesmo assim. Aparentemente é coisa boa. Gina vive na margem, mas tem bom gosto. Quando a vi na portaria do hotel, achei que me serviria para três coisas: uma boa desculpa para alugar o quarto, alguém para me trazer uma muda de roupas e companhia. Nestes últimos dias, tenho preferido ter alguém ao meu lado.

Gina deixa as roupas que usa caírem no carpete e apanha uma sacola. Retira dela um vestido longo. Vermelho intenso. Com sensualidade estudada, faz com que o vestido escorregue pela pele. Sua palidez contrasta de forma agradável com a cor. Sinto vontade de lhe dizer isso, mas não quero que ache que estou interessado em seu corpo. Quero apenas companhia, não sexo. Ainda há Debby demais em minha cabeça. Sempre haverá.

Debby não confiava em mim, sempre suspeitando que eu me divertia com prostitutas, noite após noite. Discutia comigo sempre que eu chegava tarde. Não acreditava que a única parte ainda amolecida de meu coração pertencia totalmente a ela. Ainda pertence, mesmo que não haja mais motivo para provar isso. Queria tanto mais uma briga. Até delas sinto falta.

— Ficou bom, Toni? — pergunta Gina, pronunciando alegre o meu nome.

Não sei por que lhe dei meu nome verdadeiro. Respondo com um grunhido pouco amigável e vejo que mesmo assim ela sorri contente. Certamente nenhum homem antes lhe deu a chance de escolher um vestido em troca de buscar umas peças de roupa. Retira o vestido, dobra-o e o recoloca na sacola.

Vejo a bolsa dela se remexer e a seguir ouço o leve miado. Gina tosse tentando disfarçar o barulho, mas eu já havia notado a bolsa antes mesmo que entrasse no quarto. Ouvi o gato na recepção do hotel. Acho que foi isso que me fez confiar nela.

— Melhor tirar o gato da bolsa, antes que sufoque.
— Ela pensa em dizer algo, mas sou mais rápido. — E pode deixá-lo solto. Não tem como deixar este buraco mais sujo do que já está.

Seu sorriso é recompensador. Sem se dar ao trabalho de recolocar a roupa que usava, apanha as sacolas e as leva para a poltrona. Caminha até a mesinha e abre a bolsa, retirando de dentro dela um filhote de gato, branco com manchas pretas. Coloca-o no chão. O bichano ganha o carpete, andando cuidadoso e me espiando arisco. Enquanto o observo sumir debaixo da cama, Gina apanha também um pequeno pote. Serve uma dose de vodka em um copo e vem até a cama. Entrega o copo para mim e, abrindo o pote, esfrega a pomada que contém em meu joelho, fazendo uma massagem reconfortante. Boa menina. Eu não sabia o quanto precisava disso.

Passa então a massagear meus pés e me deixa relaxar, embalado por seu toque firme. A semana não tem sido fácil. A massagem me deixa leve. Começo a me sentir de uma maneira que não me sinto desde que toda a confusão começou. Desde antes de todas as mortes. Então as

lembranças me pegam em cheio. O rosto de Débora, desfigurado pelas chamas, invade minha memória. Quase salto na cama.

— Já chega, meu bem, não precisa ir tão pra cima — resmungo ofegante, enquanto retiro sua mão de minha virilha. — Quero apenas companhia. Não preciso de sexo agora — e completo, vendo sua expressão: — Não se preocupe, acho você muito bonita. Também vou pagar por seu tempo do mesmo modo. Não é pessoal.

Durante alguns segundos ela me encara, tentando compreender. Seus olhos passeiam pelo meu corpo armado, que visivelmente deseja que prossiga, mas sabiamente resolve não insistir. Dando de ombros, aproxima-se mais e se aninha em meu peito. Isso é algo do qual eu também preciso e deixo que o faça. Alguns minutos depois, está dormindo e o gato tenta subir na cama, escalando o lençol com muita dificuldade. Tenho vontade de estender o pé para ajudá-lo. Não o faço. O esforço é bom, pois, com o tipo de vida que leva, tem que conseguir se virar sozinho. Vinte minutos depois, estamos os três dormindo sobre a cama.



Acordo com a boca amarga. Não sei se o que me acordou foi o frio ou o barulho do gato.

Com exceção do bichano, que mia para alguma barata encurralada embaixo da poltrona, nada mais se move na penumbra do quarto. A tranca da porta permanece intocada. Gina está virada de costas para mim e dorme enrolada no lençol. Tudo parece normal, exceto pela sensação ruim e pelo estalo seco que ouço dentro da minha ca-

beça. Algo me deixa alerta, mas não consigo enxergar. Sei que o simples fato de não vermos onde está não afasta a existência do perigo.

Gina acorda bocejando. Vejo seus olhos piscando sonolentos graças à pouca luz que entra pela porta do banheiro. Tento ignorar o gato e sua barata. Concentro-me na origem do perigo. Os únicos lugares onde alguém pode estar são no banheiro ou no corredor. Sinalizo com o indicador para que a mulher fique em silêncio assim que percebo que me olha preocupada. Tento lembrar em que andar estamos. Terceiro. Lembro da fachada. Não é fácil de escalar e nem de passar de um andar para outro. Não entendo o motivo, mas meu coração está disparado e um suor gelado pesponta minha pele. O suor parece mais frio do que deveria. Não entendo porque sinto tanto frio. Penso em cruzar o quarto e apanhar a garrafa de vodka. Isso me aqueceria. Também me faria parar de tremer.

Resisto e me deito novamente. Depois que me vê relaxando, Gina também fica calma. Observa a poltrona. Acho que olha a sacola com seu vestido novo, mas noto que olha mais para baixo, para o gato. Seu sorriso é quase infantil ao observar o bichano brincando. Adora o gato com toda certeza.

A paz acaba quando Gina arregala os olhos e a boca se abre devagar até se tornar um círculo. Grita. Um grito agudo, que gela o sangue e que apenas mulheres apavoradas conseguem dar. Minha cabeça segue a direção da dela e vejo o gatinho desaparecendo embaixo da poltrona. Apenas um relance dele entrando debaixo da poltrona. Nada de estranho a princípio. Gatos fazem isso. O detalhe é que tenho a nítida impressão de que foi rápido demais.

E de costas. Rápido demais mesmo, e de costas, como se tivesse sido puxado.

Salto da cama e paro em frente à poltrona. Quase não sinto o joelho doendo. Quase.

Quero acender a luz, mas o interruptor fica ao lado da porta, que no momento está longe de mim. Com a mão esquerda, apanho a pistola do vão do assento e, com a direita, ergo a poltrona com um solavanco. Ouço o miado de desespero do gato e aponto a arma para o nada. Meus olhos varrem tudo e a pistola os acompanha. Não vejo nada que possa ter puxado o gato, mas noto algo diferente. Parece que sombras sob a poltrona se movimentam, como uma bruma espessa. Dão a impressão de se encolherem conforme aponto a pistola, esquivando-se lentamente.

O gato, mancando, sai do meio da bruma e se posta entre minhas pernas. A pata traseira sangra e o rabo desapareceu. Não há nada embaixo da poltrona e ao mesmo tempo eu sei que algo está ali. Não é apenas a bruma, mas sim uma sensação igual à que senti na esquina em que o pistoleiro se distraiu. Só que esta é mais assustadora, pois vejo os ferimentos no gato. Na esquina, não vi nada. Aqui, existe o sangue. Não quero acreditar, mas em meu íntimo sei que não é minha mente me pregando peças.

Então as coisas acontecem rápido. Primeiro, ouço o estrondo na porta. Um segundo depois dois homens atravessam a madeira, entrando no quarto, já disparando contra a cama. Minha visão mistura os pedaços de madeira voando na penumbra com os traços vermelhos que as balas descrevem no ar, antes de acertarem a cama e Gina.

Descarregaram as suas pistolas na mulher. Descarrego a minha pistola neles. Gina não tem tempo de enten-

der o que acontece. Também não dou esse tempo a eles. Se estivesse na cama, também estaria morto. O pardieiro ganha vida com os tiros. Várias pessoas seminuas passam correndo pelo corredor. Não é um lugar de muito respeito e ninguém quer estar nele quando a polícia chegar. E tiros normalmente atraem policiais.

Olho para a poltrona apenas por olhar. Não há mais nada lá. Vou até os pistoleiros e apanho suas armas. Não me dou ao trabalho de verificar se estão vivos, pois atirei em suas cabeças e os buracos têm um tamanho razoável. Apanho a garrafa de vodka na mesa do canto e a seco em alguns goles. Evito o clichê e não atiro a garrafa no chão para que se quebre. Recoloco-a vazia dentro do balde. Penso no porquê de Martin ter enviado estes dois incompetentes. De um deles eu me lembro bem. Já o vi antes e tenho certeza de que não vale nada. Um mero capanga. Não são os tipos que seriam mandados em meu encalço, muito menos os tipos que conseguiriam me rastrear até aqui.

Olho para Gina com o canto dos olhos enquanto apanho o gato no chão. Na posição em que está, lembra demais minha Debby. Ver um corpo crivado de balas e lembrar de minha mulher certamente é a última coisa que desejo. Procuro algo para me distrair desse pensamento mórbido e olho de perto a pata ferida do gato e o lugar onde minutos antes seu rabo se agitava. Há mais alguma coisa neste quarto, mas, além de mim e do gato, não há mais ninguém vivo.

Apanho as roupas que Gina comprou para mim e me visto. Faço tudo sem pressa. Ao contrário dos outros hóspedes, sei que a polícia vai demorar a chegar, princi-

palmente se foi avisada de que houve troca de tiros no local.

A roupa cai bem. Gina foi perfeita na escolha. Protejo o gato, colocando-o no bolso do blazer. Antes de partir, pego o vestido vermelho de Gina e o deposito sobre seu corpo nu.

É uma pena terem lhe roubado a chance de usá-lo.



Estou em frente à estação rodoviária. Observo o movimento dos ônibus enquanto penso se vale a pena entrar em um deles. Os tentáculos de Martin têm me achado em todos os lugares aonde vou. Estou escapando há três dias, desde que destruíram minha casa. Pulando de um hotel para outro, fugindo dos carcamanos e evitando as balas, mas sei que em algum momento minha sorte vai acabar. Mesmo não sendo profissionais, os assassinos que me perseguem podem acertar qualquer hora.

Ouçoo o gato miar no meu colo. Está sem o rabo e com os esparadrapos e ataduras que comprei em uma farmácia cobrindo sua pata machucada. Fiz o melhor que pude. Sei que está uma droga. Acaba de lambe os últimos vestígios do iogurte que lhe dei e me encara. Tenho vontade de deixá-lo sobre o banco e ir embora, mas sei que faço isso e ele morre debaixo do primeiro ônibus que passar. Acaricio sua cabecinha.

Em breve amanhecerá. Não tenho fome nem sono. Raciocino que não adianta fugir.

— Seja lá o que tenha machucado você — digo, passando o indicador em sua patinha —, é a mesma coisa que tem trazido os capangas de Martin até meu rabo.

Quando concluo a frase, percebo que assumi que algo não natural tem acontecido. Aos poucos, minha cabeça se volta para uma possibilidade absurda. Tudo o que não desejava era crer que o fantasma do garoto está atrás de mim, mas noto que é tarde. Minha avó acreditava em fantasmas, não eu. Mas, diante do que tem acontecido, já não tenho certeza. Nessas circunstâncias, gostaria de achar que tudo é culpa da bebida.

Ponho o gato no chão e deixo que brinque com a pouca grama ainda não pisoteada. Preciso pensar. O veneno da dúvida corre novamente em meu sangue. Sinto-o se movendo embaixo da pele, principalmente sob meu crânio.

Toda a confusão se deu depois da morte do menino. Isso é claro. Ele me jogou neste esgoto em que estou. Maldita a hora em que aceitei cuidar do guri. O desespero me fez aceitar o trabalho. Um pouco de orgulho também contribuiu. Três meses procurando algo. Ninguém contrata um pistoleiro com mãos que tremem por falta de álcool. Eu também não sabia que estavam atrás da família dele. Se soubesse, não teria encarado o trabalho.

O gatinho brinca com o cadarço do meu sapato. Sinto inveja dele.

Estiro a mão e vejo que não consigo mantê-la sem que trema violentamente. Retomo meus pensamentos. O garoto foi o culpado. Sei que foi quem insistiu para que eu fosse seu guarda-costas. Trabalhei para Martin quando ainda iniciava na profissão. Eu cuidava da casa e o garoto sempre estava por perto. Quando comecei a beber, deixei de ser bem-vindo ao trabalho. Se dependesse de Martin, eu não seria nem um simples capanga. Mas Chris, seu fi-

lho, gostava de mim. Gostava dos pequenos truques que faço com moedas.

— E agora o pirralho está me assombrando — olho pro gatinho e movo o pé para que corra atrás do cadarço. — E quem levou a pior foram você e sua antiga dona. Ela deu azar de ter me conhecido na recepção do hotel e precisar de uma grana. Você, de estar na bolsa dela.

Sei que é o garoto que me persegue, pois a primeira vez em que vi a aparição foi pouco depois de chegar à minha casa. Tudo estava em chamas. Matei quatro dos capangas responsáveis pelo incêndio. Apontava a arma para a cabeça do último e, no momento em que puxei o gatilho, vi-a de relance, com o canto dos olhos. Foi rápida e era fumaça em meio a fumaça, mas sei que vi alguma coisa. No dia, pensei ser a mistura da bebida com a adrenalina. Sei agora que o garoto estava ali, conferindo o trabalho sujo.

A segunda foi quando fugia da cidade. Senti algo no banco de trás e vi uma sombra pelo retrovisor. Freei o carro. Não havia nada quando olhei, mas foi sorte ter parado, pois no instante exato em que me virei para o banco de trás uma bala atravessou o pára-brisa. Estava sendo seguido desde a minha casa e não havia percebido. O choque recente de ver minha Debby morta havia me desligado do mundo. Usei a raiva dos últimos acontecimentos para me livrar dos desgraçados. Na verdade, serviram para aliviar meu sentimento de culpa por não ter protegido minha mulher. Eu tinha certeza de que Martin desconhecia meu endereço. Sempre oculteí minha vida pessoal. Pensei que, me mantendo afastado da casa, nada aconteceria com Debby. Ledo engano.

No primeiro hotel onde dormi, me deparei com a terceira. Tive um pesadelo e acordei a tempo de ver algo embaçado no canto do quarto. Quando fui acender a luz, ouvi a maçaneta estalando. Um pistoleiro tentava entrar no quarto. Tomei todos os cuidados possíveis, mas haviam me encontrado. Quando olhei para o canto novamente, não havia nada.

Em todos os hotéis em que me escondi os pistoleiros me encontraram. Em cada um deles, tenho visto a aparição. Suspeito que ela os atrai até o local. E está ficando cada vez mais forte.

— Seu rabo é que o diga, não é? — murmuro, observando o bichano cutucando a terra.

Na esquina no dia anterior, todos na porta do restaurante a viram. No hotel, há pouco, conseguiu puxar e ferir o gato. Está me perseguindo e trazendo os pistoleiros até mim. O pirralho está com ódio. Mas eu não pude fazer nada para salvá-lo. Eram dez homens contra mim. Matei todos. Mas não consegui evitar que fosse baleado. Fiz o melhor que pude.

— Quer vingança? Já matei os que te assassinaram. Quer me matar também? É isso o que quer, garoto? — Minha voz sai mais alta do que desejo.

Vejo o gato olhar para um ponto no ar e acompanhar algo com os olhos arregalados, como se fosse uma folha que flutuasse e caísse no chão. Não havia folha alguma. O gato também não se assustaria tanto com uma folha. Uma grande quantidade de terra salta do chão, do ponto que o gato fitou, diretamente para meu rosto. A terra me golpeia com força, mas não entra em meus olhos, que fecho a tempo. Rolo no banco e saco a arma instintivamente. Aponto a arma em todas as direções. Estou sozinho.

Assustado e sozinho. Não há ninguém num raio de cem metros. Estamos apenas eu e o gato, que se enfiou apavorado sob o banco. E agora, tenho certeza de que o fantasma também está aqui.

Guardo a arma com as mãos trêmulas e olho o chão à minha frente. Nele, há uma marca que rapidamente identifico como a palma de uma mão. Ajoelho e coloco a minha sobre a marca. Ela é bem menor do que a minha. Sinto os pêlos em meu braço se arrepiarem e retiro a mão rapidamente dela.

— Pode ser apenas terra, meu amiguinho — falo, apanhando o gato do chão e colocando-o em meu bolso rapidamente —, mas aparentemente alguém aprendeu mesmo como tocar nas coisas. E aposto que quer tocar no seu amigo Toni, aqui.



Estendo algumas cédulas chamuscadas sobre o balcão. O homem tem uma plaqueta de acrílico presa ao peito, onde leio a palavra “gerente” e nada mais. As mãos suadas se esticam para o dinheiro, depois voltam para trás do balcão em um momento de indecisão e, por fim, voltam ao dinheiro. As cédulas vão para uma gaveta abaixo do balcão e em seguida uma chave tilinta sobre a fórmica ensebada.

O temor dele não se deve apenas às minhas mãos, sujas do óleo da moto quebrada que roubei e larguei no mato alguns metros atrás, às margens da rodovia. Também não se deve às pontas queimadas das notas, que ele não sabe terem sido apanhadas em um esconderijo de minha casa incendiada. O que o faz relutar é o faro que se

adquire depois de anos enfiado em um buraco no meio da estrada. Vejo em seus olhos o medo de confusão. Se fosse noite, certamente diria que não tinha quartos vagos, mas o sol mal acabou de nascer. Facilito para ele ao pedir um quarto apenas por seis horas.

— Sossega. Um banho e vodka — apanho a chave, olho o número do quarto e sigo para o corredor onde suponho que fiquem os quartos —, depois disso eu vou embora.

O sorriso nervoso que me dá, acompanhado de alguns amistosos gestos de mão, não consegue afastar o suor que poreja em suas têmporas e nem as piscadelas nervosas de suas pálpebras. Dou de ombros. Não me importo com isso. Só me deixou ficar pelo medo do que aconteceria se recusasse.

O que me preocupa apenas é a motocicleta quebrada na beira da rodovia. Nova e potente. Aposto um dedo que iria de um canto a outro do país sem quebrar. Mas isso se o sujeito que a guia não tiver um fantasma no seu calcanhar, que quer evitar de qualquer maneira que saia da cidade. A cidade guarda muitas coisas obscuras em seu ventre. Fantasmas se apegam às metrópoles como moscas aos excrementos. E esse me quer aqui.

— Você está aqui, não é, guri? — digo após fechar a porta e girar a chave. — Sim, já estou acreditando em fantasmas, seu fedelho metido. Sei que está atrás de mim. Só não sei o que quer.

Ouçoo um leve crepitar que se alterna em todos os cantos do quarto e finalmente se concentra na porta. Um leve tamborilar de unhas impacientes ali fora. Retiro o gato de meu bolso e o coloco sobre a cama. Caminho até a

porta e paro a poucos centímetros dela. O som permanece.

— É vingança apenas? — indago e ouço o som passar de um tamborilar para um arranhar seco. — Se for, creio que já conseguiu, não é?

Num gesto rápido, giro a chave e puxo a porta. Salto para o corredor pronto para encarar o garoto. Mas não há nada ali. Nem uma mínima distorção no ar ou brumas se movendo. Não fosse a temperatura ter despencado sensivelmente, pensaria que estou louco. Muitos fantasmas são pura esquizofrenia. E, no momento, esquizofrenia seria apenas um pequeno problema para mim. Retorno e tranco a porta novamente. Mal largo a chave e o arranhar recomeça. É nítido e muito real.

— Ficou bem mais tímido, não é? Quando estava vivo, gostava de mim. Quer que faça um truque pra você? Não tem mais truques pra você. Minha Debby está morta. Minha casa, queimada. Carro.

Roupas. Dinheiro. Não me resta nada. Some, desgraçado. — Fico amargo ao forçar a lembrança de minha condição. — Quer me matar? Saco minha arma e coloco na têmpora.

— Não precisa trazer esse bando de pistoleiros de quinta categoria pra fazer o serviço. O Mantovani aqui pode fazer isso. É o que quer? — Afasto a arma bruscamente. — Pois não vai ter. Vou matar o desgraçado do teu pai se não largar do meu pé. Ele e toda a cambada dele, entendeu?

As coisas acontecem rápido. Ouço o garoto gritar. Gutural e um pouco mais grave, mas certamente é um garoto gritando. Logo a seguir, ouço o grito de uma mulher. Um grito de pânico. Estridente e alto. Então vem o

som de pancadas, como se alguém fosse arremessado de encontro às paredes do corredor. Sinto meus pêlos da nuca se arrepiarem ao ouvir o som de algo sendo esmigalhado. Penso em uma mulher de ossos frágeis e resolvo intervir. Os gritos da mulher e do garoto se mesclam e sou tomado por um terror inexplicável. São gritos de dor e raiva. Quando coloco a mão na maçaneta, a madeira da porta se curva para dentro e explode em milhões de fragmentos. Não dá tempo de recuar. Algo bate em meu peito e sou arremessado, passando por cima da cama e caindo do outro lado. Apóio a mão no colchão para retomar o fôlego.

— Maldição! — praguejo quando a cama trepida e os lençóis inflam.

Estico o braço e agarro o gato pelo pescoço um segundo antes de a cama ser erguida e se chocar com o teto do quarto. Meu queixo, no entanto, é golpeado em cheio pela estrutura da lateral. Cambaleio e sinto a pressão de uma bala de canhão explodir em meu peito. Meu cotovelo se choca com o batente da porta do banheiro pouco antes de o espelho ser estilhaçado pelas minhas costas. Quando a pia se quebra com o meu peso e bato a cabeça na quina do vaso sanitário, vejo, em meio a um lampejo, minha pistola apontada para meu rosto. A visão escurece rápido, mas tenho certeza de que a pistola está suspensa no ar. Ouço o disparo e sinto a dor lacerante em meu crânio. E é só.



Tento abrir os olhos e sinto algo como agulhas de tricô escarafunchando meu cérebro. Tento perceber onde

estou. Nenhum som próximo. Ouço um veículo grande ao longe. Lembro que estou em um motel de beira de estrada. Aos poucos, absorvo a dor em meu corpo. A cabeça dói muito. Lembro de ter levado um tiro nela. O maldito italianinho me deu um tiro na cabeça. Finalmente, abro os olhos e me deparo com a escuridão. Acredito estar morto.

Quando tento erguer a cabeça, além da dor e da tontura que me fazem desistir, sinto o repuxar do meu cabelo colado ao piso. Agradeço pela dor, pois graças a ela eu sei que ainda estou vivo. O sangue secou e colou meu cabelo, o que quer dizer que estou aqui há pelo menos sete horas. Chuto dez. Inspiro profundamente e sinto pontadas de dor por todo o corpo. Levei uma bela surra do pirralho.

Ouço um leve miado e viro a cabeça de lado. Meu cabelo estala ao desgrudar do piso. Olho pro gato parado a um palmo do meu nariz, deitado como eu e certamente colado no que só pode ser uma poça do meu sangue. O miado, apesar de fraco, me convence de que ainda está vivo.

O estranho em tudo isso é que ainda estou deitado no piso do banheiro. Nada do gerente do motel. Nada dos outros hóspedes. Nada de polícia. Nada dos carcamanos. Inspiro fundo e me forço a sentar. Saboreio os espasmos de dor. Ignoro todo o resto. Com cuidado, descolo o gato do chão. Boa parte de seus pêlos permanece colada ao piso, mas mesmo assim ele emite apenas um miado fraco.

Olho ao redor. Tudo está destruído. É como me sinto também. Vejo a pistola caída e a pego. Penso por um momento que algo pode acontecer. Nada acontece. Levanto e evito olhar para os pedaços do espelho. A aparência

do gato já me dá uma idéia de como devo estar e a dor diz que tenho um grave problema com minha orelha. Caso ainda esteja no lugar. Não acredito nisso.

Entro no quarto cambaleando. Em uma mão seguro o gato, na outra, a pistola. Esta é a hora ideal para um novo clichê. Eu guardaria a pistola, colocaria um cigarro no canto da boca e o acenderia com pose de durão. Mas a verdade é que parei de fumar e não me sinto nada durão neste momento.

Não fosse a droga do sinete eu até ignoraria os móveis empilhados no canto do quarto. O sinete é um clique surdo que ouço dentro da cabeça, geralmente quando algo não vai bem. Parte da base da nuca, depois sobe como um estalo audível e desce com um arrepio gelado. Maldito sinete. A primeira vez em que o ouvi foi quando aponteí a carabina para um jacaré e a bala acertou o dorso do danado. O bicho pareceu nem sentir e continuou em minha direção. Ainda bem que meu pai tinha, além de uma carabina, trinta anos a mais do que eu. Trinta anos a mais dão uma precisão maior ao mirar o crânio de um jacaré. Depois que fez o monstro parar, colocou a mão no meu ombro e conversamos sobre o sinete. Nunca mais esqueci.

No corredor, vejo algo saindo por uma porta aberta. Não preciso me aproximar muito para saber que é um par de pernas. Pernas de mulher. Meu coração bate forte e o gato solta um miado baixo. Praticamente geme. Ponho-o em meu bolso para evitar esmagar seus ossinhos sem notar. Percebo algo estranho. A princípio não entendo, mas acredito que o problema são os joelhos dobrados para trás. Quando chego frente à porta, vejo que não é apenas isso. Ali estão apenas as pernas. Uma parte da bacia e alguns tendões ainda as mantêm juntas, mas delas para

cima não há nada. No ponto onde começa o corpo propriamente dito, não resta nada. Olho o interior do quarto de relance e vejo que está tinto. Paredes, teto, móveis. Tudo ali dentro está pintado de vermelho. Sei que é sangue. Sinto o cheiro.

Quero correr. Cruzar o restante do corredor, passar pela portaria e chegar à estrada. Dali em diante, correr até colocar os pulmões para fora ou ser destroçado por um caminhão. Não corro. Não é isso o que faço. Passo para o quarto seguinte. Olho o sangue que recobre o lustre, as paredes e todo que há ali. Presto atenção a cada pedacinho de carne destroçada. Nos tufo de cabelos colados nos móveis. Nos dentes cravados na madeira da porta. Nos pequenos ossos de dedos espalhados entre restos de uma refeição. E prossigo assim. Vou de quarto em quarto. Absorvo cada detalhe de cada quarto. Quando chego à portaria, ergo a tampa do balcão e passo para o lado de dentro. Ignoro o gerente e sua cabeça torcida em uma posição estranha. Limito-me a pegar a chave de um carro no quadro da parede, uma sacola onde vejo uma muda de roupas, certamente do gordo, e uma espingarda de dois canos que está caída ao lado da cadeira, sem que tenha sido usada.

Saio do motel pela porta da frente e sigo para o pátio onde alguns carros estão estacionados. Olho para o mais velho deles e experimento a chave. Acerto de primeira. Antes de entrar no carro, meus olhos incidem na fachada do prédio.

— Covarde — balbucio as palavras grifadas na parede frontal do motel.

Foram escritas com sangue, estou certo disso. De ponta a ponta da parede.

Agora sei o que ele quer. A mensagem é clara. Entro no carro e parto.



As pessoas passam por mim e sorriem. Alguns dão risadinhas discretas depois que cruzam o meu caminho. Mas todos evitam me olhar diretamente. Isso é bom. Não quero ser lembrado. Os adultos riem por causa da faixa ao redor da minha cabeça. É irônico ver um homem com a cabeça enfaixada usando um jaleco de médico. Para quem olha de relance e vê a cruz vermelha na manga, é isso o que parece. As crianças riem por causa do gato, igualmente enfaixado na pata, rabo e tronco. Formamos uma dupla engraçada.

O saldo do motel foi de duas costelas quebradas para o bichano e uma orelha a menos para mim. Logo que entrei na cidade, avistei uma clínica veterinária. Tratei do gato e de mim. Precisava fazer um curativo na cabeça, fechar o corte na têmpora e tirar os pedaços da orelha que ficaram dependurados. Também precisava lavar o sangue seco e arrumar algumas roupas limpas. Tudo arranjado. O veterinário ficou contente de me emprestar o jaleco e me ver pelas costas.

As roupas do gordo estavam muito largas e nitidamente não pareciam minhas, por isso eu peguei o jaleco. Tenho outras coisas para me preocupar. Chris é uma delas. O fantasma dele, na verdade. Não posso mais ignorar. Estou mesmo sendo perseguido.

Tenho fome. Não quero arriscar um lugar fechado. Paro em um ambulante e peço um cachorro-quente e mais

uma salsicha que esmago entre os dedos e dou para o gatinho.

“Covarde”. A palavra rola de um lado para o outro dentro da minha cabeça. Vejo o lanche tremendo próximo da minha boca. Sei que é minha mão que treme, não o lanche. Pego uma cerveja e entorno a lata inteira de um só gole. Alivia um pouco a tremedeira. Um pouco apenas.

Penso no garoto. Quer que eu vá atrás do pai dele. Por isso me instiga com ofensas. É esperto. Tenta me levar para a toca do lobo. Mesmo assim, tenho dúvida se realmente me quer morto. A arma estava apontada para a minha testa no motel. Eu vi a mira bem no centro da minha cabeça. Acredito que errou o tiro propositalmente. Não tenho certeza, mas, se fosse apostar, minhas fichas estariam nisso.

A segunda cerveja desce mais macia do que a primeira. Todos no motel foram mortos. E mortos violentamente. Eu também poderia estar morto. O fantasma sabia que eu estava vivo. Se não soubesse, não teria deixado a mensagem.

Sei que tem capacidade para me matar. Vi o que fez no motel. Mas não me mata. Ainda quer algo desta carcaça aqui. Só pode ser isso.

Penso nos corpos mutilados e na facilidade com que me jogou sobre a cama. O peso da mão em meu peito, me arremessando para dentro do banheiro. A arma apontada para mim, suspensa no ar. Lembro dos corpos. Os requintes de crueldade foram grandes demais. Eu não acreditaria que o garoto pudesse ser tão sádico. Um arrepio percorre minha espinha. Se aprendeu tudo isso com seu pai, deve odiar o carcamano.

Martin precisava contratar alguém para proteger o guri. Sabia que a vida do garoto estava em risco. Briga entre as famílias. Os carcamanos primeiro matam os parentes para minar a moral e fazer com que seus adversários cometam erros. Ao agir por impulso, sempre cometemos erros. Sei disso. Já matei gente. Para esses desgraçados, tudo é questão de estratégia. Pessoas não valem nada. Ele sabia disso. Sabia e mesmo assim me contratou para tomar conta de seu filho. Não confiava em mim para ser segurança de uma boate, mas me contratou para tomar conta do próprio filho. Imagino que o garoto também deve ter percebido isso.

— Se alguém mata a tua mulher, destrói tudo o que você tem e ainda te chama de covarde, o que você faz? — pergunto casualmente para o vendedor, enquanto faço um gesto para que me dê uma outra cerveja e outro lanche.

O rosto dele não esboça surpresa com a pergunta. Pensa durante um tempo. Prepara o cachorro-quente com as sobranceiras erguidas e o canto da boca puxado para o alto. Não me olha. Acompanho os gestos rápidos enquanto ele passa os molhos no pão. A tatuagem de linhas grossas e azuladas, cobrindo velhas cicatrizes, me responde antes mesmo que abra a boca. Entrega meu lanche e limpa a mão no avental.

— Essa é uma pergunta de mulher — diz, dando uma palmada em meu ombro.

Concordo com um aceno de cabeça. Entendo perfeitamente o que quer dizer. Fiz a pergunta mesmo não querendo a confirmação. Como ele, sei qual é a única resposta.



Olho para cima, contemplando o edifício. É o segundo mais alto da cidade. Da cobertura é possível avistar a metrópole que se estende como um câncer em todas as direções, com suas casas, prédios e galpões. Caos em harmonia. Conheço bem o caos e também a cobertura. Os ricos também têm clichês em suas vidas, e um deles é que adoram coberturas. Martin não pensa diferente dos demais.

Quando cruzo o hall, preparo meus reflexos, estendendo todos os músculos como uma corda de piano. Espero pelo pior, mas ele não vem. Normalmente, dois seguranças ficariam sentados nos sofás no canto do salão, com pistolas e rádios a postos. Normalmente.

O porteiro me olha por detrás do balcão. Aceno com a cabeça para ele e sigo sem relutância para o elevador. Ele retoma o que fazia e me ignora. Aperto o botão e aguardo alguns segundos. As portas se abrem. Ninguém sai. Apenas eu entro. Penso em qual seria o melhor andar para descer. Um ou dois abaixo da cobertura é o que me ronda a mente. Decido por dois andares abaixo, apenas por motivo de segurança. Não consigo imaginar quantos capangas estão guardando Martin. Quando estico a mão para os botões, o gato dá um gemido agudo e coloca a cabeça para fora do meu bolso. Olho em sua direção por um momento e então ouço o sinete. O seu estalo rompe em meus ouvidos e o gato torna a enfiar a cabeça para dentro do bolso. Algo não vai bem.

As portas se fecham e o botão da cobertura se ilumina no painel. Vejo uma bruma recobrendo os botões e dou um passo atrás, sacando a pistola. O gato mia novamente. Vejo as paredes do elevador tremulando, sendo aos poucos envoltas pela mesma bruma. Giro ao redor e

olho para todos os cantos, mas termino ficando no centro do aparelho. Ele começa a subir.

— O que você quer, afinal? — berro, observando as portas tremerem. — Estou aqui, não estou?

Toda a cabina oscila como se fosse desabar. Um rosto se forma aos poucos na porta. A parte mais nítida é a boca, com dentes brancos e sólidos. Rugas se formam nas paredes, movimentando-se por elas como se o metal se tornasse algo maleável. Sem pensar, disparo contra as portas, atingindo aquela boca, abrindo buracos na fina folha de aço, até que as balas acabam. Abro o jaleco para apanhar a espingarda, mas um solavanco faz com que perca o equilíbrio. Dobro as pernas, caindo de joelhos, e encaro o rosto à minha frente. Perco a reação quando me deparo com os olhos mortos me fitando de perto. Reconheço a face que me encara e meu estômago parece se encher de insetos. “Morri por sua culpa, Mantovani.”

Leio a frase proferida naqueles lábios acinzentados. Deixo meus braços baixarem e observo os dentes, que parecem preparados para se fechar em minha garganta. Neste momento o elevador pára e uma névoa mais clara se forma, subindo do piso do aparelho. Essa bruma azulada investe contra o rosto na porta como um jato de vapor que o desmancha.

Vejo as névoas de tons distintos girando e se mesclando num turbilhão. Compreendo que estou diante não de um, mas de dois fantasmas. E eles lutam entre si. Um tenta abrir a porta e o outro tenta me manter aprisionado. Não sei como ajudar, mas finalmente sacio a espingarda.

— Débora! — grito, reconhecendo seu fantasma.

Minha Debby se atraca com Chris pelo controle da porta. O elevador se choca violentamente contra as late-

rais do poço e toda a cabina estala. Sou jogado contra as paredes enquanto tento me pôr de pé. Ouço o mesmo grito feminino que ouvi no motel. Em verdade, não é um grito, mas um urro de dor e raiva mesclados. A porta cede um pouco e vejo um vão suficiente para minha passagem. O elevador pende e ouço os cabos estalando. Travo as portas com a espingarda no momento em que começam a se fechar e salto por entre elas.

Ouço o ruído de metal raspando em metal enquanto o elevador despenca, levando os cabos rompidos e os fantasmas que lutam entrelaçados para o fundo do poço.



A bandagem da minha cabeça cai e o que já foi minha orelha recomeça a sangrar. Cambaleio, mas consigo me manter de pé. Depois que ouço o baque da cabina com o fundo do poço, lembro onde estou. Giro, erguendo as mãos, pois minha pistola e a espingarda se foram junto com os fantasmas. Às minhas costas não estão apenas os homens de Martin, mas também vários outros que reconheço como membros de uma família rival. Penso em vodka. Preciso de um trago urgente.

A cena é apavorante. Não como eu imaginava que seria, mas de um jeito aterrador. Minha mente ainda reage como a de um assassino. Conto ao todo dezenove homens e, enquanto meus olhos percorrem rapidamente a sala, avisto Martin sentado em sua cadeira, de frente para a parede de vidro.

O capanga mais próximo é um sujeito que conheci como “o Gordo”. Não fosse a imensa barriga, estaria irreconhecível. Sua cabeça está espalhada por boa parte da

sala. Aos poucos vou absorvendo o que aconteceu aqui. Todos os corpos estão crivados de balas, perfurados por objetos ou em posições incomuns. O fantasma treinou nos capangas antes de fazer sua obra de arte no motel. Mas a verdadeira obra-prima está no fundo da sala. Passo entre os corpos até ficar de frente para Martin. Vê-lo naquele estado me faz esquecer até mesmo o choque de ter visto o fantasma de Debby.

Martin está amarrado na cadeira. Estamos ambos na merda. Até mesmo o sentimento de raiva que me invadia diminui. Nem nos fantasmas eu penso mais. Paro a poucos passos dele e começo a rir. O peso de todos estes dias de sofrimento termina em uma risada angustiada. E como se fosse possível que a situação ficasse pior, o carcamano me acompanha, rindo também. Quase caio para trás ao trombar com a mesa. Apanho sobre ela a primeira coisa que me passa a idéia de servir como arma. Ergo um pesado cinzeiro de metal acima da cabeça. Meu coração ribomba e esqueço de respirar. Ele não deveria estar vivo. Seus braços estão quase desprovidos de pele. A carne exposta parou de sangrar, graças às grossas crostas de sangue e fluidos que recobrem as partes que se pode ver. O mesmo se dá com suas pernas e algumas partes do corpo. As tiras de pele não estão completamente soltas, foram cortadas de modo que pudessem ser amarradas na cadeira. Horrível, mas não consigo pensar em algo mais justo.

— Vamos, homem — fala, fitando com o olho que ainda resta o cinzeiro em minha mão. — Dê logo o golpe antes que seja tarde.

A voz dele sai resfolegante. Certamente ele se acostumou com a dor, mas ainda a sente.

— Seu garoto fez um bom trabalho em você — fa-lo enquanto abaixo o cinzeiro.

Lembro que, durante os solavancos no elevador, o gato estava em meu bolso, então, apanho-o. O bichano não se move, mas ainda respira. Coloco-o sobre a mesa. Martin engasga ao rir. Pergunto o motivo das risadas e isso apenas faz com que ria mais ainda.

— Meu garoto? Não seja mais idiota do que parece, Mantovani. O bostinha do Chris não faria isso nem que você currasse a mãe dele — sua voz sai com um visível esforço. — Foi a sua piranha quem me fez isso. — Desata a rir novamente e inclina a cabeça em minha direção. — Ela me tortura há mais de dois dias. Manteve-me vivo apenas para que eu pudesse mandar os capangas atrás de você, para atraí-lo. Os que não matou antes. A vadia se vingou de mim por ter mandado que a matassem. — O seu olho embaçado se arregala e a cabeça se inclina para a janela. — E agora é sua vez, Mantovani.

Vou até a janela e observo a rua. Quando abro uma das vidraças, o som das sirenes chega até mim. Muitas sirenes. A rua está tomada.

Tudo me vem à mente de uma vez. As primeiras aparições foram do garoto, mas elas sempre me favoreceram, quando não me salvaram. O menino tentava me proteger. Apenas depois que Debby foi assassinada, o fantasma começou a me perseguir. É Debby quem não gosta de gatos. Foi ela quem me atacou no hotel. Não confiava em mim quando viva e me odeia depois de morta. Foi o garoto quem lutou com ela no corredor e também deve ter impedido que atirasse em mim no banheiro. As aparições que me ajudaram com os capangas foram dele. Vejo o rastro de corpos em meu encalço. Entendo o que irá

acontecer quando *i* polícia me encontrar. Minhas digitais estão em toda parte,

— O garoto sempre gostou de mim — falo, me culpando por ter pensado que era ele quem tentava me ferir esse tempo todo,

— Sim, o bostinha gosta de você. Acha que fez de tudo para protegê-lo. Já a tua piranha acha que a culpa de ter morrido é sua. — Engasga e lágrimas saem de seus olhos. — Disse que você não estava lá para protegê-la. Que estava com uma das suas putas. Chegou tarde por ser um covarde traidor. E aí está. Você será um covarde morto. E é a tua puta quem vai esfolar teu couro. Nunca subestime a ira de uma mulher traída. A verdade não importa. O que importa é o que ela pensa.

Ergo o cinzeiro e baixo com toda força. O metal bate pesado. É muito mais forte do que o crânio. Pedacos dos miolos de Martin voam pela sala. Não sinto o prazer que imaginei que sentiria. Olho para a janela aberta. Esse seria o caminho fácil. O caminho que Debby acharia adequado a um covarde. Sempre pensei que a boa maneira de se suicidar seria saltando de um prédio. Este é bem alto.

Ouçõ vários sons. O miado do gato que rasteja sobre a mesa, procurando uma forma de descer. O som de botas e vozes dos policiais que sobem pelas escadas. E a gargalhada da minha mulher que ecoa por toda a sala e vai diminuindo aos poucos, sumindo em meio a todo o resto. Observo uma das viaturas lá embaixo e jogo o cinzeiro ensangüentado nela. O cinzeiro demora um bom tempo para chegar ao chão. É realmente um bom prédio para se suicidar. Debby sabia disso ao me guiar para cá.



Olho para o corredor à minha frente. Sei que a qualquer momento um guarda pode vir me perguntar o que quero como último pedido. Não sei quanto tempo uma sentença leva para ser julgada.

— Queria que o tirassem daqui — resmungo entre os dentes. — Queria ficar sozinho na cela.

— Mas eu não atrapalho. Apenas fico aqui quieto, no meu canto. Nem falo com você se não falar comigo antes.

Olho para ele e dou de ombros. Está certo. Eu que fiquei ranzinza demais. Enfio a mão no bolso e, quando a retiro, tenho uma moeda nela. Faço com que passe por cima dos nós dos meus dedos e depois deixo-a escorregar para dentro da mão. Agito e abro ambas as mãos. A moeda some. Chris sorri para mim, agradecido. Ainda gosta de mim.

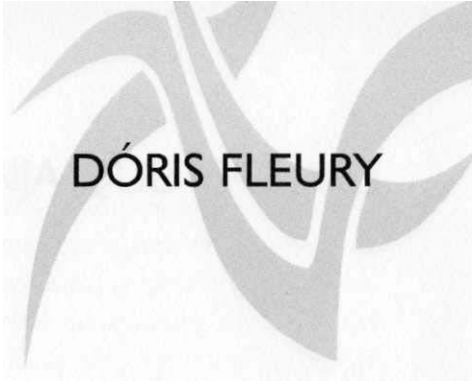
Volto a fitar o corredor e, disfarçadamente, recolo a moeda escondida em meu bolso. Vejo então uma sombra crescendo no piso de linóleo. Cerro o cenho e torço para que não seja um guarda. Aos poucos, percebo que a sombra é pequena. Pequena demais para um guarda.

Um gato aparece na porta da cela. Um grande gato branco com manchas pretas. Mas o que dispara novamente meu sinete é seu rabo. Na verdade, a falta dele. Ele pára diante da minha cela, olha para Chris, depois para mim. Durante um tempo, o reconhecimento mútuo se dá, ao nos fitarmos olho no olho. Não imagino como chegou até aqui ou como entrou na prisão. Não importa realmente. O que me importa é quando pára de me olhar, encara algo no corredor, fora de minha visão e então se arrepia, soltando um miado alto de pavor. Ele estremece e corre na

direção contrária. Chris some do meu lado e a temperatura despenca.

Sei que algo está errado.

Algo está muito errado.

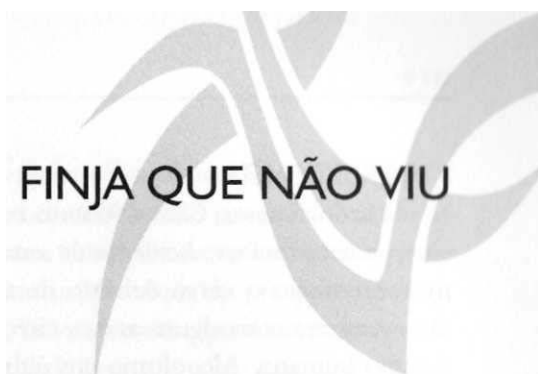


DÓRIS FLEURY

UMA DAS CARACTERÍSTICAS mais bizarras das grandes metrópoles é a tentativa de não enxergar o que está à nossa frente, para resguardar nossa sensibilidade. Passamos por miséria, violência e injustiça num teatro de fingimento, fazendo de conta que nada nos afeta, para sobreviver ao fim do dia.

Finja que não viu é uma sátira inteligente ao absurdo diário. Nesta história, Dóris Fleury lança mão da ironia ágil e da linguagem contemporânea dos seus livros *Mulheres pintadas* e *Troquei meu destino por qualquer acaso* para nos contar a história de cidadãos sem nada em comum — a não ser a estranha tarefa de ignorar a presença do sobrenatural em suas vidas.

Uma história que ninguém poderá fingir que não viu.



E se, vim, dia todos os mortos resolvessem voltar?
Como a humanidade reagiria?
Pois foi isso que aconteceu...

A EMPRESA

GERÊNCIA DE MARKETING

Júlia matou Ana Rita. Não foi um crime desses que estão no Código Penal, e que é possível denunciar à polícia. Mas a verdade é que, dez anos atrás, Júlia assassinou a colega de república.

Ana Rita era uma garota instável. Problemática. Cansada de agüentar sua depressão, Júlia resolveu que ela precisava sair do apartamento onde moravam com mais três colegas. Como a encrenqueira se recusasse a ir embora, Júlia — moça prática e decidida — forjou o roubo da grana de uma das moças e voltou as suspeitas para Ana Rita. O resultado superou suas expectativas. Depois de receber um ultimato coletivo para se mudar, Ana Rita

trancou-se no seu quarto e tomou uma overdose de tranquilizantes. Saiu do apartamento e do planeta Terra. Nunca mais amolou ninguém com sua depressão.

ALMOXARIFADO

Até hoje, Carmem não se conforma com a morte da mãe. Quando as pessoas tentam consolá-la, dizendo que Dona Joana já era velhinha e estava doente, ela diz que a mãe era sua melhor amiga. Elas sempre moraram juntas. Primeiro Dona Joana, viúva, cuidou desveladamente da sua garotinha; depois, Carmem, solteirona convicta, cuidou desoladamente da mãe. A morte não tinha nada que separar as duas.

PRESIDÊNCIA

Há dois meses, Carlos Alberto recebeu a notícia da morte de sua primeira mulher. Acidente de automóvel. Mas, ainda que não tivesse enfiado o carro debaixo de um caminhão, bêbada feito uma vaca, em mais alguns anos a cirrose a levaria. Bárbara era um farrapo humano. Alcoolismo em último estágio.

Carlos Alberto devia ter ficado satisfeito com a morte da ex. Afinal, ela o traiu miseravelmente: teve um caso com um primo. Foi por isso que os dois se divorciaram. Hoje em dia, Carlos tem uma nova esposa e dois filhos. Subiu na vida, tornou-se presidente da empresa, está rico, viaja freqüentemente ao exterior. Vão longe os seus anos de juventude, quando, casado com Bárbara, dava os primeiros passos na vida profissional (e ela, os primeiros goles).

Mas Carlos Alberto — que nunca mais viu a ex, depois do divórcio — sempre pagou a pensão sem recla-

mar, apesar dos protestos da atual esposa. E, depois que recebeu a notícia da morte de Bárbara, pensa sem parar nela.

Na época da separação, ela chorou muito e pediu perdão. Era tão alegre e tão bonita. E agora está morta.

Quem sabe, se ele a tivesse perdoado, ela pararia de beber. Quem sabe hoje ainda estariam juntos? E sua vida seria menos insípida e tediosa? Quem sabe?

Carlos Alberto não pára de se perguntar. O tempo passa na sala da presidência. E Carlos Alberto logo vai fazer cinquenta anos.

EXPEDIÇÃO

Todo mundo sentiu quando o Tiaguinho morreu. Gente boa pra caramba, o cara; e rápido. O mais rápido dos motoboys. Fazia miséria em cima da moto; driblava carros, sinais vermelhos, levava espelhos retrovisores, batia recordes de velocidade, chegava sempre adiantado. Os chefes ficavam satisfeitos. Até o dia em que um caminhão o jogou pra longe, na Via Expressa Principal. Tiaguinho voou por cima da moto e aterrisou no asfalto com o crânio rachado.

Deixou um coração, dois rins, fígados e córneas, todos em perfeito estado. Deixou também mulher e uma filha, a Liliane Cristine, de dois aninhos.

Já faz um mês que enterraram Tiaguinho. Ninguém esquece dele na Expedição. Os outros motoboys dão risada lembrando as barbaridades do cara. Às vezes, um deles sente um arrepio, imaginando se não será o próximo. Mas nem dá pra pensar nisso, porque, se a gente maneira, já viu, atrasa e perde o emprego. E depois, correr de moto é tudo de bom.

BALANÇO DA EMPRESA

Júlia é gerente de Marketing. Os clientes vêm discutir campanhas com ela. Enquanto debatem mídia, taxa de *recall* e público-alvo, observam disfarçadamente a mocinha diáfana que fica atrás dela, sempre com a mão no seu ombro. Dá pra ver que a pressão incomoda Júlia; mas, nos tempos que correm, nem é de bom-tom comentar. A mocinha veste camisola e é muito pálida. Olha a gerente com ar de ansiosa interrogação. Júlia está emagrecendo, perdeu o sono e não consegue se concentrar no trabalho. A direção da empresa não está satisfeita com seu desempenho.

Em compensação, nos últimos tempos o humor da Dona Carmem, do Almoxarifado, melhorou muito. Atende os pedidos sorrindo, sem reclamar. Logo ela, que só faltava latir! As pessoas demoram para notar a velhinha magra e transparente que fica ao seu lado, fazendo um infundável tricô. Uma velhinha de ar doce.

As reuniões com o presidente da empresa vêm se encurtando bastante. Claro que os outros diretores, clientes etc, fingem não ver nada. Mas meu Deus! aquela mulher dá calafrios em qualquer um. O rosto devastado, as olheiras fundas. A pele acinzentada. O sangue que escorre eternamente de um corte na cabeça, empapando os cabelos. E, pior que tudo, aquele maldito pescoço quebrado, com a cabeça pendendo e girando em várias direções. Todos tentam resolver seus assuntos com Carlos Alberto o mais rápido possível. Depois olham o relógio e alegam um compromisso inadiável.

Na Expedição, Tiaguinho continua esperando suas entregas, encostado ao balcão. Tem um ar suplicante, ansioso. Provavelmente não sabe que está morto. Por que ninguém lhe dá serviço? Desse jeito, não vai receber nada

no fim do mês. Seus ex-colegas passam de cabeça baixa, tentando ignorar o crânio rachado de Tiaguinho.

Não que os mortos estejam de fato voltando. Ora, faça-me o favor! todos sabem que fantasmas não existem. listamos vivendo, isto sim, uma epidemia de alucinações coletivas. E o rapaz sentado ao meu lado, com esse furinho na cabeça que não pára de sangrar — ora, com certeza ele é produto da minha imaginação.

Vocês sabem, eu passo muito tempo sozinho...

O GUARDA DE TRÂNSITO

Meio-dia, trânsito intenso. Era nesse horário que a velhinha vinha almoçar no restaurante vegetariano. Mauro, o guarda de trânsito, se lembra bem dela.

D. Eudóxia era cegueta, coitada, e também meio surda. Atravessava no sinal vermelho sem ouvir as buzinas dos motoristas indignados. Sorte que Mauro estava por perto e parava o tráfego para ela. Ao chegar do outro lado da rua, D. Eudóxia agradecia com um sorriso cansado e entrava no restaurante.

Até que um dia Mauro faltou. No dia seguinte, soube da tragédia. O motorista tinha fugido, safado. Nem socorreu a coitada. Dona Eudóxia voou longe. Já chegou morta no hospital.

Mauro sentiu muito. Ficou até com remorsos. Mas fazer o quê? Naquele dia, precisara levar o caçula no médico... São coisas que acontecem.

Só que agora, dois anos depois, Dona Eudóxia está de volta. E Mauro não pode mais ajudá-la.

Ela passa imperturbável no sinal vermelho. A maioria dos carros freia com tudo, e a rua ouve uma verdadeira sinfonia de brecadas espetaculares. Segundos depois, o

motorista já entendeu o que se passa. Ou não. Alguns ainda deixam escapar um nome feio.

Também há aqueles mais rápidos, que percebem tudo já da esquina e passam tranqüilamente por cima de Dona Eudóxia. Eles sabem que depois ela vai se levantar intacta e continuar andando. E que essa é a melhor forma de ignorar a situação. Atropelar um morto, e daí?

Tudo isso, Mauro ainda agüenta. Faz parte. Mas o que o deixa maluco é que, ao chegar à calçada, a velhinha, em vez de entrar no restaurante, se evapora no ar. Só para ressurgir do outro lado, recomeçar a caminhada pela faixa e ser de novo atropelada.

É meu emprego, sabe... Eu tenho o pior emprego do mundo.

Meu trabalho é ficar sozinho nesta sala cheia de botõezinhos, esperando um telefonema do homem mais poderoso da Terra. Se um dia esse telefonema vier, devo apertar alguns desses botõezinhos — que ativam mísseis nucleares — e destruir o planeta inteiro.

Pois é. Tem gente que esqueceu de nós, nos últimos anos. Mas ainda podemos acabar com a Terra várias vezes! É só ele pedir.

O rapaz com um tiro na cabeça olha para mim e acena afirmativamente com a cabeça... É muito chato dizer isso... espero que vocês não contem pra ninguém... mas é o seguinte... cheguem aqui perto, vou falar baixinho: esse cara lê pensamentos!

Nada mau, hein? Pra alguém que já está morto há vários anos...

O PADEIRO

Algumas pessoas são insistentes, pensa Seu Antônio. O Firmino, por exemplo. Vagabundo imprestável, sujeito à-toa, nunca quis trabalhar. Vivía pela rua, dormin-

do nos cantos, enrolado num cobertor imundo. Sempre com uma garrafa de pinga ao lado; ah, da pinga ele não largava. E bem ao lado da padaria, espantando os fregueses.

Várias vezes Seu Antônio chamou a polícia para tirar o imprestável dali. Não adiantava: o sujeito ia para um abrigo, passava uns dias e voltava. Claro, no abrigo exigiam que tomasse banho! E o Firmino, além de tudo, era porco.

Mas nem era esse o hábito mais detestável do Firmino. Não. O pior era aquela mania de entrar na padaria, se postar do lado do balcão e ficar com a mão estendida, pedindo um pão. Seu Antônio tinha uma filosofia básica: não sustentava vagabundo. Por isso, sempre tocava o Firmino da padaria.

E ele sempre voltava na manhã seguinte. O proprietário da Santa Edwiges desconfiava que uma de suas funcionárias dava pão às escondidas para o mendigo. Nunca pôde provar, mas várias vezes pegou o safado na porta se regalando com seu legítimo português tostadinho. Peste dos infernos!

Mulher é assim mesmo, cheia de frioleiras, bobagens. Têm dó de tudo, as cretinas... Se a gente fosse pela cabeça delas, o mundo parava...

Mas enfim, um dia o cara se foi. Que alívio, naquela sexta-feira, quando alguém reparou que ele não se mexia debaixo do cobertor... Em pouco tempo, chegava o Serviço Funerário. Com certeza, seria enterrado como indigente — pensara seu Antônio, mal reprimindo a satisfação. Um enrosco a menos. Que beleza.

Como é que ele ia imaginar?

Meu Deus, como ele ia pensar que...

Pois desde que essa praga se espalhou pelo mundo — essa epidemia terrível de que ninguém quer falar — Firmino está de volta, mais sujo do que nunca. Aparece ao lado do balcão, com a mão estendida no gesto suplicante de sempre. Mas agora, em vez de se zangar, seu Antônio o atende o mais rápido possível. O resto da padaria — fregueses e funcionários — finge que não vê, quando ele enfia rapidamente o pão na munheca estendida da odiosa figura.

O problema é que Firmino sempre volta. Demora no máximo uns quinze minutos para voltar.

A cada vez, seu Antônio lhe dá mais um pão. Mas Firmino nunca fica satisfeito, e dali a pouco retorna com a mão estendida.

A padaria já está dando prejuízo.

NO HOSPITAL

Além de grande médico, o Dr. Bernardo sempre foi um homem generoso. Muitas vezes, se o doente não pode pagar, opera de graça. E olhem que é uma sumidade, reconhecida internacionalmente.

Raramente perde um paciente. Não faz cirurgias desnecessárias. Não existe cirurgião mais ético — dizem os colegas e os pacientes. Até as próprias enfermeiras, tão maldosas com os outros médicos, elogiam o Dr. Bernardo.

Um santo, praticamente, certo?

Mas não é isso que o sujeito ao seu lado, na sala de cirurgia, parece achar.

Não é essa, ao que tudo indica, a opinião do espectro de vísceras à mostra.

Vai saber qual é o problema do rapaz... Mas o fato é que deu de acompanhar o Dr. Bernardo em todas as operações.

“Não foi minha culpa”, diz ele ao fantasma, já segurando o bisturi.

O rapaz, morto há vinte anos, não responde. O Dr. Bernardo sabe que ele está ouvindo. Mas as coisas vão tão mal, que quase fala em voz alta.

“Eu nem estava dirigindo a cirurgia”, continua. “Era só assistente. Aquele cretino do Marcelo deveria ter verificado.”

O fantasma continua imóvel. O Dr. Bernardo tem certeza de que o anestesiolista, ao seu lado, também está vendo o rapaz.

O paciente tinha vinte e três anos, lembra-se até hoje.

“Eu também era muito jovem naquela época”, continua, tirando o bisturi da mão do assistente. “Muita pressão. A residência acaba com a gente. Estava há várias noites sem dormir.”

O rapaz enfia uma porção do intestino grosso de volta na barriga e volta a olhar para o cirurgião. Era uma operação simples. Appendicectomia. Ninguém deveria ter morrido ali.

“Você tem que entender. Comecei a tomar pra ficar acordado, agüentar os plantões. Não era só eu. Todos os residentes tomavam, naquela época... A gente roubava do armário de remédios. Foi por isso que esqueci a gaze dentro de você. Não estava no meu estado normal. Completamente viciado. Tomava aqueles comprimidos dia e noite. Nem dormia mais.”

— Campo operatório definido, doutor.

— Obrigado, Darlene.

A residente loira também está vendo, ele sabe. Tem certeza absoluta de que todos percebem a presença do rapaz. Uma das enfermeiras enxuga o suor que começa a se formar em sua testa — apesar da manhã tão fria.

— Pressão normal.

— Sinais vitais estáveis.

Não adianta se enganar, todo mundo sabe que esse fantasma é *sen*. O que estarão pensando? Se ao menos pudesse perguntar! Se explicar! Que tortura, meu Deus.

Na época, conseguiu se safar. Ninguém ficou sabendo. Protegeu sua reputação — e também a do Marcelo — quando o paciente voltou à mesa de operações, com septicemia. Ele mesmo não sabe como conseguiu. A rapidez frenética da anfetamina deve tê-lo ajudado a sumir com a gaze infectada, que só ele viu. Tudo ficou mais fácil naquele desespero geral, em que todos se esforçavam para salvar o paciente.

A *causa mortis* no atestado de óbito foi septicemia. Explicação oficial: infecção hospitalar.

“Depois disso, me regenerarei”, continua dizendo ao fantasma, desesperado. “Parei com as anfetaminas... não pense que foi fácil! Um inferno. Crises de abstinência. Cheguei a bater na minha mulher. Ela me abandonou. Minha vida ficou em cacos. Mas com o tempo me reergui. Hoje, olhe pra mim.”

O morto levanta a cabeça.

“Não... por favor, falei por falar. Não olhe! Seus olhos me dão medo. Estão mortos... não têm brilho.”

Mas o rapaz insiste em olhar.

“Nunca mais perdi um paciente por imperícia. A sua morte foi um acidente lamentável. Por favor, me deixe em paz. Vá embora. Não consigo operar com você aqui.”

— Algum problema, doutor? Sua mão está tremendo.

— Não é nada, Darlene. Já vai voltar ao normal.

“Vá embora, por favor! Eu não mereço isso. Vá embora!” O rapaz com as vísceras à mostra abana lentamente a cabeça, num gesto de “não”, olhando o cirurgião.

— Doutor... o senhor está se sentindo bem?

Ele não responde. Bisturi parado no ar, olha a aparição, que continua a balançar a cabeça. De repente, sem dizer palavra, o Dr. Bernardo gira os calcanhares, deixa cair o bisturi e sai correndo da sala.

Para entrar neste emprego, fiz uma porção de testes. Psicotécnicos, psicológicos, essas coisas. Precisavam contratar uma pessoa equilibrada. Desenhei árvores, percorri labirintos, conversei com dezenas de psiquiatras sobre minha infância. Minha vida foi vasculhada. Queria saber se eu não tinha esqueletos no armário. Dívidas de jogo. Preferências sexuais esquisitas...

Não encontraram nada. Sou um parâmetro da normalidade.

E no entanto, o parâmetro da normalidade está aqui, olhando para o Mike, meu antecessor neste emprego — o cara do furinho na testa.

Pois é. O Mike estava neste emprego antes de mim. O Mike era responsável pelos mísseis nucleares.

E o Mike se suicidou.

A FAMÍLIA

Como é bom quando chega o domingo.

Domingo é dia de folga para toda a família.

Dia de folga para a mamãe. Hoje ela não tem o trabalho no Pronto-Socorro de um grande hospital, com todos aqueles mortos se acomodando nas cadeiras de plástico, como se esperassem atendimento ao lado dos vivos (sabe-se lá quem vai esperar mais...).

Dia de folga do papai, que fecha a oficina mecânica fingindo ignorar o antigo dono. Falecido há dez anos, o Seu Vilmar continua abrindo capôs para examinar motores.

Dia de folga para o casal de filhos, cansados de passarem medo na escola, onde dois espectros surgem do nada atrás da gente. No espelho meio enferrujado do banheiro. Nos corredores vazios (ninguém pede mais pra ir beber água). No laboratório de Ciências, nos pátios em fins de tarde...

Os dois ectoplasmas se revezam. Tem a coleguinha que morreu de meningite e a velha diretora que jamais se conformou com a aposentadoria. Nem com a morte...

Domingo é dia de piquenique, esperado ansiosamente pela família inteira.

Mamãe, ajudada por todos, prepara uma cesta com coisas gostosas: sanduíches, bolo, as rosquinhas da padaria do seu Antônio, fatias de presunto e queijo...

As crianças guardam sua bicicleta no carro. É uma só, mas elas se revezam sem brigas. E no local do piquenique há outras crianças para brincar.

Enquanto preparam as coisas, papai faz um discurso sobre a necessidade do lazer, do ar puro, das brincadeiras lá fora. Nada de ficar o dia inteiro grudado na tevê, que só traz maus exemplos para as crianças. E papai e mamãe também precisam descansar, namorar, ver um pouco de verde. Enfim, é diversão para todos!

Enquanto ele discursa, os filhos disfarçadamente olham a Vó Carlotinha, sentada na poltrona da sala. Tem os lábios franzidos numa eterna expressão de raiva, descontentamento e desprezo. Detesta sua família. Sempre detestou. Um bando de inúteis!

O filho, por exemplo: podia ter estudado, feito uma faculdade. Em vez disso, preferiu ser um simples mecânico! E a nora então? O dia inteiro no hospital, roçando nos médicos! E todos sabem o que os médicos fazem com as enfermeiras. E enquanto a vadia fica no bem-bom, a família vai para o brejo! Crianças mal-educadas, preguiçosas... E a mãe nunca lhes prepara uma refeição decente. Os dois têm que viver de doces e salgadinhos!

Vejam só as porcarias que a vagabunda está colocando no cesto!

Vó Carlotinha não diz nada disso em voz alta; não é necessário, já falou milhões de vezes. Mas basta olhar sua cara de dignidade ofendida para ouvir o discurso. Está escrito em cada ruga do seu rosto esverdinhado.

Tão bem escrito, que a gente até esquece que ela morreu há um ano.

Ignorar a Vó Carlotinha não é fácil; na verdade, é impossível. O único jeito de se livrar dela é sair de casa. A Vó Carlotinha ao menos tem a bondade de não seguir a família pela rua. Nisso, é melhor do que os outros fantasmas que infestam a cidade...

Tudo pronto. A família fecha a cesta de piquenique e sai, tomando cuidado para não olhar na direção da velha... Assim que entram no carro, o humor de todos melhora: a mãe brinca com o cabelo da filha; o pai começa a conversar com o garoto sobre futebol.

Atravessam a cidade inteira para chegar ao local do piquenique. Estacionam o carro e entram. O porteiro, que já os conhece, cumprimenta-os com um sorriso.

Nunca deixam de comentar a beleza do lugar. Quantas árvores, quanto verde. E além da beleza natural, pode-se apreciar as estátuas, a arte de escultores — alguns até famosos, a mamãe viu num livro.

— Estou com fome — diz a menina.

— Eu também — comenta o garoto. — Precisamos esperar para comer?

O pai consulta o relógio. Quase meio-dia.

— Não vamos esperar — decide. — Comemos agora mesmo!

— Oba!!! — fazem as crianças. E a família senta no primeiro túmulo disponível.

Enquanto abrem a cesta, comentam como o cemitério está cheio hoje. Lotado de famílias. Também, o dia está lindo!

— Essa moda de visitar cemitério no fim-de-semana deveria ter começado antes — diz o pai, mordendo um sanduíche. Um lugar bonito, sossegado, cheio de verde... onde pode ser melhor para um piquenique?

“E aqui é o único lugar onde a gente não vê fantasmas”, pensam as crianças.

“Melhor que isso, só o necrotério do hospital”, pensa a mãe. “Nenhum fantasma à vista, graças a Deus. Quando quero relaxar, desço um pouquinho pra lá.”

“Pelo menos aqui fico longe da mamãe”, pensa o pai. “Meu Deus, por quanto tempo vou agüentar isso? Ela sentada lá no sofá de casa. Essas... coisas andando pela rua. O seu Vilmar na oficina. E a gente sem poder comen-

tar nada, pra não piorar as coisas... Não sei quanto tempo vamos agüentar. Eu realmente não sei.”

Ninguém sabe porque o Mike se suicidou. Só eu!

E sabe como eu sei? Psiu! É segredo! Mas o Mike me contou. Isso mesmo. Eu e o Mike fizemos amizade. Batemos longos papos telepáticos. Só eu e ele.

Sei que existem outros fantasmas lá fora. Sei que a humanidade está tentando ignorá-los, para manter a sanidade mental.

Eu não preciso fazer isso. Em primeiro lugar porque não há ninguém mais aqui. Só eu e o Mike. Em segundo lugar porque não sei se ainda tenho alguma sanidade mental.

E em, terceiro lugar... sabe que o Mike até é bom papo?

NO COFRE DO BANCO

— Bom dia, Rogério, tudo bem?

— Tudo ótimo, Cláudia. E você?

A moça da primeira mesa à direita é loira e sorridente. Atende sempre os clientes com simpatia — até porque só lida com os melhores. E Rogério não apenas é titular de uma bem-irrigada conta corrente, como tem fundos de investimento importantes na agência. Um cliente que merece o melhor tratamento.

Por isso mesmo lhe concederam um privilégio especial.

— Vai entrar no cofre hoje?

Cláudia nota que Rogério enrubesce um pouco. Estranho, fica sem-graça quando vai entrar no cofre...

— É. Preciso entrar, sim, por favor.

“O que será que ele tanto mexe nesse cofre? Vem pelo menos duas vezes por semana!”, pensa Cláudia, curi-

osa. Mas não está ali para fazer perguntas. Erguendo-se graciosamente da sua mesa, acompanha o rapaz até o cofre, ajuda-o a abrir a gavetinha e retira-se com um sorriso. Rogério fica sozinho.

Assim que Cláudia fecha a porta, alguém se materializa atrás dele. A aparição se recosta num arquivo e fica estudando o rosto do rapaz.

“Você não desiste, não é?”, pensa Rogério. O suor frio escorre pelas suas costas. O rapaz apenas sorri. Está um pouco pálido, é verdade. Os lábios arroxeados. Mas, fora isso, intacto. Rogério lembra-se até hoje do seu enterro: muitos comentavam, em voz baixa, que o acidente deixara intacta sua beleza. O caixão ficou aberto. Dezenas de homens circulavam por ali, e Rogério imaginava se todos teriam ido pra cama com ele...

Mas não quer pensar nisso agora. Não quer.

“Não basta todo mal que me fez quando era vivo?”

O sorriso irônico de Fernando se acentua, e o outro sente vontade de esmurrá-lo.

“Ainda vá que tivesse seus casos longe de mim. Mas você dormiu até com meu melhor amigo. E morreu no carro com um de seus amantes. Pensa que não sei?”

O fantasma apenas sorri.

Foi aqui, nesse cofre, que Rogério viu Fernando vivo pela última vez. Ele queria dólares. Acompanhou o amante até o banco, exigindo, reclamando, chantageando. Depois, enfiou o dinheiro no bolso e saiu sem se despedir. À tarde, Rogério recebeu o telefonema da mãe dele, que soluçava. “Uma tragédia, meu filho...”

“Quer saber? Fiquei feliz com sua morte. Que alívio! Até droga você vendeu na minha casa. Falsificou meus cheques. Te arranjei um emprego, você roubou di-

nheiro da empresa... Minha família, as pessoas que gostavam de mim — todos odiavam você.”

Fernando — ou seu fantasma, espectro, seja o que for! — ergue os olhos e dá um sorriso de deboche para o amante. “Mas bem que você gostava, não é, Rogério?”, parece dizer.

Rogério resolve ignorá-lo. Volta a atenção para a pasta. O que ia mesmo guardar nesse maldito cofre? Toda semana ele volta aqui com os pretextos mais fúteis; às vezes para tirar coisas que acabou de guardar, ou que esqueceu propositadamente... Até a funcionária do banco já reparou.

De repente, sente um arrepio gelado na nuca. Dá um grito, deixa a gavetinha cair no chão.

A aparição tocou seu pescoço com os lábios. Está bem ao lado, e Rogério pode ver seus olhos gelatinosos e sem brilho, o tom macilento da sua pele... Tremendo, o advogado começa a juntar os dólares e jóias que juncam o chão. A *coisa* que o escravizou, atormentou e humilhou durante sete anos observa-o sorrindo. Sempre sorrindo.

“Me deixe em paz, Fernando!”, ele grita por dentro. “Agora sou feliz. Tenho alguém que me ama... Pare de me perseguir!”

O sorriso do morto não se desfaz. Rogério sabe o que ele está pensando. “Se você me odeia tanto, por que arranja pretextos pra voltar aqui? Lá fora, nunca persegui você.”

“Vá embora, seu escroto! Odeio você! Só sinto que não possa morrer de novo!”

Atarantado com a gavetinha, Rogério finalmente a enfia no espaço certo e sai do cofre aos trambolhões. O

espectro vai até a fileira de gavetas, apóia a cabeça loira no metal e suspira. No meio desse suspiro, se desvanece.

Começou com uma vozinha falando na minha cabeça — explica o Mike. Ela dizia: Mike, e se você apertasse esses botões vermelhos?

Simples, respondi. Toda a humanidade morreria. E além disso eu seria despedido. Não acho uma boa idéia...

Mas a vozinha insistiu. E insistiu. E insistiu.

Falava comigo o dia todo: de manhã, de tarde, à noite, de madrugada. Falava enquanto eu dormia. Comia. Trepava. Ela me deixou louco. E aí, só tive um jeito de resolver a situação.

— Se matando com um tiro, é isso, Mike? Isso mesmo, responde o Mike.

— E agora você fica me atormentando. Interessante. O que você quer? Que eu me mate também? Porque sabe, está começando a parecer uma boa idéia. Não sei quanto tempo vou agüentar esse seu olhar parado; sem falar no fedor, e pior que tudo, esse maldito buraquinho na testa...

Desculpe, ele responde, humildemente. Sou bom atirador. Tentei fazer um serviço limpo. Não queria deixar meus miolos espalhados pela sala...

— O que você quer, Mike? Que eu me mate?

Não! Eu jamais faria isso com você. Somos colegas. Amigos, até.

— O que você quer então?

Ele não responde. Mas desliga sua mão cadavérica pelo painel de controle, e aponta significativamente um dos botões.

MULHERES DA VIDA

Se houvesse justiça, essa rua do Centro Velho seria tombada pelo Patrimônio Histórico. Afinal, há mais de

meio século as prostitutas batem calçada aqui. Na cidade, o nome da rua é sinônimo de prostituição.

Adolescentes, mulheres feitas e até senhoras de meia-idade freqüentam o local, com suas minissaias e maquiagem chamativa. Cafetões também rondam o pedaço.

Mas ultimamente, por algum motivo ignorado, a rua vem se esvaziando.

Os cafetões reclamam. Às vezes, descem a mão em suas protegidas. Que história é essa de não vir mais aqui? Este é um ponto tradicional, de freguesia segura!

As mulheres choramingam, inventam desculpas. Dizem que estão menstruadas, que precisam visitar os filhos; inventam programas em outro lugar... Uma expressão de fera acuada surge em seus olhos, quando as desculpas se esgotam e é preciso voltar àquela rua.

Chegam desanimadas, cumprimentam umas às outras sem entusiasmo. E começam a andar pela rua; mas procuram não se separar muito uma das outras, não se dispersar.

Ela chega às sete horas. Surge de repente, na esquina.

As mulheres se entreolham e depois desviam o olhar. Começam uma animada conversa, uma fofoca qualquer, só para não interagir com a recém-chegada.

E no entanto, ela parece ansiosa para se entrosar! Olha as moças com um sorriso suplicante nos lábios pintados. Ao primeiro olhar você pode até imaginar que é uma moça como as outras, por que não?

Pelo menos até que o cachecol escorregue do pescoço.

As moças ficam ansiosas por fregueses. Quando um carro passa, enxameiam em volta. Todas anseiam por

sair logo dali. Nenhuma quer ficar sozinha com a moça do cachecol. E nenhuma delas quer — por piores que sejam os homens! — que um dos clientes... não, meu Deus, isso não.

E bem que ela se oferece, a vadia... Mas as mulheres assediam o cliente, falam alto, dão risada. Distraem sua atenção. Afinal uma delas embarca no carro, seguida pelos olhares de inveja das companheiras.

Outros clientes passam, a rua se esvazia... E a primeira leva ainda não voltou. Essas putas andam carinhosas, sem pressa. Fazem o serviço sem se preocupar com o relógio.

Na rua, duas ou três infelizes esperam, ansiosas, que as colegas comecem a voltar. A moça do cachecol circula com seu sorriso fixo de carmim. E as outras fazem malabarismos para não se aproximar dela, evitar o seu olhar... Ela fica sozinha na esquina...

Até que de repente um carro vermelho passa e freia cantando os pneus. Uma voz embriagada sai de dentro... E antes que as mulheres esboquem qualquer reação, ouvem:

— Ei, você do cachecol! Entra logo!

Ela entra com movimentos mecânicos e sorriso fixo. Ao se abaixar, o cachecol escorrega do pescoço. Mas o cliente está bêbado. Nem enxerga o corte da navalha no pescoço dela. Bate a porta, e sai queimando pneu pela rua.

As meninas que ficaram não dizem nada. Olham para o chão. Uma delas pensa em suicídio, pra acabar logo com essa bosta de vida. Outra resolve tomar agora a dose de coca que tinha guardado pra depois. E a terceira, de repente, sai correndo pela rua. Seu cafetão pode matá-la de pancada. Mas essa noite ela não trabalha mais.

As outras ficam sozinhas, com duas certezas.

Primeiro: o carro vermelho não vai voltar. Nunca mais. Pra lugar nenhum.

Segundo: amanhã a moça do cachecol estará de volta, com seu sorriso carmim fixo, e a ferida aberta da navalha sangrando seu pescoço.

Então é isso que o Mike quer.

Ele quer que eu aperte os botões, lance os mísseis e mande pelos ares nosso lindo planeta.

Depois da volta dos fantasmas, tudo mudou na Terra. O número de divórcios caiu. O de assassinatos então, nem se fala. As pessoas pensam duas vezes antes de puxar o gatilho e adquirir um fantasma de estimação... E as Igrejas vivem cheias. O pessoal reza sem parar.

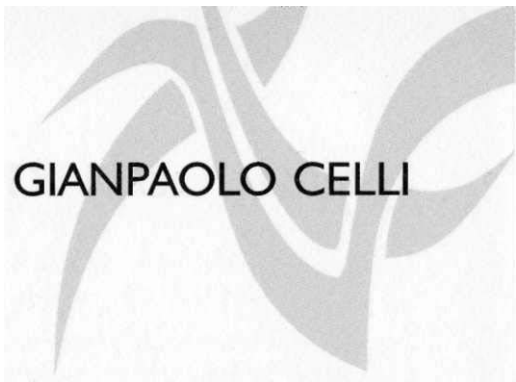
Espero que rezem bastante, mesmo.

Sabe, o Mike é minha única companhia. Passo horas aqui trancado com ele. Outro dia, inclusive, descobri que é meu superior. Eu sou capitão, ele foi coronel.

Isso significa que devo obedecê-lo, certo? Ou não? Por que não? Só porque ele já está morto?

Rezem, irmãos. Rezem bastante.

Rezem para que o Mike jamais consiga me convencer.

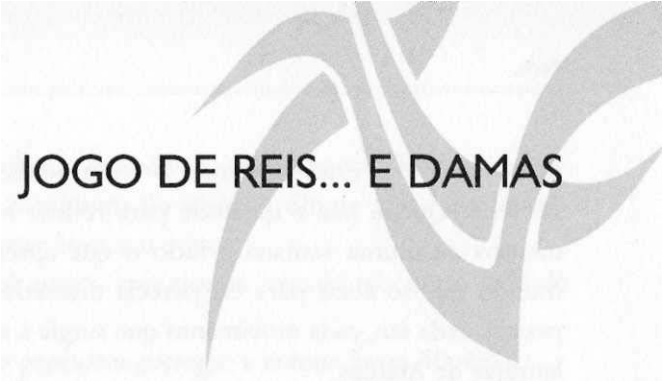


GIANPAOLO CELLI

ESPÍRITOS VINGATIVOS, magos e repórteres, uma casa amaldiçoada, um duelo incomum. Tudo isso está em *Jogo de Reis... e Damas*

Gianpaolo Celli usa e abusa de referências esotéricas, conduzindo-nos por uma trama que deturpa padrões estabelecidos e deixa o leitor em frangalhos. Sua narrativa entrecortada nos prende do início ao fim no drama de Marcus e Patrícia, que ousaram interferir com forças que poucos teriam coragem de enfrentar.

Ao final da leitura, descobrimos que este jogo não termina após o xeque-mate e que a ambição pode ser sua melhor arma — ou sua maior ruína.



JOGO DE REIS... E DAMAS

MARCUS ESTAVA NERVOSO; ansioso, na realidade. Fechou os olhos e mentalmente checkou o que lembrava sobre o velho prédio. Estar despreparado, afinal de contas, não era uma opção aceitável. As informações a respeito do edifício, tais como ter sido construído em meados da década de quarenta ou estar agora no local antes ocupado por um casarão colonial, pareciam irrelevantes em relação ao que ele esperava encontrar lá: uma prova de vida após a morte.

Mais uma vez, olhou para o relógio em seu pulso. Era a terceira vez na última hora; mesmo assim, não conseguia se controlar. Os preparativos para seu projeto, tão cuidadosamente pensados e repensados por semanas, definitivamente não estavam saindo como queria. Todo o tempo gasto com exercícios de relaxamento e de concentração havia sido em vão, seus nervos estavam à flor da pele.

— Briga de merda! Mina intromedita do caralho! — praguejou.

“Autocontrole, paciência...” as palavras surgiram do nada dentro de sua cabeça, duas, três vezes. Seguiu para a

cozinha, preparou um chá e novamente olhou para o relógio. Não passava da uma da tarde, verificou, devolvendo a caneca à pia.

Respirou fundo meia dúzia de vezes procurando se controlar. Então, ignorando toda a bagunça que havia feito em sua sala de jantar, foi para o quarto. Deitou-se, de roupa mesmo, em sua cama, pensando que era melhor cuidar daquilo quando estivesse mais calmo. Afinal, só precisava estar no velho prédio após o pôr-do-sol.



O trânsito daquela tarde de sexta estava deixando Patrícia louca. Tudo à sua volta parecia caótico, arisco, irritado. Ela se sentia exatamente daquela maneira e aquilo estava dando em seus nervos. Não queria culpar ninguém pela briga. Sabia, entretanto, que a culpa recaía sobre ambos. E estar perdendo o controle das coisas a deixava nervosa. Queria paz e quietude para refletir sobre os acontecimentos da última semana e tudo o que aprendera. O próprio mundo que se abria para ela parecia discordar da idéia, e cada pessoa, cada ato, cada movimento que surgia à sua frente a faziam lembrar de Marcus.

— Filho da puta arrogante! — murmurou para si mesma, ignorando qualquer coisa que o motorista do táxi fosse pensar.

Sabia que havia ido longe demais em relação ao assunto. Estavam saindo havia quanto tempo? Menos de um mês. Ele a havia ajudado numa matéria sobre a difícil relação entre a religião e a ciência. Mesmo assim, não tinha direito de tratá-la como uma criança quando ela pediu para acompanhá-lo na visita ao prédio assombrado.

— Vamos ver quem não está preparada!

Conseguir aquele velho documento tomou tempo e paciência, mas, como jornalista que era, ela estava acostumada. Ele era interessante. Farto em informações que, graças ao que ouvira de Marcus, Patrícia havia conseguido cruzar com o que achara na rede sobre a sociedade. Eram páginas e páginas de estudos e análises sobre os velhos casarões da cidade. Indexados por área e com dados sobre as famílias que haviam sido suas proprietárias.

— E imaginar que isso tudo estava coincidentemente no arquivo de registro de imóveis, na biblioteca prefeitura — sorriu, absorta enquanto falava consigo mesma.

— Desculpe?

— O quê?

— Você falou comigo? — questionou o motorista.

— Não, não... desculpe. Eu estava falando sozinha — respondeu envergonhada. O taxista, entretanto, deu de ombros e voltou sua atenção para o trânsito. — Falta muito para chegarmos?

— Ih! Mais uns quarenta minutos, dona... — comentou o homem, de olhos para o trânsito. — Esse endereço é do outro lado da cidade.

Patrícia ia reclamar quando seu celular tocou. Suspirou impaciente ao checar o número no visor; a última coisa que queria agora era ter de falar com seu editor.

— Onde você está? — questionou irritado, do outro lado do aparelho.

— Eu sei que precisava entregar a coluna hoje, Marcelo.

— E qual é a desculpa dessa vez? — interrompeu ele.

— Olha... me dê mais um dia. Eu termino na segunda. Estou atrás de uma matéria quente! Lembra que você queria alguma coisa histórica sobre a cidade...

— Tá! Segunda você me bota a par das novidades — ele resmungou. Conhecia Patrícia desde que ela saíra da faculdade e sabia que podia confiar em seus instintos. — Eu passo sua coluna dessa semana para a Carla.

— Obrigada. Fico te devendo essa.

— É! — respondeu ele, mas ela já havia desligado.

“Ele vai ver o que é o ódio de uma mulher”, pensou, sarcástica, imaginando a surpresa que aquilo seria para Marcus, que a rejeitara quando ela quis acompanhá-lo e documentar o fim de semana, mesmo após a entrevista, depois de tantos encontros.

Patrícia não estaria tão confiante, entretanto, se soubesse que aquelas haviam sido exatamente as últimas palavras da mulher cuja foto tinha nas mãos quando ela dera seu derradeiro suspiro, quase há um século. A enorme mansão que servia de fundo para a foto, residência de tal mulher, era exatamente onde agora ficava o prédio para o qual seguia.



Marcus estacionou seu Clio e desligou o motor, mas continuou imóvel no assento.

Lembrava que a feiticeira cujo espírito iria enfrentar nunca gostara de usar seu nome, nem o nome da família de seu esposo. Segundo os documentos que conseguira, Rowena — como gostava de ser chamada — havia sido a única mulher a conseguir o título de Grande Rei, Rainha no caso, na Sociedade do Templo de Salomão no último

século. Um a um, ela galgara todos os graus iniciáticos da ordem até conseguir o que queria, sem importar-se com os adversários em quem tivesse de pisar. Com isso, arranjara inimigos poderosos, os quais terminaram por matá-la.

Na verdade, ele mesmo, em sua ascensão na S. T. S., também se metera em contendas políticas e conseguira muitos adversários, para não dizer inimigos, no processo...

— Eu posso tomar conta do carro, moço? — perguntou um garoto maltrapilho com a cara colada no vidro.

— Claro — Marcus respondeu, saindo do carro e puxando uma nota para o moleque. — E você terá outra igual a essa quando eu voltar.



Nada do que havia lido preparara Patrícia para quando o táxi parou e ela pôs os olhos na velha edificação.

— Deus do céu... — murmurou boquiaberta, uma repulsa tomando conta de cada sentido seu como se mesmo só a sombra do prédio pudesse ler sua alma. Tinha que concordar, entretanto, que o local era impressionante! Decrépito, silencioso e intocado, contrastando totalmente com o restante da moderna e agitada avenida onde estava. Era como um cancro no coração pulsante da cidade, algo maligno em que ninguém tinha sequer coragem de mexer. Mesmo as paredes de concreto cinzento gasto pelo tempo estavam limpas, sem pichações ou cartazes, como se tudo e todos temessem o lugar.

Mesmo assim, entraria ali e passaria o mesmo final de semana que Marcus. Não somente conseguindo uma boa matéria, mas provando que ele não era melhor do que ninguém.

Isso não interessava no momento. O que precisava agora era achar uma entrada que não fosse pela porta principal. Não queria encontrá-lo, pelo menos não na primeira noite.

A velha placa, caída junto à rampa da garagem, indicava um estacionamento abandonado no subsolo do prédio. Aquilo era mais do um convite irrecusável à repórter.

O portão de madeira estava tão estropiado que qualquer pessoa buscando abrigo entraria facilmente. A camada grossa de poeira, notou, indicava que o local não era bem quisto por ninguém. No momento em que entrou na garagem escura, soube o porquê. Mais do que a atmosfera opressiva, a umidade gélida e a escuridão, o cheiro daquele lugar era algo insuportável. Antes mesmo de conseguir pegar uma mini-lanterna em sua bolsa, Patrícia teve de esperar até que seu estômago se acalmasse.

Cada vez que o ar pútrido entrava por suas narinas, entretanto, pontadas nervosas faziam-no revirar. A palavra dor ecoava em sua mente de forma alucinada. Uma dor forte demais para aquela sensação, chegou a considerar. Mesmo assim ela sentia o estômago reclamar furiosamente, como se houvesse ingerido algum tipo de veneno. Até que, finalmente, ele cedeu e Patrícia vomitou tudo que tinha comido no dia.

— Que horror! — comentou baixo, exausta, enquanto cuspiu o restante da bile que havia ficado em sua boca. — Que loucura... por um momento eu me vi tomando chá em algum lugar, então deitada numa cama... agonizando!

Olhando para cima, percebeu que o teto do subsolo ainda mantinha parte de uma abóbada de madeira podre,

provavelmente parte da obra do casarão original que foi deixada ali quando o prédio foi construído.

— Isso... — falou alto, como que tentando convencer-se daquilo. — Isso e o que eu li me fizeram imaginar.

A explicação que havia ouvido de Marcus sobre a presença do fantasma naquele velho prédio, anteriormente um dos grandes casarões dos ricos fazendeiros no final do século dezenove, se fez real nas recordações da garota. As lembranças das diversas lendas que ele lhe contara sobre espectros que, mesmo séculos após os castelos haverem saído das mãos da família original, ainda surgiam para lamentar por seus descendentes mortos lhe trouxeram um arrepio de mau agouro... E se tudo aquilo fosse verdade mesmo?



Marcus normalmente era uma pessoa calada, alguém que nunca precisou provar nada aos outros e que, portanto, preferia escutar a falar. Seu silêncio quando adentrou o escritório do primeiro andar, entretanto, não era devido a isso. Na verdade, mesmo que quisesse, naquele instante, não conseguiria articular nada. Estava sem palavras! Tudo que conseguia fazer era olhar de um lado para o outro, notando a mobília, intacta, fora a grossa camada de poeira e fuligem que cobria tudo.

Um calafrio desceu-lhe a espinha, matando completamente sua curiosidade.

Havia algo ali, percebeu, algum tipo selvagem, indomável de poder. Algo inexplicável que, mesmo com as janelas deixando o poente entrar, lançava sombras estra-

nhas ao local. E além disso, o nada, um vazio anormal e inesperado. Um vazio tão real que todos os pêlos de seu corpo se arrepiaram de medo.

— Besteira! — exclamou, deixando a mochila no chão, pegando alguns equipamentos, ligando o pequeno lampião e se preparando para uma busca minuciosa.



Arrepiada ou não, se fosse realmente passar o fim de semana naquele lugar, como pretendia, Patrícia sabia que tinha de ser prática. Trevas e mau cheiro não fariam de sua história uma coisa interessante, afinal de contas.

Com sua mini-lanterna numa mão e um lenço cobrindo o nariz para tentar enganar aquele fedor, ela deixou o mal-estar de lado e começou a vasculhar a garagem.

A primeira coisa que percebeu, aliviada, era que o local parecia muito silencioso.

“Silencioso demais”, pensou. Sempre imaginara lugares assim como cheios de moscas, baratas imundas, e pior, ratos e ratazanas.

Aquilo, contudo, mudou enquanto ela se movia pelas trevas. O alívio tornou-se receio quando considerou impossível que, com todo o lixo espalhado e o cheiro, aquele pardiheiro não estivesse infestado das mais nojentas criaturas.

O lugar, entretanto, estava vazio. Ela era a única alma viva ali. O trêmulo facho de sua lanterna, companheira fiel de tantas aventuras, parecia fraco demais, como se as sombras do local se alimentassem daquele fino cone de luz, sua única ligação com o mundo lá fora. Especial-

mente depois que escurecesse e ela não pudesse mais achar a fresta no portão por onde havia entrado.

Engoliu em seco ao pensar naquilo. Rapidamente voltou-se para onde achava ser a saída, buscando com a lanterna a fresta onde entrara.

Nada!

Um novo arrepio subiu por sua coluna quando percebeu que, em sua raiva, esquecer-se totalmente de trazer pilhas reservas.

Mas agora era tarde. Já havia avançado demais nas trevas. A escuridão a envolvia como um cobertor molhado, pesado, frio. Tão frio que ela batia os dentes, e a cada arfada expelia um espesso rolo de vapor pela boca.

Andou um pouco enquanto fechava o zíper do casaco. Um estalar seco sob seus pés, entretanto, tirou-a de seu devaneio. Aquele som estranho parecia diferente do roçar do lixo que normalmente se espalhava pelo chão.

Ela contou até três e, tomando coragem, virou de sopetão, só para gritar quando viu no que havia pisado.

O susto ao ver o esqueleto caído no pilar a seu lado fez com que perdesse o equilíbrio e, em sua queda, a lanterna escapou e a repórter se viu envolta em trevas quando o instrumento se apagou ao bater no chão.

— Não! — gritou novamente, lutando contra o pavor que começava a tomar conta de si.

“Você não devia gritar assim! É perigoso”, pensou. Ou achou ter pensado, pois a frase surgira do nada em sua cabeça. “Além do mais, é muito rude!”

Já passava das oito quando Marcus terminou a verificação do térreo e dos dois andares onde a presença do espírito havia sido relatada. O local todo estava quieto como uma tumba.

Pacato demais! Não era possível que aquele fosse o prédio que pesquisara por tantos meses; que nunca havia conseguido alugar os dois primeiros andares, pois ouviam-se vozes, passos, uma presença sobrenatural; onde um inquilino se suicidara, um segurança morrera em serviço sem motivo aparente, outro desaparecera misteriosamente.

As únicas coisas que estavam ali para responder, apesar disso, pareciam ser as sombras e o silêncio, só quebrados por ele mesmo.

Sem opção a não ser a lógica, o jovem mago decidiu por colocar suas coisas no segundo andar. Pelo que havia estudado das velhas fotos, era ali que deveriam ser os quartos, onde evidentemente a presença do espírito seria mais forte.

A medida que avançava pelos velhos degraus para o segundo andar, fazendo a madeira ranger chorosa, uma estranha linha de raciocínio começou a tomar forma em sua cabeça.

Havia algo errado naquele lugar. Fazia horas que estava ali, e não era possível que o fantasma da feiticeira, vingativo e rancoroso como era, não houvesse notado sua presença.

Por um segundo, considerou a possibilidade de o espírito já haver se livrado de sua maldição auto-imposta e conseguido o tão esperado descanso final.

Por mais de uma vez, enquanto formava com os cristais um grande círculo de proteção, Marcus sentiu algo em meio às trevas do lugar. Por mais de uma vez, perguntou estupidamente para as trevas se havia alguém ali. Em suas mãos, a adaga e o pentáculo que usava em seus rituais, como se os objetos pudessem protegê-lo.

Nada...

Mesmo assim, demorou um tempo antes de se acalmar e voltar sua atenção para o bastão e o cálice que já havia arrumado em seu altar improvisado, e mais algum até que conseguisse coordenação para acender as velas e posicionar os equipamentos.

Não esperava ter que apelar para o ritual, sabia que era uma medida desesperada. Também sabia, contudo, que tinha de estar preparado para fazê-lo, assim como sabia que iria ser bem sucedido.

Mais calmo com a constatação, sentou-se no centro do círculo, checkou se conseguia ver cada um dos sensores de temperatura e os analisadores de campos magnéticos. Realizou alguns exercícios respiratórios e de relaxamento. Só depois de tudo isso sorriu, maliciosamente.

“Todas as possibilidades estão cobertas”, pensou. O sucesso, afinal de contas, era algo que nunca deixaria de medir esforços para atingir.

— E que vai acontecer! — exclamou, com certa pompa, para o lugar. — Esteja pronta para seu derradeiro destino, Rowena, pois esta noite você perderá seu reinado!

E, com o surgimento da lua cheia no céu, o jovem mago começou a parte mais delicada de seu plano.



— Tem alguém aí? — questionou Patrícia, para as trevas, mais timidamente do que gostaria. A única coisa que ouviu em resposta, além do silêncio, foi o som das batidas de seu coração. Continuou ali, parada, esperando. Não queria se mexer. A câibra mordendo cada um de seus músculos.

“Se acalme, Patrícia, o que você precisa agora é achar sua lanterna. Não há nada nem ninguém aqui”, imaginou, tentando tomar domínio sobre si mesma. “Você é uma repórter atrás de uma matéria e aquilo é só o esqueleto de algum mendigo qualquer... e fantasmas não existem...”

— É! Fantasmas não existem... — repetiu a última parte, como que para se assegurar de que era verdade. — E o esqueleto não é nada... só os restos mortais de algum pobre coitado.

“Isso lá é verdade”, ela ouviu novamente a voz dentro de sua cabeça. “Pelo menos em relação ao esqueleto.”

— Marcus? — perguntou a repórter, olhando em volta e buscando desesperadamente na escuridão algum sinal de movimento, de vida. — E você? Pare de brincar, eu tô com medo.

— Eu sei — respondeu a voz, que parecia vir de algum lugar atrás de Patrícia. Uma que, embora não soubesse dizer se era real ou não, agora sabia que não poderia ser do namorado, pois era uma voz feminina... — É por isso que eu estou aqui!

— Quem é você? O que quer mim?

— Você sabe quem sou — a repórter ouviu. A voz, entretanto, não vinha de sua cabeça, mas de uma figura reluzente que se aproximava.

— Deus do céu! — exclamou ela.

Um calafrio tomava-lhe o corpo à medida que a figura surgia.

Era alta e esquelética... a pele acinzentada era tão alva que permitia ver os ossos. O cabelo longo, amarelo como trigo seco, brilhava contra a escuridão, flutuando

em volta da cabeça como uma coroa. Os olhos eram o pior: de um azul baço, esbranquiçado, como se há muito nada enxergassem; cortavam a escuridão, scrutando a alma da garota.

— Deus? — questionou o espírito, com uma risada que deixava ver o abismo negro de sua essência. — Deus não está aqui, minha querida, só eu, Rowena... e você.

A repórter queria gritar, queria se mover, fechar seus olhos, pegar a cruz que tinha em seu pescoço, correr dali, mas nada disso parecia possível, pois alguma coisa naquele ser incorpóreo fazia com que o grito ficasse retido em sua garganta, que seus músculos parecessem pedras, pesados e imóveis.

Tudo que conseguia fazer era continuar olhando para aquela alma desencarnada.



Por horas o jovem mago recitou seus encantos. Noite adentro, seus feitiços ecoaram na escuridão, sem resposta...

Nenhum dos aparelhos detectou mudança alguma no ambiente além do calor ínfimo gerado pela chama das velas, nenhuma mudança no campo magnético do local. O pior mesmo era que Marcus não conseguia notar nada, apesar de todos os graus de iniciação que galgara na S. T. S., todo o seu treinamento mágico. Nem mesmo durante as silenciosas pausas que fazia para buscar nas trevas algum sinal do fantasma da feiticeira. Por vezes ele começou e parou o ritual, intercalando o vazio do lugar com a força de sua vontade. De qualquer maneira, aquilo não estava sendo suficiente.

Já passava das quatro da manhã e, sem ter conseguido resposta alguma à sua armadilha, ele havia deixado a irritação tomar conta de si. O espírito da feiticeira estava naquele lugar, sabia disso, podia sentir. Não conseguia identificar, contudo, sinal algum de sua presença. Não sentia nada ali. Nada além do poder estático, provavelmente resultado dos rituais feitos antes de a mansão dar seu lugar a um prédio comercial, décadas atrás. A impressão era de que estava num deserto.

Havia algo ali, apesar de tudo. Por baixo do vácuo, além daquele poder, havia um sentimento, uma sensação...

Por um segundo Marcus achou ter visto algo em meio às trevas. Um brilho pálido, fugidio, que fez com que se esquecesse totalmente do resto.

“Há algo ali”, exclamou mentalmente. “Ou havia há um minuto”, considerou, notando que os aparelhos nada registravam e ele nada havia sentido realmente. Talvez fosse só sua vontade de ver algo, criando uma ilusão em sua mente, em frente a seus olhos, sem que nada real estivesse lá.



Escuridão! Nada além de trevas. Era tudo o que havia ali. Mesmo assim Patrícia demorou a perceber que novamente podia se mover.

Precisava sair dali! Não importava mais a matéria ou provar qualquer coisa para qualquer um, fosse para Marcus, para seu editor, para o resto do mundo ou para ela mesma. Não precisava daquilo, não queria seu mundo habitado por espectros do passado. Só queria voltar para casa e esquecer tudo aquilo.

Sabendo que para sair dali precisaria de sua lanterna, a garota lutou contra o pânico e começou a tatear o chão sujo em busca do aparelho. Rezava em voz alta para não haver nada de perigoso naquele lixo todo; para que encontrasse logo a lanterna; para que, apesar da queda, ela ainda funcionasse.

Novamente, gritou de susto quando a fantasma apareceu, brilhando na escuridão.

— Me deixe em paz! — começou a chorar. — O que você quer de mim?

— O que *eu* quero, não: o que *você* quer!

Patrícia olhou para onde os olhos da feiticeira apontavam e notou sua lanterna exatamente entre ela e o espectro. Sem pensar, saltou como um gato na direção do objeto, somente para vê-lo rolar para longe enquanto a feiticeira ria. Por mais duas vezes ela pulou, mas a lanterna sempre fugia de suas mãos para mais perto da aparição, até que foi abraçada pelo ectoplasma de Rowena.

— Não! — uivou a jovem, desesperada como um animal faminto que via, incapaz, sua presa fugir.

— O que foi, minha querida? — a feiticeira riu sarcasticamente, a lanterna visível através de seus brilhantes pés descalços. — Venha até mim que você terá o que quer.



— Merda! — exclamou Marcus. Quarenta minutos haviam se passado com ele esperando por algo e nada! Sua preciosa noite de lua cheia se findava com péssimos resultados, se é que aquela ausência poderia ser chamada de resultado. Sabia que alguma coisa estava acontecendo, po-

dia sentir! Nem ao menos havia conseguido provar que o espírito da feiticeira residia naquele lugar, quanto mais destruí-lo, roubar seu poder, sua sabedoria, os segredos do outro mundo, talvez.

— Merda! — repetiu, uma das mãos pegando o cálice no chão enquanto a outra buscava um saco que tinha na cintura. Não era para ser daquela maneira. Mesmo assim, a única solução que via era misturar as ervas que tirara do saco com o vinho que tinha no cálice e tomar a infusão.

O ritual, já uma solução desesperada, não havia dado certo. Teria de descer até o fundo do poço. E iria, pelo que conseguiria do fantasma daquela vadia quando este fosse destruído, erradicado. Faria o que quer que fosse para alcançar seus objetivos. Cumpriria suas metas, como em todas as outras vezes, custasse o que custasse.

Bebeu a infusão e induziu a ampliação de seus sentidos, a viagem astral, algo que não fazia desde quando era somente um iniciado na Sociedade do Templo de Salomão.



— O que tá acontecendo, Marcus? — Patrícia questionou. O receio transpareceu um momento nos músculos crispados de seu rosto; então, desapareceu. No lugar do sentimento, uma curiosidade estranha tomou conta dela. Então, uma tontura.

— Como assim? — questionou Marcus.

— Eu nunca tive problemas com cemitérios — respondeu ela, sabendo que, mesmo que aquilo fosse um sonho, algo estava errado. — Depois de tudo que vi, que

aprendi, tudo que você me mostrou, mal consigo ver fotografias que eu mesma tirei sem ficar aterrorizada. É como se eu pudesse sentir algo nelas, algo que nunca havia sentido!

— Nunca?

— O quê? — questionou a jovem repórter que, de repente, não mais estava no apartamento do namorado, mas novamente no cemitério, visitando o túmulo da família no Dia de Finados.

Todas as sensações que tivera naquela manhã surgiram de uma vez antes que Patrícia conseguisse pensar nelas. Calafrios que, em seu ceticismo, havia relegado a inexistentes mudanças de temperatura ou a um vento fraco demais; presenças invisíveis que preferiu achar que não passavam de frutos de sua imaginação. Presenças que ela via, agora.

Não queria aquela matéria, mas teve de ir até o viaduto, fazer as entrevistas e esperar que as fotos fossem tiradas. Seria o teste de sua coragem, de seu estômago, de sua força de vontade. Gritou ao ver o garoto se jogar de um viaduto na cidade. Um universitário que sabia não estar lá e que não apareceu espatifado do chão quando ela se aproximou da beirada para olhar. Um garoto que aparecia agora a seu lado, transparente apesar das manchas de sangue e dos ossos à mostra.

“Deus do céu”, pensou, quase caindo no chão ao vê-lo.

— Deus não existe — respondeu o fantasma. — Eu morri e não vi nada, ninguém...

Era mentira, Patrícia sabia, mas não estava pronta para aquilo, não sabia como fazer parar. Fechou os olhos, tampou os ouvidos e saiu correndo dali.

— Faça parar! Faça parar! — urrou em desespero.
— Eu não acredito em nada disso! Nada disso aconteceu!

“Não?”, questionou uma voz feminina em sua cabeça. “Então por que fecha os olhos, por que nega, por que foge?”

— Nada disso é real! — respondeu a garota, correndo de olhos fechados. — Eu já vi isso. Já vivi isso. É só um sonho, um pesadelo!

— Só um pesadelo? — indagou Rowena. — Bom, pesadelo ou não, você vai morrer se não abrir os olhos... e se desviar desse carro.

Patrícia gritou e abriu os olhos quando o som da borracha fritando no asfalto parecia rasgar seus tímpanos. As mãos instintivamente buscaram proteger a face quando o carro se aproximou dela.



— Rowena! — gritou Marcus, a beberagem já fazendo efeito e deixando-o tonto. — Apareça... apareça para ser destruída!

Ele quase saltou de susto quando ouviu uma resposta positiva vindo de suas costas.

— Oh, meu Deus! — exclamou ao notar a figura da feiticeira. A pele ressequida e pálida aparecia, apesar de ela estar envolta em bandagens mortuárias, rubras do sangue que saía das pústulas e feridas que lhe cobriam o corpo.

— O que você quer, mago? — perguntou, os olhos brilhando num azul doentio e o cabelo amarelo formando um halo, como se fosse algum tipo corrompido de anjo.

— Uma luta? Me destruir? Tomar meu poder, a sabedoria da imortalidade? É isso? Tente então, eu quero ver!



Não havia mais jeito. Em menos de um segundo Patrícia teria seu corpo esmagado por aquele automóvel, ou então seria jogada para cima com o impacto, somente para ser atingida pelo veículo que viesse atrás. Era apenas um sonho, ela sabia, assim como sabia que já estava morta.

Lembrava-se do que Marcus lhe contara sobre sonhos e viagem astral no encontro que haviam tido logo depois da reportagem: seu corpo não sobreviveria sem sua mente e, se ela não acordasse, como se acorda de um pesadelo, o trauma faria com que tivesse morte cerebral.

Havia perdido o controle, como há muito perdera o controle de sua vida.

— Esse é o destino de quem vaga sem rumo. — Ela olhou para onde havia ouvido a voz somente para encontrar a feiticeira a seu lado.

— O-o que... — gaguejou, ao perceber que tudo naquele sonho, menos ela e a feiticeira, estava paralisado. Nem os carros, nem os pássaros, nem as pessoas se moviam naquele pesadelo incomum.

— Ainda não — Rowena respondeu, dando-lhe a mão já na escuridão da velha garagem. — Eu preciso de você. Uma última vez, minha querida. Agora, venha.

E assim, de mãos dadas, as duas seguiram para as trevas.



Os cristais desapareceram, assim como a luz das velas, quando Marcus sentiu seu espírito destacar-se de seu corpo. Olhou para os lados em busca de alguma referência, mas não havia nada ali além dele.

— Venha — ouviu a voz de Rowena. — Nós estamos esperando por você!

— Nós? — questionou o mago. Mas a voz já sumia na escuridão, e Marcus decidiu ignorar e seguir em frente. Descobriria aquilo depois.

Em um segundo ele chegou aonde a dona da voz o esperava. Demorou menos do que isso para lembrar o que era aquela enorme mandala luminosa em meio às trevas.

— O Jogo de Reis! — exclamou. Lembrou-se de que aquele círculo astral era um campo de batalha mágico, um labirinto onde deveria lutar tanto contra seu adversário como contra seus medos, seus demônios interiores. Um campo de batalha que havia sido famoso no início do século anterior, quando ordens secretas, seitas e cultos de magia estavam em voga. Sabia que muitos haviam fenecido em mandalas como aquela. Conhecia o jogo, ou pelo menos havia lido sobre ele nos livros da S. T. S.

Quase à sua frente, do lado oposto do círculo, estava a figura de Rowena, que ainda usava suas bandagens mortuárias, fazendo-a parecer uma múmia. Não estava sozinha, viu Marcus. A seu lado havia uma figura moribunda que jazia nua em posição fetal.

— O que é isso? — ele perguntou, irado, ao perceber que aquele ser de olhos mortiços e sem vida, e que mal respirava, era Patrícia.

— Bom dia, Marcus... — respondeu Rowena, seus olhos brilhando enquanto sorria-lhe acintosamente. —

Mas que maus modos. Não ensinam mais o protocolo na ordem?

— Foda-se o protocolo! — ele apontou para garota, não sabendo se a raiva que sentia era porque mais uma vez ela havia metido o nariz em seus projetos, como estava fazendo desde que começaram a se ver, ou se era porque gostava dela e não queria vê-la ferida. — O que ela está fazendo aqui?

— Ora! Pergunte a ela quando tudo isso terminar... isto é, se algum de vocês sobreviver.

— Vagabunda maldita!

— Você realmente acha que é o primeiro a tentar me destruir? Tolo! Ninguém da ordem conseguiu. Nem quando eu estava viva, nem agora que sou um espírito. Ninguém conseguirá, nunca. Nem você, nem nenhum outro!

Marcus suava frio. Sabia que, no momento em que pisasse dentro daquele círculo, não mais seria o caçador ali, mas a presa, assim como sabia que não tinha outra opção. Aquela era uma armadilha em que teria de entrar. Não era mais só uma questão de seus planos ou seus objetivos, mas a vida, talvez a alma de sua namorada, estava em jogo, e por mais que ela fosse irritantemente bisbilhoiteira, apesar das brigas, ele gostava dela.

Todos os seus músculos estavam crispados quando adentrou a mandala e sentiu a energia transpassar seu corpo. Era como se todos os humores do mundo estivessem ali concentrados, colocados sob as ordens das vontades dos oponentes. Energias que, guiadas por eles, libertariam um e destruiriam o outro.

— Nervoso? — sorriu a feiticeira, percebendo que Marcus nunca havia jogado.

— Liberte a garota! — gritou o mago, sentindo o ar à sua volta ficar mais denso e gelado.

— Nunca! Se eu for destruída, o espírito dela vai comigo! Agora, ataque!

— Ela não tem nada com isso! — respondeu ele. Estava imóvel, continuava no lugar em que havia entrado no círculo. Em sua mente, contudo, um jato de energia lançava-se contra a bruxa.

Para seu espanto, a única coisa que Rowena fez foi mover uma sobrancelha. Em algum lugar em sua mente, entretanto, ela conjurou um pentagrama e desviou o raio para o limbo.

Os dentes da feiticeira rilharam quando ela percebeu que, apesar do medo, Marcus avançara no labirinto. Ela se concentrou então e, sobrepondo sua vontade à de Marcus, fez com que ele se ajoelhasse. A tentativa de repelir o ataque havia sido em vão e agora ele agonizava em dor.

Tinha que se mexer, sabia disso, mas todas as suas opções ali pareciam abismos mortais. Tentou novamente um ataque, um feitiço, mas este se perdeu contra a aura ectoplásmica de sua adversária.

De qualquer maneira, havia avançado mais uma vez quando a lâmina escarlate que o espectro conjurara desceu contra seu ombro e arrancou um gemido forte do jovem mago.

— Não é possível! — Marcus gritou, não conseguindo entender como fora acertado.

— Se você acha impossível — interrompeu a feiticeira, gargalhando —, então é tão ruim quanto os outros, e vai perecer como eles.

Marcus estava sendo burro e sabia disso. Sabia que aquele era um combate de vontades, de medos, de esperanças. Não ganharia se não usasse a cabeça.

Respirou fundo, notando que, como ele, a feiticeira fantasma também havia avançado no labirinto e que ela também se encontrava próxima ao centro, onde se tornaria o eixo da mandala, o *Axis Mundi*, e destruiria tanto Patrícia como a ele. Notou também que a energia rubra como o sangue ao qual equivalia saía do ferimento em seu ombro e era absorvida por Rowena, cuja pele já parecia mais rosada.

Marcus teve então uma idéia. Seria difícil, doloroso, ele sabia, enquanto novamente se ajoelhava e se concentrava. Mas valeria a pena.

Ele sorriu quando viu que Rowena se aproximava mais do centro do campo de batalha. Atacou levianamente então e moveu-se. Sentia muito frio e o medo parecia solto em sua mente; mesmo assim, sabia que nunca ganharia se não roubasse.

Olhou para a adversária somente para ver que já não estava descarnada e que, quanto mais energia roubava, mais de seu corpo voltava a ser como fora em vida.

Ela respondeu como um predador quando Marcus novamente moveu-se, quase chegando ao centro. Ela também se movimentou, embora não para o centro, mas em direção ao mago moribundo. Consequia sentir sua fragilidade, a chegada de sua morte... Era uma predadora, e como tal tinha que fazer seu derradeiro ataque antes que ele se fosse. Só aí ela se livraria da maldição.

Tão concentrada estava com a volta de seu corpo, com sua aparente vitória, que só percebeu que o jovem mago também havia conjurado uma lâmina encantada e

num ataque, atingido seu coração, quando ouviu seu próprio lamento de morte.

Havia algo, entretanto...



Mesmo que estivesse acordada, Patrícia não veria os sabres mentais se encontrando e incendiando o ar com chamas rubras. Não veria a épica batalha que, como tudo ali, acontecia na mente e na alma de cada um dos adversários. Não que isso importasse. Nem que houvessem estampidos metálicos e brilhos multicoloridos, nada daquilo valia a pena.

O mundo fora dela era vazio e parecia frio e aterroizante. Ali dentro, onde estava, era muito melhor. O calor talvez não fosse aquele com o qual estava acostumada, e a luz estava esmaecendo, lentamente, deixando todo num cinza azulado triste. Sabia, entretanto, que estava melhor ali do que em qualquer outro local. Não sentia dor alguma, nem medo ou ressentimento. Estava segura como uma criança no colo da mãe e era só isso que importava, a segurança.

Foi então que toda aquela paz e silêncio se tornaram um urro bestial de dor, tão forte que tudo ali se tornou escarlata. Ela não entendia quem estava gritando daquela maneira. Não entendia porque os olhos fechados e os ouvidos tampados não resolviam. Ela ouvia o grito, sentia o grito, sentia a dor como se viesse dela mesma. Tão forte que mesmo ali ela desmaiou.



Marcus acordou daquilo tudo ainda em meio às suas velas e cristais. Os marcadores de seus instrumentos, que antes pareciam ter trabalhado como loucos, agora jaziam em seus lugares, mortos, sem bateria para animá-los. Isso não importava agora. Ele havia conseguido vencer o desafio do Jogo de Reis. Sobrevivera ao desafio mágico, coisa que não podia dizer de sua adversária.

Mas havia outra coisa: Patrícia!

Ele gemeu de dor quando se levantou. As mãos foram ao ombro ferido que ainda sangrava do corte mágico. Não podia pensar naquilo agora, considerou, enquanto corria o prédio, aposento por aposento, em busca da namorada.

— Você está bem? — foi tudo que conseguiu perguntar, ao achá-la na garagem imunda do subsolo.

— Sim. Obrigada, querido — a repórter respondeu ao ser levantada. As palavras saindo como que vindas do nada enquanto ela o beijava em agradecimento.

— Você não devia ter vindo aqui — continuou ele, bravo, enquanto a levava para fora. — Quase morreu por uma reportagem idiota!

— Eu sei, e quase te matei — comentou com um sorriso encabulado. — Me desculpe.

O jovem mago queria continuar brigando, mas algo na voz dela fez com que parasse. Era como se algo houvesse acontecido dentro do círculo durante o combate. Algo ainda estava errado, embora ele não soubesse o quê.

Ambos, entretanto, arrepiaram-se ao ouvir a tétrica risada que parecia vir das profundezas do inferno... ou quem sabe de dentro de algum deles.



MARCELO DIAS AMADO

O GOSTO deste autor pelo mistério e pelo sobrenatural foi sendo moldado durante muitos anos de dedicação a um de seus projetos pessoais: o *Estronho e Esquêsito*, um portal da Internet com um enorme acervo de curiosidades mórbidas e histórias sinistras.

Um trabalho deste porte não poderia deixar de despertar em Marcelo Dias Amado o gosto pela arte que divulgava. Sua carreira literária se iniciou há pouco tempo, mas é abrilhantada pela sua bagagem intelectual, que o ajuda a incorporar elementos verossímeis do cotidiano às suas narrativas fantásticas.

E o cotidiano é justamente o que vemos em *O Fotógrafo*, uma novela policial de suspense, onde Miguel é cercado pelos fantasmas das grandes metrópoles, como o desemprego, a fome e a violência, e por outros não tão palpáveis, além da nossa compreensão, mas sempre próximos de nós.



O FOTÓGRAFO

SURGIRAM de repente na esquina, correndo a passos largos: um par de pernas vestindo uma calça jeans surrada e pés calçados com tênis velhos, de lona, de cor indeterminada. Algo entre preto desbotado e cinza chumbo. Junto com o som dos pés no passeio irregular em que corria podia-se ouvir uma respiração rápida e ofegante.

Um senhor que vinha em sentido contrário conseguiu evitar uma trombada, desviando-se a tempo do rapaz que passou correndo por ele. Mas, pouco tempo depois, ao chegar mais próximo da esquina, andando e olhando para trás, foi surpreendido por dois brutamontes e não conseguiu evitar o choque. Um deles esbarrou em seu ombro, fazendo-o estatelar-se no chão. O outro ainda tropeçou no pobre homem, pisando em sua mão. O sujeito se levantou rapidamente e voltou a perseguir o jovem, que já havia dobrado a outra esquina.

“Esta cidade está mesmo uma desordem completa”, pensou o homem, enquanto era erguido por uma garota que acabara de atravessar a rua, depois de assistir àquela cena. Os dois, ainda indignados, olharam aqueles

homens enormes descerem a rua correndo com um pedaço de pau e uma arma em mãos.



O cansaço tomou conta do corpo e o fôlego já lhe faltava. Depois de correr por várias ruas, pular bancos de praça e se arriscar no meio do trânsito, achou o portão escancarado do cemitério bem convidativo. Uma vez lá dentro, correu em direção aos túmulos mais luxuosos. Ocorreu-lhe que as estátuas, monumentos e jazigos poderiam escondê-lo na fuga.

Ouviu ao longe as vozes daqueles homens. Eles também entraram. Continuou correndo. Então, seguiu em direção à parte de baixo do cemitério, onde as covas eram marcadas apenas por pequenas cruzes de concreto pintadas de branco.

Num momento de distração, enquanto olhava para trás, procurando seus perseguidores, não percebeu uma cova aberta à sua frente. A queda brusca quase não se fez ouvir. O som abafado do corpo caindo sobre a terra úmida só serviu para assustar alguns pássaros pousados numa árvore próxima.

Dentro do buraco, uma pá, cujo cabo deixou uma marca em sua testa. Debaixo da pá, uma lona preta. Sua última tentativa de salvação. Enrolou-se nela e tentou ficar ali imóvel. Ele queria se fazer passar por um corpo. Uma pessoa mais esperta poderia desconfiar daquilo. Mas aqueles homens não pareciam ser muito espertos. O plano de última hora poderia dar certo.

Enquanto as vozes se aproximavam, ele tentou controlar sua respiração ainda ofegante. Foi se acalmando

aos poucos e conseguiu finalmente prendê-la por alguns instantes ao ouvir passos bem próximos ao buraco onde se encontrava.



A cabeça começou a latejar. A pancada no cabo da pá não fora leve. Não havia sangue, mas a dor começou a ficar mais forte. Lembrou-se da câmera que carregava consigo. A curiosidade de saber se ela não havia se quebrado só não era maior do que o medo de ser descoberto e, por isso, resolveu verificá-la depois. Sentiu um punhado de terra cair sobre seu corpo e o pavor tomou conta de sua mente. “Eles teriam desconfiado?”

Sentiu o suor escorrendo por sua testa. Estava de bruços, com a cabeça levemente virada para o lado. Um filete de suor caiu em seu olho esquerdo. Ardia e coçava, mas ele não podia se mexer. Eles poderiam estar esperando algum movimento daquele corpo jogado ao chão. Queriam desmascará-lo.

Por pouco não se borrou todo ao sentir que alguém pulava bem ao lado de onde estava. Sentiu uma vontade enorme de gritar, pedir socorro, mas quem o ajudaria? Os mortos? Um cutucão com a pá e seu corpo balançou. Mais suor. Os dentes cerrados com tanta força que chegavam a ranger. Apesar de estar embrulhado na lona, os olhos estavam arregalados. As mãos estavam molhadas e a respiração voltou a ficar acelerada. Ouviu seu coração batendo no chão. Sentiu a jugular pulsando e tinha a impressão de que a qualquer momento perderia sua cabeça. Aquela pá poderia ser o instrumento de sua morte.

Alguém começou a desenrolar a lona. Lágrimas começaram a rolar. Quis pedir misericórdia, mas sua voz não saiu. Quando finalmente sua cabeça foi descoberta, seus olhos apavorados fitaram um rosto de traços fortes e pele curtida de sol, mas ao mesmo tempo de uma serenidade perceptível mesmo numa fração de segundos.



Ainda tremendo de nervoso, tomou um chá feito pelo zelador do cemitério. Estava na casinha onde o velho homem passava suas horas de descanso. Francisco havia percebido a movimentação entre os túmulos e viu quando Miguel caiu na cova aberta. Ficou observando tudo por um tempo e, quando os homens desistiram da perseguição, desceu para ajudar. Agora, encarava Miguel com um pouco de desconfiança. Tinha esperado o rapaz se acalmar para começar o diálogo.

— Cê num tem cara de bandido.

Miguel olhou assustado para o zelador e tratou logo de se defender.

— Não. Não sou bandido.

— E quem eram aqueles dois querendo te pegar?

— Não sei. Queriam tomar a câmera. Não sei por quê, mas queriam pegá-la de qualquer forma. Fiquei apavorado e saí correndo sem rumo.

— Cê é fotógrafo?

— Sim. — Depois de fazer uma pausa, baixou os olhos e completou: — Quer dizer, não exatamente. Não sou um profissional. Sempre sonhei em ter uma câmera.

— Mas cê tem uma câmera. Ou essa câmera foi...
— hesitou em falar a palavra “roubada”, embora tenha pensado exatamente isso.

— Não. Eu quis dizer que sempre quis ser um profissional. Trabalhar com isso.

A conversa se estendeu ainda por alguns minutos. Miguel tentava convencer Francisco de que era apenas mais um desempregado naquela metrópole imensa. Nos últimos meses, vivia de pequenos trabalhos. Não pagava aluguel, pois herdara de seus pais uma casa pequena no subúrbio. Seu telefone já tinha sido cortado por falta de pagamento e corria o mesmo risco em relação à água e à luz. Sua geladeira estava quebrada há duas semanas e o gás estava nas últimas. Sua vida era difícil, mas ele não era um bandido.

“Seu” Francisco pareceu acreditar no rapaz. Ainda estava com um pé atrás, mas resolveu dar crédito à história. Ofereceu uma camisa limpa para que ele voltasse para sua casa, com o intuito de fazer o rapaz voltar ao cemitério posteriormente para devolvê-la. Se assim o fizesse, era um indício de que era um sujeito honesto. Se não voltasse mais, era menos uma camisa em seu armário. Depois que Miguel a vestiu, Francisco lhe entregou uma conta de água que havia encontrado no bolso da camisa suja.

Chegou em casa com uma garrafa de vodka de quinta categoria e uma lata de refrigerante. Sabia que aquela vodka ia causar mais dor de cabeça no dia seguinte do que a pancada no cabo da pá, mas precisava de um porre. Quando o refrigerante acabou, passou a tomar a vodka pura.

Durante a madrugada, escutou passos do lado de fora da casa e podia jurar ter ouvido alguns também em

sua sala. Mesmo estando completamente bêbado, ainda se lembrou dos dois homens que o perseguiram. Tentou se levantar para ver se havia alguém dentro de casa e acabou caindo no chão. Nem tentou se levantar novamente. O máximo que conseguiu fazer foi virar o rosto para o lado antes de vomitar no tapete arraiolo que sua mãe tinha lhe dado antes de morrer.

Teve um sono agitado e um sonho estranho, no qual pássaros pousavam sobre um varal pendurado entre as paredes de dois prédios. Era um beco estreito e sujo. Os pássaros balançavam os varais, tentavam arrancá-los das paredes. No lugar de roupas, fotografias estavam penduradas, sendo seguras pelas garras daqueles pássaros enormes. Havia sangue escorrendo das fotos e pingando sobre a cabeça de Miguel.

Um clarão dentro da casa o acordou. Assustado, percebeu que estava suando frio. Olhou para a janela. O céu estava limpo. Não era relâmpago.

“Se não é chuva, o que diabos foi isso então?”

Um pouco menos bêbado e com a boca seca, levantou-se para investigar. Ao apoiar sua mão no chão, sentiu algo viscoso. Era seu vômito no tapete. Quase vomitou de novo ao ver que tinha sangue misturado. Correu para o banheiro para ver se estava sangrando. Não tinha nenhum ferimento. Sua boca também não tinha vestígios de sangue.

Depois de dar uma olhada pela casa sem constatar nada de anormal, pegou um pano velho para limpar aquela sujeira no quarto, caso contrário não conseguiria dormir com aquele cheiro de azedo. Quando se agachou para limpar não viu mais a mancha de sangue. Era apenas vômito.

“Mas eu vi o sangue. Essa merda tava toda vermelha! Será que ainda estou bêbado?”

Terminou de limpar o chão e foi até a cozinha tomar um copo d’água. Escorou seu corpo na pia e tentou lembrar os detalhes do sonho. Não conseguiu se recordar de nada além dos pássaros, do varal e das fotografias pingando sangue sobre sua cabeça. Já ia se deitar quando ouviu o barulho de alguma coisa caindo no chão da sala. Hesitou por alguns segundos; no entanto, resolveu verificar.

Procurou alguma coisa que pudesse servir como arma. Abriu a gaveta de talheres. Não achou as facas grandes que sua mãe costumava usar. Viu apenas um batedor de bifes de madeira maciça. Não teve outra escolha. Parou diante da passagem da cozinha para o corredor, respirou fundo e soltou o ar bem devagar. Seguiu pé ante pé, com a mão erguida acima da cabeça. Os olhos atentos a qualquer movimento e os ouvidos alertas. Ainda se sentia um pouco tonto e fez um grande esforço para não cambalear. Parou. Olhou para a sala. Até onde sua visão alcançava, não viu ninguém. Grudou seu corpo na parede e foi rastejando até a porta. Esticou o pescoço e fez um movimento com a mão, como se quisesse atacar alguém com o batedor de bifes. Não havia ninguém na sala.

Viu a câmara caída perto do sofá. Estava de lado, escorada no pé do móvel. Quando deu o primeiro passo para pegá-la, ela escorregou e caiu completamente, disparando o flash na direção de Miguel. O clarão, que não durou mais do que uma fração de segundos, fez aparecer um rosto diante dele. O susto foi tão grande que Miguel deu dois passos para trás, esbarrando no marco da porta e deixando o batedor cair quase em cima do próprio pé. Nítidamente ele tinha visto um rosto, mas não quis acreditar.

Brincou com aquilo. Pensou nas nuvens que inspiram brincadeiras entre crianças e adultos, os quais procuram figuras conhecidas em suas formas. Deveria ter sido apenas uma ilusão, nada mais. Pegou a câmera e ficou surpreso ao ver que estava travada.

“Se estava travada, como poderia ter disparado o flash?”

O sangue que viu na poça de vômito e que depois desapareceu, o clarão que o acordou e a agora a câmera travada disparando o flash.

“É. Estou mesmo bêbado. Melhor tentar dormir de novo.”



No dia seguinte, depois de curar sua ressaca da vodka barata, saiu à procura de trabalho. Sentou-se numa escada do metrô com os classificados na mão. Era um exemplar da semana anterior. Não podia se dar ao luxo de comprar jornais, sendo que mal conseguia tomar um café na padaria. De vez em quando, pegava jornais no lixo ou em pequenos comércios e podia procurar emprego nos classificados. Claro que, na maioria das vezes, as vagas já tinham sido preenchidas ou o emprego não era bem aquilo que esperava. Como certa vez em que descobriu que “precisa-se de jovem para trabalho artístico em local discreto” era na verdade “precisa-se de rapaz para dançar nu em cabines de voyerismo”.

Já estava fechando o jornal quando viu o anúncio de uma funerária, o que o fez lembrar do cemitério e do zelador que o ajudara no dia anterior. Estava com a camisa do homem na mochila.

Dentro do vagão do metrô, já a caminho do cemitério, Miguel tentou pensar em algo que o tirasse daquela situação em que se encontrava. Pensou em vender a câmera. Conseguiria dinheiro para comer bem por alguns dias pelo menos. Por outro lado, poderia tentar tirar fotos inusitadas ou mesmo buscar flagrantes pela cidade para vender para jornais ou revistas. Poderia dar certo, mas com certeza demoraria mais tempo, principalmente sendo um fotógrafo amador.

Quando lhe passou pela cabeça mostrar a câmera para um conhecido que fazia mil trambiques com eletroeletrônicos, sons, máquinas fotográficas e outras parafernálias, uma coisa lhe chamou a atenção. A composição do metrô havia entrado numa espécie de túnel semi-aberto, que possuía frestas de ventilação no teto. Era, na verdade um viaduto ferroviário, que passava sobre a principal avenida da cidade. Aqueles facho de luz se refletiam na janela à sua frente, revelando-lhe a forma de um rosto masculino. Instintivamente, olhou para o lado. Não havia mais ninguém de pé a não ser ele mesmo. E aquele rosto refletido, definitivamente, não era dele. Seu coração disparou. Era medo.

“Mas medo de quê?”, ele se perguntou.

Não conseguiu se lembrar com exatidão do rosto que viu na noite anterior quando o flash da máquina disparou em sua sala, mas podia jurar que tinha alguma semelhança com aquela imagem na janela do vagão e isso o deixou ainda mais assustado. A composição foi diminuindo a velocidade e rosto desapareceu. Estavam parando numa estação.

Ficou olhando para a janela, esperando ver novamente o rosto, quando uma garota pediu licença para que

pudesse descer. Alternando seu olhar entre a janela e a garota, Miguel a acompanhou com os olhos até que, do lado de fora, ela cruzou com um homem que lhe deu um pequeno esbarrão. Deu para notar que ela resmungou alguma coisa com o bêbado e isso o fez sorrir, como se estivesse tentando espantar o medo que ainda sentia.

Antes das portas se fecharem, o homem se escorou na lateral do vagão e olhou para Miguel com os olhos vermelhos e um pouco cerrados. Colou seu rosto no vidro e tentou falar alguma coisa. Seu bafo deixou o vidro levemente embaçado e naquele lugar surgiu uma palavra. Miguel se esforçou para ler, enquanto ela sumia aos poucos. *REVEL.*



Pouco tempo depois, chegou ao seu destino. Miguel se aproximou da casinha de “Seu” Francisco e escutou uma música. Reconheceu-a como *Midnight Special*. Aprendera a gostar de Creedence com seu falecido pai, que tinha praticamente todos os discos da banda. Sorriu lembrando da imagem de seu pai, chapado, dançando e fazendo os gestos de quem toca uma guitarra imaginária.

Bateu na porta repetidas vezes, mas não houve resposta. Pensou que o velho poderia estar tomando banho ou mesmo dormindo. Resolveu esperar um pouco, andando entre os túmulos. Nunca tinha visitado o túmulo de seu pai e nem ao menos se lembrava de onde fora enterado. Foi andando despreocupadamente, olhando os nomes nas lápides, contando com um pouco de sorte para encontrar o túmulo desejado.

Ao passar para a primeira quadra, próxima à entrada principal, ouviu um choro. Viu uma mulher jovem, parada em frente a um túmulo. Ela estava de lado e Miguel via apenas seu perfil. Mesmo assim, aquele rosto o encantou. Tirou a máquina fotográfica da mochila e clicou imediatamente.

“Que menina linda!”

Outro clique e foi surpreendido pela pergunta.

— Por que está tirando fotos minhas? — ela nem sequer olhou em sua direção e Miguel, meio sem graça, tentou se explicar.

— Por favor, não me leve a mal. Gosto de fotografar e você é tão linda... — E olhando seu corpo de cima a baixo, completou: — Não pude resistir.

— Linda? — fez uma pequena pausa, passando a mão no rosto, no lado oposto ao que podia ser visto por Miguel. — Sim, eu era linda, porém não sou mais.

— Ora, como não? Estou vendo você.

Miguel não conseguiu disfarçar o sentimento de repulsa quando a garota se virou. Metade do rosto era perfeito. Traços finos e contornos delicados. Mas o outro lado era marcado por profundas cicatrizes e hematomas. Ele chegou até mesmo a inclinar levemente seu corpo para trás e a garota levou a mão ao rosto, tentando esconder as marcas.

— Oh, meu Deus! O que houve com você?

— Acidente de carro. Estilhaços do pára-brisa. — Ela olhou novamente para o túmulo e completou: — Toda a minha família morreu.

— Lamento. — Fez uma pequena pausa enquanto admirava o lado perfeito de seu rosto. — Esse túmulo...

— Meu pai. O único corpo encontrado. O carro caiu num rio e todos os outros foram levados pela correnteza.

Miguel virou-se para a lápide e ficou sem saber o que dizer. Não sabia se continuava a conversar, se tentava dizer algo para consolar a garota ou se simplesmente pedia desculpas e saía. Se distraiu por um momento e, quando voltou seu olhar para a garota, ela já não estava mais ao seu lado. Olhou ao redor, olhou para o portão de saída, mas não a viu. Porém, ao olhar para baixo, encontrou-a caminhando entre os túmulos mais antigos do cemitério, próximos ao bosque. Achou melhor não incomodá-la e então voltou para a casinha do zelador. Bateu insistentemente. Novamente, não houve resposta. Pensou em deixar a blusa na porta, com um bilhete de agradecimento, mas ficou com medo de alguém roubar. Decidiu voltar no dia seguinte.

De trás da porta, o zelador o observava por uma fresta. Quando Miguel cruzou o portão principal, Francisco disse, em voz alta:

— Ele foi embora. Pode sair.



Chegou em casa um pouco tarde. Para economizar, veio a pé desde a estação do metrô. Cerca de cinquenta minutos de caminhada. Em vez de pagar o ônibus, comprou dois pãezinhos e um copo de leite. Assistiu um pouco à TV, tomou um banho e foi se deitar.

Ao amanhecer, como resultado de outra noite maldormida, Miguel acordou com uma terrível dor de cabeça. Novamente, sonhou com as fotografias penduradas no

varal. Além do estranho sonho, acordou várias vezes durante a madrugada com o som de passos do lado de fora da casa. Em uma das vezes, arriscou-se a olhar pela janela e viu um vulto esquivando-se atrás de uma árvore. Ficou observando por um tempo, mas não viu mais nada de suspeito. Deitou-se novamente e conseguiu dormir um pouco, até acordar com um clarão no quarto. Com os olhos arregalados, ainda pôde ouvir o zumbido do flash se recarregando. Pulou da cama rapidamente e abriu a mochila. Verificou a câmera. Estava travada.

“Eu não bebi ontem. Devo estar ficando louco. Ou então essa coisa está amaldiçoada.”

Depois de tomar um café ralo, feito com o pó raspado do fundo da vasilha, pegou sua mochila e saiu. Passou no mercado da esquina e pegou a folha de classificados de um jornal de dois dias atrás. O comerciante estava tão acostumado com aquilo que já separava os classificados para Miguel. O restante do jornal servia para embrulhar copos e pratos vendidos na loja.

Rodou o dia todo à procura de emprego. Pensou novamente em vender a câmera, mas resolveu esperar mais alguns dias, depois que conseguiu ao menos preencher uma ficha numa loja de ferramentas. Já passava das quatro da tarde. Estava com fome e com pouco dinheiro. Lembrou-se do zelador. Por hoje, ele poderia tentar ao menos tomar um café com o novo amigo. Economizaria assim mais alguns trocados. Teria que gastar com o metrô para chegar ao cemitério, mas, de qualquer maneira, ele tinha que devolver a camisa do homem.

“Com aquele trabalho e morando naquela casinha simples, dentro do cemitério, ele não deve ter muitas roupas.”

No caminho, teve a sensação de estar sendo seguido. Olhou para trás várias vezes, procurando alguém suspeito. Sentiu que alguém o observava de perto. Teve receio de que fossem aqueles homens novamente, mas não conseguiu comprovar a suspeita.



Já no cemitério, Miguel viu que o zelador estava ocupado, ajudando num enterro. Foi até a quadra que ficava próxima da casinha e sentou-se sobre um dos túmulos. Pegou a câmera na mochila. Estava limpando a lente quando ouviu uma voz bem ao seu lado.

— Você não acha que isso é falta de respeito?

— Mãe do céu! — quase deixou a câmera cair de suas mãos, com o susto que levou. — Você me assustou! Não te vi chegando. — Colocou a mão sobre o coração, sentindo-o disparado.

— Não acha? — insistiu a garota.

— O quê? Não acho o quê?

— Uma falta de respeito você se sentar em cima dos túmulos.

— Bem, eu... — fez uma pequena pausa e deu de ombros, antes de continuar: — Na verdade, não. É só um símbolo. Um buraco com um corpo dentro e... — Então, lembrou-se de que ela havia perdido a família e estava fragilizada com aquilo tudo. Percebeu que havia falado besteira. — Me desculpe. Eu, eu não quis ofender seu pai. Não estou no túmulo dele, estou? — perguntou num misto de constrangimento e preocupação.

— Não. Mas isso não faz diferença, faz? Já que tudo é um buraco para você.

— Não, por favor. Não me entenda mal. É só que... — Desceu do túmulo no qual estava sentado e continuou tentando explicar seu ponto de vista. — É que eu não levo muito a sério essa coisa de morte, sabe? Quero dizer, acho que não adianta a gente ficar chorando porque alguém se foi. Procuro me lembrar da pessoa como era em vida. Das palavras, do sorriso, do cheiro. E não de um corpo enfiado debaixo da terra.

A garota adiantou dois passos em direção ao túmulo de seu pai, fez uma pequena pausa e, passando as mãos sobre a lápide, retrucou:

— Mas não é bem assim. Não é só um pedaço de carne jogado num buraco. É muito mais do que isso, acredite.

Sem perceber, Miguel estava encarando as cicatrizes da garota. Como se estivesse hipnotizado por aquele rosto, metade lindo, metade destruído, balbuciou a primeira coisa que lhe veio à mente, tentando iniciar uma conversa mais amena.

— Você tem vindo aqui todo dia? — falou tão baixo que pensou que ela não teria ouvido, mas, antes que pudesse repetir a pergunta, ouviu a resposta.

— Sim. Desde que meu pai foi enterrado — suspirou e olhou para o céu. — E algumas vezes vou até o local do acidente, na saída da cidade, na esperança de encontrar algum vestígio ou mesmo alguma notícia por parte das autoridades. Fico achando que vou chegar lá e saber que encontraram os outros corpos.

— Entendo. Onde você mora?

— E por que eu lhe contaria? — voltou seu olhar para Miguel e continuou séria. — Não te conheço. Não

confio em você. Não sei o que você quer de mim. Não sei se você é louco ou algo assim.

— Você é sempre sincera desse jeito? — sorriu meio sem graça.

— Só quando eu quero. — Olhou para a câmera de Miguel e ameaçou dizer algo. Encarou o rapaz, tentou novamente falar alguma coisa, mas desistiu. — Preciso ir.

— Espere! Me diz o seu nome pelo menos.

— Rita.

— Bonito nome. E você tem algo pra fazer esta noite, Rita?

— Não, mas com certeza também não farei nada junto com você.

— Gostei de você — caiu na risada. — Muito sincera! Continuou rindo e olhando-a com uma certa admiração. E, pela primeira vez, viu-a sorrindo. Rita se rendeu e mostrou como era belo seu sorriso, mesmo com o rosto deformado. Depois disso, virou-se e saiu sem dizer nada. Apenas fez um gesto com a mão, dando tchau.

Francisco, o zelador, veio na direção de Miguel com a mão estendida e um sorriso acolhedor.

— Tudo bem, menino?

— Como vai, “Seu” Francisco? Trouxe a camisa. Eu vim ontem, mas não encontrei o senhor.

— Ah, eu tive que sair. Foi uma coisinha de última hora. Vem comigo. Vou fazer um cafezinho pra gente.

Era tudo o que queria. Um café. E, com sorte, alguns biscoitos. Quando começaram a subir as escadinhas que davam acesso à pequena moradia, Francisco parou ao avistar um homem no portão principal.

— Ô, menino, vai na frente. Pode entrar e me esperar lá dentro. Não vou demorar. Só vou ali ver o que aquele moço quer.

Ele seguiu até o portão e Miguel subiu as escadas. Francisco conversou por alguns minutos com o homem. Parecia assustado com alguma coisa. Coçou a cabeça e olhou na direção de Miguel, parado na porta e esperando, apesar das recomendações do zelador. O homem então saiu do cemitério e entrou num carro estacionado próximo ao portão principal. O veículo não saiu do lugar e Francisco retornou.

— Algum problema? — Miguel perguntou, notando a expressão triste no rosto do zelador.

— Um amigo meu morreu. Tem dois dias já, mas só agora fiquei sabendo. — O homem parecia mesmo abalado, e mantinha o olhar fixo na câmera de Miguel, que percebeu aquilo, olhou para a câmera e em seguida a guardou na mochila.

— Acho melhor ir embora. Outro dia tomamos esse café.

— Não — o zelador falou alto, ao mesmo tempo em que segurou firme o braço de Miguel. No entanto, ao notar que o rapaz ficou assustado com a atitude, soltou-o e baixou o tom de voz. — Por favor, fique. Vou fazer o café que te prometi. Tem uns biscoitinhos caseiros que ganhei da Dona Marta, uma viúva que vem sempre visitar o marido. São muito gostosos.

Diante da oferta tentadora dos biscoitos, Miguel entrou e os dois conversaram durante horas. O zelador evitou falar do amigo que havia morrido. Mudava de assunto sempre que Miguel arriscava alguma pergunta sobre ele. Francisco então começou a contar histórias de pessoas

mortas que apareciam no cemitério de vez em quando e Miguel achou graça.

— Ah, faça-me o favor! Fantasma? Não vai me dizer que o senhor acredita em fantasmas, “Seu” Francisco! Acho que está trabalhando aqui há muito tempo. Já está ficando doido — disse, rindo do velho zelador.

— Mas é por isso mesmo que sei o que tô te falando, menino. Já vi muita coisa estranha acontecendo aqui.

— Qual é, “Seu” Francisco? Fantasmas só existem em filmes e livros.

— Por que tem tanta certeza disso?

— Ora, porque eu nunca vi nenhum. E se eu não posso ver ou tocar, não existe. Não acredito nessas bobagens. Morreu, acabou. Fim! Passou dessa pra outra. Só fica a carcaça, o esqueleto.

Francisco levantou e foi até um armário improvisado com caixotes e serviu-se com um copo de rum. Colocou uma dose em outro copo e a deu a Miguel. Em seguida, com um tom de voz meio irônico, prosseguiu a conversa:

— O menino tem celular?

— Não tenho dinheiro nem pra comer, meu amigo, quanto mais pra gastar com celular.

— Mas ouve rádio.

— Sim, ouço. Mas o que tem isso a ver com nossa conversa?

— Câ vê as ondas do rádio? Pode pegar?

— Ah! Não tem como comparar isso com fantasmas né, “Seu” Francisco?

— Só tô tentando te mostrar que nem sempre tudo que existe a gente pode ver, ué.

Quando Miguel abriu a boca para dizer que estava na hora de ir embora, um estrondo o fez pular da poltrona. Uma tempestade estava chegando. Francisco, que estava próximo à janela, viu os primeiros pingos caírem.

— É, menino, essa vai ser pra arrebentar. E, pelo que tô vendo, não vai passar tão cedo. E já é tarde. Melhor dormir aqui hoje.

— Não quero incomodar. É só uma chuva.

— Não me incomoda não, menino. Olha, o sofá é meio duro, mas dá pra dormir. Ou tá com medo dos mortos?

— Medo dos mortos? Eu? — pensou nas coisas que estavam na mochila e que não podiam se molhar. — Tudo bem, vou ficar. Então me conte mais histórias inusitadas.

— Pra quê? — Francisco deu de ombros. — Cê não acredita em nada do que eu falo!

Bastou beber mais algumas doses de rum e contar duas histórias de fantasmas e o velho zelador apagou. Roncou como um porco a noite toda. Miguel descobriu que o sofá era mais duro que imaginava e não conseguiu sequer cochilar. A chuva não diminuía e os relâmpagos ainda eram constantes.

Estava olhando para a fresta embaixo da porta, brincando de contar quantos relâmpagos surgiam por minuto, quando viu uma sombra passar. Arregalou os olhos. Alguns segundos depois e novamente percebeu uma sombra. Dessa vez ela ficou parada em frente à porta. Parecia uma pessoa. Ele se levantou e foi até a cama do zelador. Chamou por ele, cutucou, sacudiu e nada. A única coisa que conseguiu foi fazer com que ele parasse de roncar.

Morrendo de medo, foi até a porta. Havia uma falha entre o batente e a fechadura. Era suficiente para ver quem era do outro lado. Abaixou-se para olhar pelo buraco, mas um trovão absurdamente forte o assustou, fazendo com que se desequilibrasse. O susto serviu para que perdesse o medo e, subitamente, abriu a porta.

Não havia ninguém. Olhou para a escadinha e nada. Chegou mesmo a sair na chuva e olhar nas laterais da casa. Nessa hora, pensou ter visto alguém pulando o muro atrás da casinha. Depois de olhar um pouco mais ao redor da casa, voltou, fechou a porta e foi até o banheiro. Enxugou seu rosto e, quando passava a toalha no pescoço, abriu os olhos e gritou ao ver a face de um homem desconhecido no espelho. Um segundo. Talvez dois, até que um relâmpago iluminou o banheiro e a imagem do homem desconhecido foi substituída pelo apavorado rosto de Miguel. Mal se desfez do susto e percebeu, pelo espelho, algo escrito na parede atrás dele. Virou-se e pôde ler claramente: “Revele as fotos.” Parecia ter sido rabiscado com uma pedra, canivete ou algo pontudo como uma chave.

Por volta de seis da manhã, a chuva parou e Miguel não quis esperar o zelador acordar. Pegou suas coisas e saiu. Quando cruzou o portão, foi surpreendido por Rita.

— Que bom que te encontrei aqui!

— Rita? O que faz aqui tão cedo?

— Vim me despedir. Finalmente encontraram os outros corpos ontem no final da tarde. Agora ficarei mais tranqüila.

— Mesmo? Que bom! Quer dizer, eu não quis dizer que é bom o fato de... — ela sorriu com a timidez dele e tentou acalmá-lo.

— Não se preocupe, meu amigo. Eu entendi. — Ficou olhando nos olhos de Miguel por um instante e disse: — Eu não vim só para me despedir. Preciso te dizer uma coisa.

Miguel teve a sensação de que não gostaria do que iria ouvir. Pensou nas histórias que Francisco lhe contara na noite anterior e teve medo de saber que Rita poderia ser uma garota morta. Gaguejando um pouco, arriscou a pergunta:

— E-e o que v-você tem a me dizer?

— Um recado. — Ela percebeu que ele estava nervoso e com medo. — Quer dizer, eu acho que é um recado. Tive um sonho com você.

— Um sonho comigo? — perguntou aliviado.

— Sim. No sonho eu estava com a sua câmera nas mãos e dizia que era muito importante que você revelasse o filme que estava nela. Que as fotos eram importantes.

Miguel teria preferido ouvir que ela era um fantasma. Seu coração parecia ter parado de bater. Olhos arregalados, as imagens vindo à sua mente. O rosto, a palavra *REVEL*, o sonho com os pássaros, “revele as fotos”, e agora o sonho de Rita. Tudo ao mesmo tempo na sua cabeça. Ficou sem reação. E a garota continuou:

— Estranho, não? De qualquer forma, não poderia ir embora sem antes te contar isso.

— D-desculpe, Rita. Preciso ir. Preciso ir. — Nervoso, saiu trombando num garoto que ia à escola. Olhou assustado para Rita, que ficou parada no portão. Mais alguns passos e saiu correndo pela rua.



No seu quarto, sentado na cama e escorado na cabeceira, Miguel não conseguia tirar a frase da cabeça. “Revele as fotos.” Lembrou-se do bêbado no metrô. A palavra incompleta na janela do vagão, *REVEL*. E o estranho sonho de Rita.

“Como ela sabia que eu estava no cemitério?”

Tentou cochilar um pouco, mas, quando fechava os olhos, via o rosto do homem no espelho. Começou a suar frio. Pensou estar ficando louco. Olhou para a mochila.

“Tenho que revelar esse filme.”

De repente, lembrou-se de algo que poderia dar certo. Há muito tempo, tinha feito um curso de revelação de fotografias e ainda tinha um material guardado. Correu até o guarda-roupa e procurou pela caixa onde guardava tudo. Jogou todas as roupas no chão, álbuns de família e objetos pessoais. Começou a falar sozinho.

— Mas que diabos! O que está acontecendo comigo? Estou ficando doido? E onde eu guardei essa droga dessa caixa?

Finalmente, encontrou-a. Fechou-se na dispensa da casa, improvisou vasilhas, fez um varal com um barbante, tampou as frestas da janela com um cobertor e começou a revelar.

Algumas fotos saíram com borrões brancos no meio, inclusive as fotos que havia tirado de Rita.

“Droga. A queda naquele buraco deve ter danificado a câmera”, pensou, um pouco desanimado. Mas as últimas fotos reveladas, que na verdade eram do início do filme, fizeram Miguel suar frio.

— Meu Deus! São aqueles caras que estavam me seguindo! — Olhando mais atentamente para uma das

fotos, reconheceu outro rosto. — E esse homem? Eu já vi esse homem em algum lugar.

Buscou em sua mente a imagem daquele rosto. Num estalo de dedos, correu até a mochila e pegou o jornal de dois dias atrás. No caderno policial, a foto de um empresário encontrado morto na pedreira abandonada, na saída da cidade. Era o mesmo homem das fotos que acabara de revelar.



Ficou sentado naquela cadeira desconfortável por mais de quatro horas, repetindo sua história e aguardando a confirmação de algumas informações. O delegado olhou várias vezes para as fotos, fez anotações, ligou para um legista e pediu mais informações aos investigadores.

— Muito bem, meu jovem. Parece que sua história é verdadeira. Mas vou ter que te pedir para repeti-la mais uma vez, para que seja registrada pelo escrivão.

— Bom, eu estava sentado num banco no ponto de ônibus, procurando emprego nos classificados, quando ouvi um carro virando a esquina em alta velocidade. Levantei a cabeça e vi um cara atravessando a rua. O carro o pegou em cheio e suas coisas voaram pro alto. A câmera veio parar perto das minhas pernas. O cara ficou estirado no chão e, antes que alguém pudesse fazer alguma coisa, o carro freou um pouco mais adiante e voltou de ré. Eles passaram por cima do cara sem piedade. A cabeça dele foi esmagada pelas rodas.

— E você então pegou a câmera, certo?

— Sim. Eu vi o cara todo arrebitado e, como estava sem dinheiro, pensei que aquela câmera podia me

valer uma grana. Eu precisava comer. O cara não ia precisar dela estando morto. Então peguei e saí andando. Mas os caras dentro do carro perceberam e um deles gritou pra eu largar a câmera. Não sei o que me deu e saí correndo. Dois deles saíram do carro e vieram atrás de mim. Consegui escapar, me escondendo no cemitério. E hoje, quando revelei o filme que estava na câmera, resolvi procurar a polícia.

O delegado fez um sinal para que o escrivão paras-se de registrar o depoimento. Já era suficiente.

— Muito bem, Miguel. Graças a essas fotos, agora sabemos quem foi responsável pela morte do empresário e pelo atropelamento do fotógrafo.

— Então o cara atropelado morreu por causa disso?

— Tudo indica que sim — enquanto falava, o delegado pegou os documentos do fotógrafo atropelado e os colocou diante de

Miguel. — Não sabemos como ele foi parar no local do crime, mas com certeza foi descoberto e perseguido. Era assim o rosto dele antes de ser esmagado pelo carro.

Um arrepio gelado lhe subiu pelo corpo ao ver os documentos. Reconheceu o rosto da janela do metrô, da sua sala e do espelho do banheiro da casa do zelador. O delegado estava olhando novamente as fotos e por isso não percebeu o pavor nos olhos de Miguel. Apenas continuou a falar:

— Esses caras trabalham pra gente perigosa. Muito perigosa. Você deu muita sorte de escapar vivo. Vou pedir pro Roberto te explicar como funciona nosso programa

de proteção para testemunhas. Se eu fosse você, aceitaria entrar.

Miguel estava sem fala. Um dos investigadores que estava na sala se levantou, tirou os documentos das mãos de Miguel e se apresentou. Era o tal Roberto.

— Venha comigo. Vou explicar como funciona tudo, e quero também te levar a um lugar. Sei de alguém que vai querer saber o fim dessa história.

Os dois entraram no carro do investigador. O mesmo carro que estava parado no lado de fora do cemitério na noite anterior, antes da tempestade. No caminho, Roberto explicou que Miguel teria que mudar de nome e de cidade. Mas ganharia uma casa pra morar e um emprego fixo.

Depois de se certificar de que Miguel havia entendido tudo, Roberto mudou de assunto, contando-lhe que era sobrinho do “Seu” Francisco do cemitério. E que, desde o dia em que Miguel aparecera no cemitério pela primeira vez, ele o estivera seguindo. O tio havia reconhecido a câmera e o chamara, achando que se tratava de um furto.

— Meu tio conhecia o fotógrafo. Era amigo dele. Quando tirou você daquela cova, reconheceu a câmera. O cara ia todas as tardes ao cemitério tirar fotos dos túmulos. Gostava das cores do pôr-do-sol sobre as lápides. Era meio doido, sabe?

— Reconheceu a câmera? Como?

— Na alça, onde está bordada a marca Nikon, o fotógrafo pintou de preto as letras ON em todos os bordados. Ficou *Niké*, uma brincadeira com o próprio nome, Nicolas.

— Então, por que seu tio me deixou ir embora?

— Ele não poderia fazer nada. Por isso, me ligou e passou seu endereço.

— Meu endereço?

— Sim. Uma conta de água no seu bolso.

Chegaram ao cemitério e Roberto voltou a falar do crime.

— Os outros corpos só foram achados ontem. Os legistas encontraram no sangue de todos eles uma substância que derruba até um elefante. Eles doparam a família para não ter que amarrá-los dentro do carro. Queriam que parecesse um acidente.

Deram alguns passos dentro do cemitério e o investigador apontou para um grupo de pessoas que estavam num enterro.

— Depois que você levou as fotos, pouco antes do almoço, não havia mais porque segurar os corpos no IML. Os parentes e amigos pediram a liberação. O enterro está sendo agora. Parece que meu tio está ajudando. — Uma pausa, enxugando o suor do rosto, e Roberto se lembrou de mais um detalhe: — Você precisava ver a filha do casal. linda demais! Era modelo profissional, mas a coitada teve o rosto todo cortado pelo vidro do carro. Ficou horrível.

Enquanto o investigador falava, Miguel avistou Rita acompanhada de um casal e de um garoto, andando em direção ao bosque nos fundos do cemitério. Ela se virou, sorriu para Miguel e acenou. Era um adeus. Simplesmente desapareceram no ar antes de chegarem às árvores.



Digitalização/ Revisão: YUNA

TOCA DIGITAL

FANTASMAS!

Desde que a humanidade começou a formular seus primeiros pensamentos racionais, algumas perguntas pairam sem resposta:

Haverá vida após a morte? Existe realmente uma alma imortal? E se existir, poderão algumas delas continuar vagando entre nós, invisíveis, impregnadas de sentimentos conflitantes e por vezes perversos, manipulando nossos medos e povoando nossos piores pesadelos?

Em cada uma das sete histórias que compõem este volume uma situação nova surgirá, reacendendo estas dúvidas, jogando-nos de cabeça numa realidade cruel, na qual a morte, ao invés de um alívio, na verdade é o início de um horror ainda maior.

Necrópole — histórias de fantasmas é o segundo volume de uma coleção dedicada à nova nata do suspense e do terror. A cada livro, um tema diferente, sempre com escritores brasileiros, que apresentam histórias distintas, mas o mesmo cenário: a Necrópole, metrópole que noite e dia digere nossas almas, gerando em seu ventre cadáveres célebres e assassinos anônimos.

NECRÓPOLE



volume 2

EDITORIA
ALAÚDE

